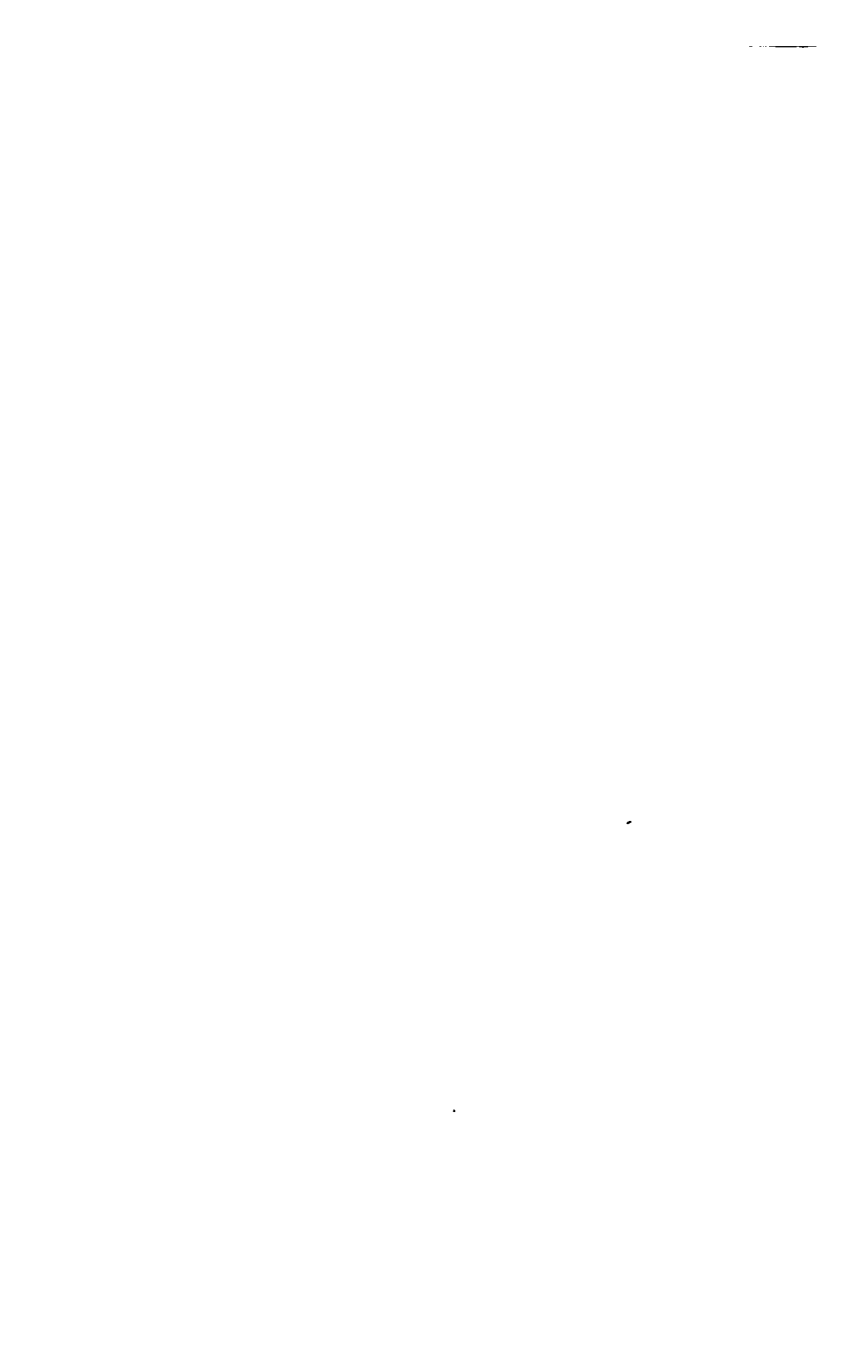




Belle Hermit Roo

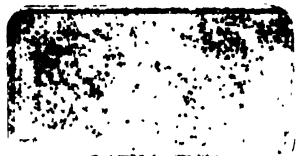




Belle Hermit Roosevelt



Belle Hermit Roosevelt





1

1

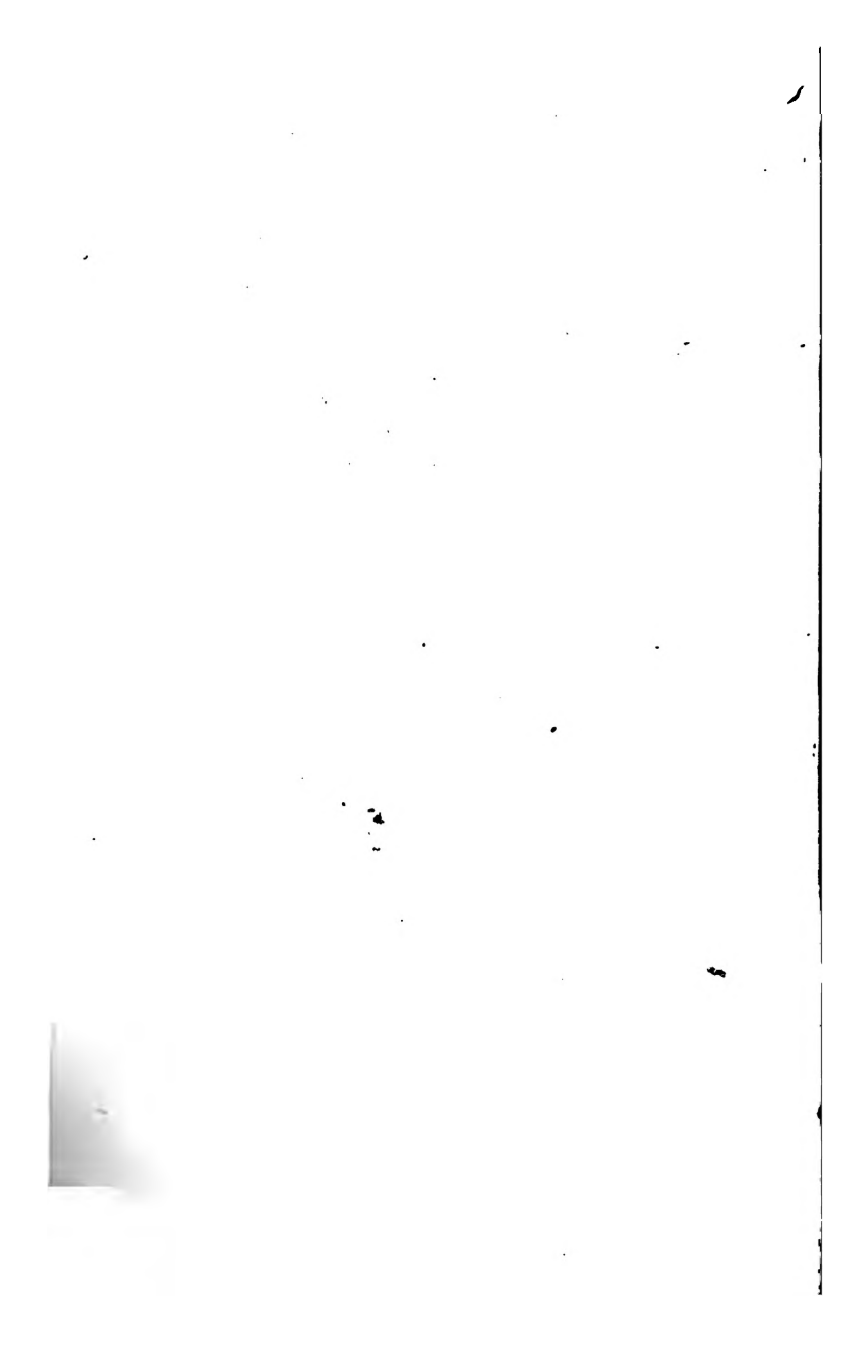
A

CONTOS PHANTASTICOS



2

CONTOS PHANTASTICOS



Rennet Rosewell

São Paulo

CONTOS 1913.

PHANTASTICOS

POR

THEOPHILO BRAGA



LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

RUA DO CALAFATES, 110

—
1865



Meu caro Editor

Disse-me que esperava um prologo, para começar a publicação dos *Contos*; lembrou-me escrever-lhe um capitulo de esthetica sobre esta fórma litteraria. O publico não gosta de abstrações. Por minha vontade desistia do promettido; limito-me porém a algumas considerações historicas.

A fórma do *conto* é de origem oriental. As fabelas de Bidpaï foram o primeiro ensaio para fazer sentir uma moralidade abstracta por meio de uma ficção interessante. É pelo seculo xii que esta criação do genio do oriente apparece na Europa, imitada na *Disciplina Clericalis* de Moysés Sephardi, conhecido depois da sua conversão ao christianismo com o nome de Petrus Alphonsus. A *Disciplina Clericalis*, escripta em latim barbaro, para ensino dos clerigos, compõe-se de trinta e sete contos e

apophtegmas, que o auctor imagina dados por um arabe a seu filho na hora da agonia. A popularidade do livro foi dispendo os animos para a cultura d'esta fórma litteraria.

O *Conde de Lucanor* de D. João Manuel, algumas das ficções do *Gesta Romanorum*, o *Decameron* de Boccacio, as *Cartas de Cantorbery*, ressentem-se bastante do livro do judeu convertido de Huesca ¹.

Uma creação do genio celtico e germanico é o mundo feério; elaborada lentamente na phantasia popular, animada n'esses typos de Melusina, Morgane e Urgante, dos trovadores da edade média, cantada depois nos galanteios de Boiardo e Ariosto, Spencer e Shakespeare, tornou-se o divertimento infantil dos *Contes bleus*, os contos de fadas, colligidos nas *Notti piacevoli* de Straparole, publicadas no seculo xvi, e no *Pentamerone* de Giam battista Basile em 1637 ².

O conto é a fórma litteraria da legenda. Boccacio no *Decameron*, n'aquellas transições instantaneas do ridiculo ao pathetico, revela uma face profunda da historia, o estado dos espiritos na terrivel

¹ Ticknor, Hist. da Litter. Hesp. pag. 68, not. 3.

² Alfred Maury, Fées du Mayen-age, pag. 101.

peste de 1348. A imaginação era tão perigosa como o contagio; a distração calculada, o prazer egoista dos jardins de Pampinea, a indiferença, o scepticismo que se desenvolve nas grandes calamidades, só podiam suspendel-a na sua exaggeração do terror ³. Nos contos da idade media ha uma mistura de devoção e desenvoltura; no *Heptameron* da rainha de Navarra, as aventuras cavalleirosas, as intrigas de amor, os padres e monges seduzindo as noviças, entretecem-se com reflexões moraes, e de *quelque leçon de la sainte Ecriture*. É a mesma antithese fatal que parodia a exaltação religiosa nos ritos grotescos da egreja. A idade média retratou-se em todas as suas creações, mesmo no *fabliau* e no conto.

O conto é a passagem do fabulario para a linguagem da prosa, ingenua, rude, de uma franqueza maliciosa muitas vezes, e desenvolta. O conto era uma situação inventada para aproveitar um dito feliz, um repente engenhoso dos serões das côrtes e dos castellos; nasceu d'aquelle genio dramatico primitivo, com que Froissart narrava a historia.

Demogeot, na sua *Historia da litteratura franceza*, considera os contos do seculo xvi, como alheios ao desenvolvimento intellectual; é uma affirmação

³ Michelet, Hist. de France au siècl. xiv, pag. 340.

menos verdadeira por absoluta. A actividade d'este periodo, a fecundidade e originalidade verdadeiramente cahoticas reproduzem-se em Rabelais, o creador de *Gargantua e Pantagruel*.

A renascença com as ficções gregas e romanas desnaturára o conto. No seculo xvii elle torna-se volumoso, arrebicado de galanice e galanteria amaneirada. As atenções tinham refluído sobre os trabalhos philosophicos, ficaram as creações imaginativas em poder das Gamberville, de Scudery, de La Calprenède e quejandos, que as alongaram fastidiosamente com pieguices sentimentaes, por essas series indefinidas de volumes da *Polexandra*, *Caritea Cytherea*, *Cassandra*, *Pharemundo*, *Ibraim ou o illustre Bassa*, *Artamene ou o grande Cyrus*, *Clelia e Almahide*. Os heroes apaixonados são Anacreonte conversando em amaveis versos, Bruto e Lucrecia, Horacio Cocles e Clelia movidos pelos interesses da sociedade moderna; a magestade esculptural da antiguidade e da historia em presença das pequeninas intrigas amatorias tocára o cumulo do ridiculo!

O movimento, a convulsão philosophica do seculo xviii apparece tambem no romance e no conto. Lesage escarpelisa a natureza humana e o *Gil Braz* é a synthese das observações profundas; o abbade

Prevost analysa as paixões n'uma lucta intima, recondita e procura os sentimentos novos que scintillam dos que se embatem e se destroem. *Manon Lescaut* é uma das verdades eternas do sentimento humano, a contradição do que mais se aspira e idealisa, a vontade negando-se, mobilisando-se nos multiplices desejos que tumultuam na alma. Voltaire philosopha tambem nos seus contos. Diderot, sobretudo, a intelligencia mais robusta do seu tempo, mathematico, artista, creador pela reflexão e inspiração, reduz ao interesse do conto, á peripecia da acção as verdades mais abstractas. Na assombrosa maravilha d'arte, o *Neveu, de Ramau* mostra a maldade disfarçada em virtude pelas conveniencias; todos nos horrorisamos ao ver alli o nosso retrato; sentiamos aquillo, mas não tinhamos a coragem, a abnegação para dizel-o. O sobrinho de Ramau mostra-se infame, ao passo que é sublime de razão, porque diz tudo o que pensa. Vê-se agitarem-se n'aquelle cerebro em ebulição todos os processos intellectuaes. Na *Religiosa*, Diderot evoca as dores cruciantes e desconhecidas, soffridas nas trevas por um coração ingenuo, que é o ludibrio do interesse egoista, do fanatismo estúpido, e da superioridade brutal. Este conto por si é uma revolução latente.

A analyse delicadissima dos pequenos sentimentos que formam a grande luta na alma da *Religiosa* não é inferior ao quadro do quietismo de Michelet no processo da Cadière, e excede por vezes a profundidade com que Manzoni no *Promessi Sposi* retrata as agonias da desgraçada Gertrudes no convento de Monza.

Uma vez descobertos estes segredos do sentimento, o conto deixou de ser individual; o romance é o desenvolvimento de uma these da vida na sociedade. Richardson é a admiração de Diderot; Goëthe descobre Diderot á Allemanha, traduzindo a sua obra prima; elle mesmo isola os sentimentos do amor e o dever no *Werther* e chega pela arte á conclusão logica do suicidio.

Hoffmann, o caricaturista das paixões, de uma individualidade extravagante, nas creações abstruzas d'aquella imaginação de hypocondriaco deixalhes o incompleto do maravilhoso; mais tarde os editores dão aos seus contos o nome de *phantasticos*. Nos contos de Hoffmann ha uma serie de observações psychologicas, de impressões instinctivas que supprem a falta de imaginação; os seus contos são o diagnostico de uma alma doente. É o lado que os torna apreciaveis, apesar do capricho e gro-

tesco dos typos a que a mente hallucinada dá fórma. Os contos de Edgar Poë, a imaginação mais extraordinaria da America, têm o phantastico da insolubilidade dos problemas philosophicos que constituem a acção; tocam ás vezes a alta metaphysica. Tendo de transigir com as materialidades da vida, na esterilidade da indigencia pede a inspiração ao alcool; elle sente a excitação lucida que lhe dá a força espantosa da invenção, mas conhece já em si a tremulencia, que é a decomposição inevitavel, e exclama no tedio da fadiga — *Não ha peor inimigo do que o alcool!* Edgar Poë é a força da imaginação e do ideal supplantada pelo positivismo de uma sociedade manufactureira e orgulhosa do seu caracter industrial; nos seus contos ha a hallucinação prophetica da doudice.

A fórma do conto é estudada em todas as litteraturas da Europa; trazendo hoje a lume este pequeno trabalho, só nos inspira a boa vontade de corresponder ao movimento que observamos lá fóra. Que mais teriamos a dizer de um livro simples que lhe não desnaturasse a intenção.

Coimbra, 8 de março de 1865.

THEOPHILO BRAGA.

AS AZAS BRANCAS

I

7

Sempre o mesmo olhar doloroso! a mesma expressão de magoa, esse abandono, que é o tédio da vida! Como é que na flor dos annos, quando a existencia se purpurêa com todas as graças que se entrevêem apenas em sonho e se veste das alegrias que a rodeam, como uma creança enfeitando-se distrahida com as florinhas do horto, tu, bella, sentida, deixas reflectir pela transparencia de tua face pura um clarão palido e incerto como de agonias e desespero, como a phosphorecencia de um grande mar que se agita? Diante de ti sente-se uma pressão estranha, a mudez sagrada de uma grande floresta, um terror gélido, como na caverna de uma sibylla. Porque é que os teus vinte annos, as fórmas arrebatadoras do teu corpo de sylphide, que verga pela dôr, mais languido e gentil do que uma

palmeira solitaria embalada nas bafagens mornas vindas da amplidão remota do dezerto, como é que toda esta infancia, que te cinge com uma auréola de encanto e attractivos, me faz ter medo de ti, me prende a voz temerosa e anciada, que ouza ás vezes perguntar-te :

D'onde vieste? Em que scismas? Que véo te acena e chama de longe? Porque te escondes dos olhos que choram de ver-te assim desolada, na consternação de uma angustia intraduzivel por palavras humanas? Porque não falas, e nos contas o que soffres? Porque te deixas ficar horas esquecidas com a mão firmada ao rosto, suspensa n'uma contemplação divina, irradiante, de um modo, que ninguém ousa dizer se és da terra, se és a incarnação de alguma essencia archangelica, que anda errante no mundo a santificar o amor no soffrimento?

II

Ás vezes o teu semblante, onde se póde ler um enigma que se não traduz, tem a lividez da cera, e a claridade que parece conter em si o jaspe. Então julgo ver em ti uma santa, uma penitente que acha em cada successo da vida uma tentação oc-

culta nas apparencias mais risonhas, no folguedo mais descuidado e innocente, do mesmo modo que um áspide se esconde no alegrete das mais perfumadas flores ou o somno lethal na sombra da mancinella verdejante e copada, aberta ao sol, como uma escrava sustentando a umbella com que abriga do rigor das calmas a odalisca voluptuosa.

Os vinte annos são a alegria, a innocencia, a expansão; ainda não viveste bastante para provar o travor amargo da vida, não sabes conhecer a tormenta que ha de vir pela nuvem que negreja, nem a bonança pelo santelmo, nem os parceis pelo reflexo da vaga marulhosa, nem o porto pelo perfume embalsamado da terra. Tu passas na vida como um meteoro luminoso que não procura aonde ha de ir cair, como uma creatura somnambula que não vacilla, não hesita diante do abysmo que transpõe, nem deixa possuir-se da attração irresistivel porque não a conhece. A vida é assim para ti; passas descuidada do mundo, levada na ondulação saudosa d'essas vozes interiores que te segredam mysterios, mysterios que fazem sentir o desejo de voar para o alto, até perder-se no azul.

Os teus cabellos, quando os deixas cair destrançados sobre os hombros de marfim, levados pela

brisa vespertina que vem confidenciar contigo á janella, que olha para o occidente, os teus cabellos louros, extensos, são como as cordas de uma harpa, em que as imagens incoercíveis de teus pensamentos vêm falar do céu, do amor, no frémito ligeiro, quasi imperceptível d'essa vibração que só tu comprehendes.

Consternada, e muda como uma estatua, a Niobe grega, o teu silencio tem uma sublimidade prophetica; parece guardar a impressão do selo mais tremendo do Apócalypse, — a missão da mulher forte.

III

Quem sabe se é o amor que a leva assim para as solidões, como a pomba que vae esconder-se na rocha alpestre? O amor que esmalta a vida de harmonias e encantos, que acorda as virações para levarem longe o pollen fecundante, que abre o calyce das flores para as abelhas tocarem os nectarios delicados, que une o gemido do regato trepido com o ruido, brando que adormece, do canavial que orna as margens sinuosas? O amor é um abraço, a identificação; como podia divorcial-a com a vida, mudar a sua alegria n'uma tristeza que é como o

presentimento do sepulchro? Aquelle segredo incommunicavel opprime, como a sphinge propondo o enigma.

Ella cada vez estava mais desfallecida, pendia de cansaço, offegava; mas procurava illudir os desvelos da familia com um vigor que não tinha, como succede ao naufrago quasi a afferrar a terra, de que o refluxo da onda o afasta, e que hesita se deve lutar mais tempo, se deixar-se engolir nas voragens do oceano. Gravitaria ella em volta de um mundo, em que procurasse absorver-se, e a vida da terra, de cá, fosse como o refluxo que a impellia para longe? Pobre flor, que se debruça nas bordas da sepultura, será uma illusão tudo quanto a sua grande alma sente? Serão uma mentira todas as harmonias que se modulam lá dentro? O tapiz verde da relva fresca, lubrica, que a chama para vir doudejar ali n'um volteio feérico, febril, esconder-lhe-ha o lodo de um charco estagnado que a ha de engolir para sempre?

Tenho medo de vel-a assim, com os olhos fitos no horisonte, n'essa morbidez do extasis; a vertigem póde impellil-a, e precipitar-se, como a borboleta prateada e indiscreta. A sua alma eleva-se para o céu; porque vôa tão cedo para cima a ne-

voa da madrugada, de uma alvura brilhante? A andorinha quando parte, vôa na aza da rajada hyberna que a empurra.

Mas o mundo acarinhou-a sempre; porque se esconde e foge d'elle? Será a reminiscencia viva do foco de luz d'onde saiu, que lhe inspira tamanha anciedade, e lhe abre n'alma uma saudade tão viva, que mata? Ás vezes está tranquilla, immovel, como quem ouve a toada de um concerto mavioso que embala e com que se adormece. Oh, quem ousará despertal-a? Seria perturbar a crystalisação de uma gota de orvalho que se transforma n'uma perola. Outras vezes tem o olhar pavido, firme, como quem contempla e pasma ante uma visão immensa e augusta. Que apparição risonha virá falar-lhe? Eros na solidão remota da noite? Será o desejo de vel-o, o desalento do impossivel, que a fazem reconcentrar assim n'essa dor? Uma lagrima era a gota do oleo aromatico da alampada escondida; em vez de fazel-o desaparecer, envolto na nuvem branca e etherea, a lagrima trazel-o-hia como um grande astro que leva após si myriadas de planetas.

IV

A tarde declinava amena, festiva, com o ultimo lampejo de graça que deixa presentir já a melancholia do outono. Emma ergueu-se da mesa; o rosto estava deslumbrante de transfiguração, possuida do sentimento do infinito, que lhe dava uma expressão nova, excelsa, que se não podia fitar, semelhante á *Seraphita* elevada nas illuminações swedenborgianas, transpondo os precipicios icarios, inacessiveis dos *fjords* da Norwega.

N'aquella tarde parecia oppressa por uma agonia mais intima. Segui-a, queria admirar-a na altura a que se remontava, queria que me fizesse herdeiro do seu manto prophetico, no instante em que subisse no carro de fogo, como Elias. E ella era como a prophetisa do deserto. Aproximei-me. Estava serena e placida, como quem se mergulhara no oceano da contemplação. De mais perto vi que dormia, com um somno hypnotico. Ficára-lhe um sorriso estampado nos labios; parecia o involucro de uma *chrysalida* mysteriosa; a borboleta voára para a luz, abandonára-o na terra.

Tinha então um livro sobre o regaço; a mão inerte repousava sobre a pagina. Um leve signal

notava uma phrase profunda em que a sua alma se absorvêra: « *Um anjo está presente a um outro, quando elle o deseja.* »

Procurei ver de quem era o livro. Era escripto por Swedenborg, o patriarcha dos videntes do norte, o que levou mais longe as relações com o mundo invisivel. O livro intitulava-se: *A sabedoria angelica da omnipotencia, omnisciencia, omniprezensa dos que gosam a eternidade, a immensidade de Deos.*

Emma acordou de subito. Senti um estremecimento de terror, começava a comprehender a sua solidão. Eu mesmo tinha estudado a *segunda vista*, colligido alguns phenomenos que se passavam no meu espirito, conseguira por uma excitação nervosa perenne a hypnotisação voluntaria.

V

Tambem no livro *De varietate rerum* descreve Jeronymo Cardan a faculdade que tinha de experimentar o extasis espontaneo, e de tornar objectivas as imagens creadas na sua mente: « Quando eu *quero*, vejo o que me apraz, e isto não só com o espirito, mas com os olhos, como essas imagens

que eu via na minha infancia. Mas agora creio que ellas são, o resultado de minhas occupações. É certo que nem sempre tenho esta faculdade, comtudo não a tenho senão quando quero. As imagens que eu vejo estão sempre em movimento; é assim que vejo as florestas, os animaes, os diversos paizes e tudo quanto eu quero ver. Creio que a causa de todos estes effeitos está na actividade da minha imaginação e n'uma vista penetrantissima. Desde a minha infancia tinha de commum com Tiberio Cesar o poder vêr na obscuridade mais profunda, como em pleno dia. Porém não conservei muito tempo esta faculdade. Apesar d'isso vejo ainda alguma coisa; posto que não posso distinguir bem o que vejo; e attribuo este effeito ao calor do cerebro, á subtileza dos espiritos vitaes, á substancia do olho, e á energia da imaginação. » (Lib. iv . c. 43.)

É esta uma qualidade vulgarissima nos povos do norte, principalmente os insulares, conhecida sob a denominação de *Second sight*. Ahi a imaginação tendo pouca novidade de paizagem que a fecunde, volta sobre si o que ha edificado e exaggera-lhe as proporções. Por isso as theogonias do norte são terriveis. As avalanches suspensas a pre-

cipitarem-se, os nevoeiros diffundidos por toda a parte como um sudario immenso e frio, a aurora dos polos a desdobrar-se esplendida, tudo faz sonhar de um mundo phantastico, escutar essas toadas vagas, indefiniveis dos espiritos que se annunciam pelo ressoar de uma harpa longinqua. O dom da visão é commum; é assim na ilha de Ferroë. Que virgens se não ostentam n'uma appareção repentina, e que o vidente procura, sem nunca mais poder encontral-as! Balzac, o observador profundo do coração, sentiu toda a poesia do norte no poema de *Seraphita*; é um mysterio, o enlace da philosophia e da poesia, um extasis indecifavel de Swedenborg, contemplado nas *fjords* da Noruega. O delirio de *Seraphita* é o problema incessante da precepção immediata; o seu amor é mais puro que o ideal de Dyotima, é elle que lhe dá a *segunda vista*.

Taishatrim e *Phissichin* são os nomes que em lingua gaëlica se dão aos que tem esta faculdade. Os factos observados são innumerados, o seu estudo é de nossos dias. Kant combateu a doutrina visionaria de Swedenborg, mas não attendeu que este phenomeno psychico era todo sentimental; viu no patriarcha dos videntes do norte um impostor. A

vida exemplarissima de Swedenborg, é um desmentido completo e irretorquível aos argumentos d'esta ordem.

Como explicar a inspiração continua, a *segunda vista*? A alma paira entre dois mundos — o physico com que se relaciona pelos sentimentos, o espiritual com que se relaciona pelos presentimentos; se é attrahida para o mundo dos corpos, predominam n'ella os instinctos, e as sensações, todas relativas, só lhe advem pela presença dos objectos; se a alma por um desejo vehemente se eleva do estado de *anima* ao de *spiritus*, os sentimentos desprendem-se do nexó das relações terrestres, e conhecem tudo independente das sensações. É o que acontece aos poetas, cantando a belleza de fórmas não sonhadas, a reminiscencia de harmonias não ouvidas.

VI

Emma estava n'aquella tarde tão meiga! tinha por certo a consciencia de ir em breve completar-se na essencia de algum anjo. As suas falas eram como suspiros. Lançou-me um olhar interrogativo, de quem temia fazer-me uma pergunta indiscreta, e receiava. Eu desconhecia-lhe aquella affabilidade

de seraphim, costumado a vel-a sempre suspensa, no abandono do mundo, radiante como na transfiguração do Thabor.—Apertei as mãos d'ella entre as minhas, queria tirar um som d'este instrumento celeste, cujo segredo de harmonia era só conhecido pelos anjos. Se podesse desferil-o, havia perguntar-lhe o motivo de tanta tristeza, a intensidade d'essa dôr tão intima, tão espiritual, que se não pôde dizer na materialidade phonica da palavra. Ella advi-nhou o meu desejo :

— Tens uma *vontade* energica ? — perguntou-me quasi a medo e de um modo sibyllino. Seria uma phrase abrupta para qualquer, e inintelligivel até ; eu porém que devo á actividade só d'esta faculdade tudo quanto sou, as grandes dores, os impulsos irresistiveis, as glorias, a realisação dos mais exiguos caprichos, que a encontro na intensidade absoluta, que é Deus, que a vejo nos grandes factos do espirito a Religião, o Direito e a Arte ; na religião manifestando-se exclusivamente na fé ; no direito, no accordo das vontades individuaes ; na arte, no ponto onde ellas diversissimas se harmonisam, isto é o bello ; eu, repito, comprehendi aquella interrogação na sua plenitude. E começava a conhecer mais a força da *vontade*, porque acabava de

observar o resultado do acto em que a exercêra.

Emma fitou-me com um olhar profundo; o semblante era magestoso e santo, como o frontispicio de uma cathedral da idade media; as flexas, as linhas architectonicas a infinitivarem-se para o alto, eram os seus cabellos; o olhar, o olhar que me opprimia n'esse instante, era mysterioso como uma ogiva sombria. Tive medo, como um neophyto, que ouve mugir a caverna, e escoar-se a brisa gelida e olorante pela fenda do penhasco, e quasi que cae em terra sem sentidos, ao ver attonito as convulsões do hierophante. Emma perguntou-me se eu cria nas relações com o mundo invisivel. Hesitei um instante, depois volvi:

— Creio, mas não as sei demonstrar, por uma formula, que, embora refutavel, tenha valor philosophico. — Ella ouviu-me com o pezar e serenidade de uma joven esposa na sua viuvez, que ouve o filhinho a perguntar-lhe pelo pae. Depois murmurou, encostando a face sobre o meu peito:

— És tão novo ainda, e porque matas em ti já o sentimento pela reflexão? A reflexão é fria, e da terra, não comprehende sem decompôr para recompôr. Como se ha de ella elevar ao simples, ao absoluto, que tem por attributo supremo a indivisibili-

dade? A luz, que é incoërcível, não se espelha na face quieta do lago? O sentimento é assim; só elle te póde levar adiante das relações e das contingencias. A substancia é unica; esta essencia d'ella é que prende pela unidade a multiplicidade dos attributos. Todas as vezes que te absorveres na unidade que te allia como attributo ou modo á substancia, entraste na essencia de todas as coisas, porque o simples que actua n'esse momento em ti, é o mesmo em tudo que existe.

E continuou com palavras quasi imperceptiveis. Estava em extasis, no extasis da abstracção, como o sentia Newton, quando determinava a essencia de uma ordem de factos complexos, na lei que havia ficar eterna, e a que havia imprimir o seu nome. Tinha vontade de lançar-me por terra, diante d'aquelle espirito incomprehensivel; precipitava-me se ella me dissesse como satanaz, quando arrebatou Jesus ao pinaculo do templo, — *haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.*

VII

Quando Emma saiu da sua mudez sublime, encostou-se sobre meus hombros com uma graça infantil:

— Ainda não sabes porque ando triste? Olha, uma tarde, puz-me a escutar o murmurio de um regato; parecia-me ser uma musica interior. Tive vontade de saber o que dizia, de confidenciar com elle, de communicar minha alma, que aspirava n'uma séde de amor. Ao trepidar mavioso da vêa crystalina, scismava, devanejava, enleivada, embevecida. Adormeci. Pareceu-me então aquelle cicio, como de azas de um cherubim, que baixasse a meu lado; via a claridade da alvura de suas roupagens longas, estava silencioso ao pé de mim. Tinha a expressão da serenidade augusta, uma apparencia que consolava. Acordei, e o mundo afigurou-se-me um desterro, a vida era um carcere, tinha uma impaciencia de voar, de fugir, um desejo irrepressivel de tornar a ver o semblante risonho d'aquelle que me veiu mostrar o mundo intransitavel para a vida, como sarça espinhosa. Outra vez, appareceu-me, brilhante como Jehová na sarça ardente. Era sempre silencioso. O amor emmudecia-me diante d'elle, quiz segui-o na visão que se esvaecia lentamente, mas o corpo estava preso aos limos da terra, como o cordeiro que se prende nas urzes do matagal. A ancia do extremo esforço despertou-me. Foi assim que nasceu esta tristeza profunda, gerada diante

do impossível. Mais tarde conheci o mysterio da *vontade*; isolei-a em mim, para revocar o anjo dos meus sonhos á realidade de um instante. Quasi que me abrasava na intensidade do querer. O anjo appareceu-me mais triste. Perguntei-lhe se amava? Sorriu-se. Que era preciso para completar uma mesma essencia? o sorriso converteu-se em uma alegria doida, e disse-me em segredo — v^oa da terra. Nunca mais tornou a visitar-me no desolamento em que vivo. A vida assim é o vegetar do lichen na humidade das lagrimas derramadas de hora em hora. Porque não hei de voar da terra?

VIII

Ouviu-se trindades n'esse instante; cerrava-se a noite, fria; o luar vinha saudoso. Emma pediu-me para deixal-a só. Por alta noite via-se a luz derramar-se pela vidraça do seu quarto, luz viva, silenciosa, veladora, como do philosopho hermetico surprehendendo a natureza em algum dos seus segredos mais reconditos.

Emma lia no seu livro predilecto, que eu achára aberto sobre o regaço. Pouco depois começára a alvorada. Quando o silencio era mais solemne e a

natureza inteira parecia reconcentrar-se em seus mysterios, sentiu-se em casa um estrondo surdo, como o baque de um corpo morto, depois o abraçar, de quem se debatia nas vascas da agonia. Ergueram-se á pressa, foram apoz o ecco. Era no quarto de Emma. Seria algum pezadello longo? A porta cedeu á promptidão do soccorro. Foram achal-a em terra, morta, a pouca distancia do fogão, que saturava o ar ambiente de exalações carbonicas. O corpo já estava frio; o rosto tinha a palidez do sepulchro. A pouca distancia d'ella estava aberto o livro fatal das exagerações mysticas de Swedenborg.

Lia-se esta phrase profunda:

« A innocencia dos céos produz uma tal impressão na alma, que os que são affectados d'ella guardam um transporte que lhes dura toda a vida, como eu mesmo experimentei. Basta talvez ter uma minima percepção para ser para sempre *mu-* *dado*, para querer ir aos céos e entrar assim na esphera da Esperança. »

Seguiam-se outras palavras. Tive medo de ler mais, porque começava tambem a sentir a seducção do suicidio.

30

O VÉO

37

Tive apenas um amigo na infancia.

Sinto abrir este conto com a minha personalidade; e, sem pertenções a *humorismo*, nem a estylo digressivo, conheço que a pessoa de um auctor inculcando-se na sua obra produz o effeito desagradavel, que o senso esthetico profundo de João Paulo nota no quadro em que o pintor collocasse tambem a palheta, o cavallette e os pinceis. O valor da personalidade nada é; os antigos comprehenderam-n'a perfeitamente, quando deram o nome de *persona* á mascara que o actor trazia para reforçar a voz. A personalidade que se toca, serve para o trato da rua; a individualidade, o character, revelado na vontade, são para o livro, são o livro. Antes porém de fechar este parenthesisahi vão algumas linbas sobre a pessoa do meu unico e primeiro amigo, um *alter ego*, um *fidus Achates*, como diriam dois estudantes

de selecta. Não nos démos de repente. Tinhamos o mesmo nome de baptismo, fazíamos annos no mesmo dia, começámos a poetar ao mesmo tempo; a affini-
dade electiva entre nós não provinha d'estas coinci-
dencias; nunca reparámos n'ellas, era uma amizade de
terror, respeitavamo-nos. Na eschola fômos sem-
pre antagonistas; quando passámos a estudar latim,
ficámos surprehendidos ao vermo-nos amarrados ao
hora, horae. Ainda os mesmos desforços, o mesmo
orgulho. Então já nos consultavamos, sobre alguma
duvida de syntaxe, como de potencia a potencia. Mais
tarde encontrámo-nos sobre o mesmo banco a ou-
vir as prelecções estupidas de logica, a logica que
nos havia tornar maus, capciosos, ergotistas. Já não
nos temiamos, eramos amigos, tinhamos necessidade
um do outro. Depois vieram as confidencias estreit-
tar mais esta affeição. Foi elle o primeiro que as fez.
Não sei se era amor, compaixão ou cynismo a pri-
meira aventura que me contou. Era assim:

« Eu tive uma prima, não sei em que grau, culpa
das subtilesas cononicas. A pobre creança possuia
uma morbidez voluptuosa no olhar, não os tirava
de mim. A côr morena dizia tão bem com as linhas
nitidas da physionomia arabe, que ella sabia ani-
mar com um ar doloroso de uma melancholia ex-

pressiva, que se lhé reflectia na face ! Eu ficara or-
féo de méi, e costumara-me a brincar s&osin;ho ; ella
procurava-me na minha solidéo, sentava-se junto de
mim, o seu olhar incommodava-me. Tinha medo
de fugir-lhe, doia-me esta indifferença ; para disfar-
ça-a trepava acima das arvores carregadas de fru-
ctos do pomar onde passavamos o veréo, e de lé
deixava cahir aquelles que mais se douravam com
os raios do sol de agosto, os que me expunham a
maiores risos. Ella aparava-os no regaço com a af-
fabilidade com que se queria associar aos meus brin-
quedos.

« A final teve vergonha de mim ; c&osorava, es-
condia a face entre as méos, ficava pensativa e de-
pois fugia-me. N'este tempo contava eu algumas liçoes
de desenho ; os meus arabescos tinham uma fres-
cura de innocencia, uma rudeza que parecia uma
creaçao pura da idade media. Eu tinha a monoma-
nia de delinear cabeças. Néo sei quem me pediu
que fizesse o retrato d'ella. Fil-o. O acaso deu-lhe
uns longes de similhança, tive vergonha da verdade ;
quando ella me agradecia com um sorriso timido,
eu rasgava o papel com a crueldade de uma creança
que brinca. Néo a tornei a vér n'aquelle dia, es-
condera-se a chorar. Néo tinha culpa d'esta tri&eaz

brutal; a falta de carinhos perdidos logo no berço, a verdade d'esse verso eterno de Virgilio :

Est mihi pater domi et injusta noverca

tornaram-me taciturno, incredulo antes de tempo. Às vezes obrigavam-me a brincar com ella. Uma vez fomos todos banhar-nos no Athlantico. A pobre creança tambem foi. As marés eram gigantes; era dia para mim de um orgulho immenso, gostava que me vissem nadar; era uma superioridade que tinha. O acaso seguia-me o desejo. Uma onda envolveu no seu marulho a infeliz Branca; no refluxo levou-a comsigo. Desfalleceu de susto e foi levada pela vaga, como Ophelia na corrente. Quem sabe se ella no seu coração tecia alguma corôa para mim.

«Abracei-a pela primeira vez, impellido por uma força interior; sustive-a nos braços, estava fria, pallida. Quando abriu os olhos teve vergonha de mim; era já o pudor de senhora. Trouxe-a sem custo para a praia, e continuei a brincar no dorso da vaga, que se encapellava. Era o meu primeiro passo para homem.

«Nesse mesmo dia brincámos, jogando o *anel*,

um divertimento pueril, de que ainda tenho saudades. N'este folguedo de creanças o que tem o anel é sentenciado pelos demais a levar beijos e abraços, ou a dal-os, segundo o capricho. Tinha o anel a filha de um feitor que brincava comnosco, Martha, uma rapariga de uma candura estreme. Branca pediu-lhe em segredo que ao percorrer a roda deixasse cair o anel entre as minhas mãos. Assim se deu. Um perguntava o que promettiam a quem tivesse o anel. Cada qual se lembrou de uma prenda innocente e insignificativa; Branca prometeu um beijo e um abraço muito apertado.

«Eu não devia contar-te mais, porque sou infame! Este beijo perdeu-a para sempre, como o beijo de Paulo e Francesca di Rimini. Branca foi crescendo, tornou-se formosa á luz de uma esperança fugitiva, como a flôr de um vaso, quando recebe, ao estiolar-se, o calor ephemero do ultimo raio do sol da tarde. Quando ella me sorriu, e córou de sua queda, sorri tambem por compaixão, illudi-a. O que havia de fazer se era tão creança, e queria divertir-me, gosar o mundo?

«Uma vez tinha eu voltado pela ante-manhã de uma festa devassa. Dormia a somno solto, prostrado pela fadiga, saturado da bacchanal desenfreada.

Senti uma mão fria passar-me de leve nas faces, acordei.

«Era ella ! Estava desmaiada, como a vi uma vez ao luar silencioso, com uma côr que lhe realçava a candura, e disse-me :

— «Vim vêr-te na despedida do tumulto. Desde que adoeci nunca mais me appareceste. O esquecimento é frio e pesado como a lagem do sepulchro. Eu não queria dizer-te isto, não quero magoar-te. Olha, hoje acordei de um sonho tão lindo! Deus deu-me forças para levantar-me do leito e vestir-me de branco para vir contal-o a ti só. Como não choraria minha mãe que me vela se o soubesse ! Não sei se velava, se dormia ; minha alma parecia voar, suspensa n'uma como harmonia vaga, quasi imperceptivel, confundia-se com ella até perder-se no céu. Acordei de subito ; restava-me só a illusão. Olhei em roda ; a alampadasinha tornava a solidão saudosa, augusta ; mysterioso o silencio do meu quarto. Comecei a lembrar-me de ti, dos passados tempos ; estava ja na terra. Foi quando descobri a meu lado uma apparencia angelica, a falar-me de mansinho uma linguagem que eu mal entendia : que o Senhor o enviara para chamar-me. Eu não pude voar, voar com elle, e

sinto agora que a alma me foge, venho dizer-te adeus.

—E o que lhe respondeste? — Elle continuou :

«Disse-lhe que os sonhos mentiam sempre, que elles a matavam. — «Não são os sonhos que me matam, gemeu a desgraçada, é a realidade, a realidade. Bem o sabes, e Deus que tudo vê. As recordações são para mim como um remorso. Que noites, que vigílias inteiras a pensar em ti! cada palavra tua, que eu decorava, era um poema de amor e esperança; ao repetil-as na mente diziam-me quanto a alma anceava, e mais ainda, mas enganaram-me sempre. Lembras-te d'aquella noite? Oh! meu Deus, meu Deus. Não sabes quanto me fizeste soffrer! Não conheceste a profundidade do golpe quando o descarregaste. Disseste-me essas palavras só para perder-me. É impossivel que isto não te dôa? Quando me appareceste n'aquella noite era o luar tão sereno, tudo confidenciava comnosco. Estava adormecida quando chegaste. Depois de me estreitares nos braços e beijares as faces geladas pelo rociar da noite, porque te sorriste de um modo incomprehensivel? Descobriste-me que não casavas commigo, que outro havia polluido a minha candura! Era uma blasphemia torpe. Deixei-

me cair em teus braços, sacrificando-te a virgindade para que a reconhecesses. Desde essa noite não me tornaste mais a amar. Illudi-te? Porque assim me fugiste? Uma lagrima só rehabilitava-te diante de Deus. É tarde, muito tarde. Vim só para despedir-me e perdoar-te. Adeus.»

— E tu que lhe respondeste?

«Voltei-me sobre o outro lado, e continuei a dormir.

— Continúa.

«Foi um pezadello atroz aquelle somno. Julgava-me n'uma orgia immensa, na hora ominosa do sabbat nocturno. Um bando de mulheres volteava reunido em uma corêa desenvolta, n'um tripudio infernal, ao redor de um carvalho lascado pelos raios que se cruzavam a espaços na solidão e escuridade absoluta da noite. Dançavam como possuidas do mesmo furor, que inspirava o corno de Oberon. Quando eu ia mais arrebatado pelos requebros voluptuosos, enlaçado a um par ligeiro e flexivel, senti um leve suspiro a meu lado, que se perdeu nos ares. Era como o segredo de uma magoa que eu bem conhecia. Parei. Adormecêra a ler uma ballada dos peregrinos do Rheno contada por Bulwer. Junto a mim descobri uma figura de mulher linda, etherea.

O semblante tinha a serenidade de ~~uma~~ grande agonia que cauterisa, uma tristeza mais vaga do que a impressão de saudade que a lua desperta quando se reflecte n'uma lagoa quiéta. Era como um seraphim quando chora. Não pude olhá-la; a candura do seu antigo amor exprobrava-me o cynismo. A viração que ciciava não repetiria tão brandamente o que ella disse:

— «Não sabes como te amo ainda além da campa! o gelo do sepulchro não podia apagar o fogo em que os teus olhos me abrazaram. Esqueci o teu desprezo para perdoar-te. Para que havia ter mais esse flagicio na eternidade? Que destino, que felicidade a nossa, que regosijo no céo, se não houvesse ludibriado este amor! Nossas almas absorver-se-hiam na essencia de um anjo, enlevadas n'um sonho de harmonia, até despertar no empyreo. Assim precipitaste-me na mansão das penas e sofrimentos, onde o meu espirito se apura. O amor terreno tenho-o expiado no fogo. Vês este cendal de alvura transparente? estava quasi a tornar-se brilhante de gloria! Pedi ao meu Deus este momento tão breve para poder agora ver-te; o goso fugitivo de contemplar-te, a esperança de te achar tristê, scismando em mim com pezar e saudade,

a troço de mais cem annos de novos soffrimentos ! Cem annos mais, depois de te encontrar nos braços de outras descuidado, rindo descuidado n'uma orgia dissoluta. Oh, mas eu não sei senão perdoar-lhe.»— E desapareceu-me, continuou elle, como um meteoro fugaz, quando passa nos céos, e deixa após si um rasto luminoso. Acordei.

«Em casa ouviam-se gritos, alaridos, como de um successo repentino e funesto. Fui a vêr. Disse-ram-me que Branca desaparecêra. Cheguei a convencer-me da verdade do sonho, que um anjo a levára comsigo. Perguntei debalde. Passou-me pela mente um presentimento horrivel. Branca costumava ir sentar-se sobre uma rocha que se debruça sobre o mar, e em cujas furnas as vagas restrugiam com um stridor surdo, como o aneio do ultimo esforço n'uma luta desigual. Protegida pelo nevoeiro da madrugada, mais veloz que a ondina da mythologia slava, a pobre fôra saciar os pulmões ralados da febre lenta que a devorava. Houve quem a visse dependurada na aresta dos fragedes, o véo branco que levava fluctuar ao vento, como n'um adeus de despedida. Ella sentira n'esse instante a attracção do abysmo, lembrou-se d'aquelle tarde de agosto, em que eu a salvara, trazendo-a com um

abraço á vida; quiz morrer com a recordação mais doce que levava do mundo. Precipitou-se. E o mar continuava sereno e mañoso, como a embalar-lhe o seu ultimo somno.

«Comecei então a sentir uma paixão por ella, depois de morta; se a terra a tivesse escondido, eu a iria arrancar ao repouso sagrado da sepultura, beijal-a, animal-a com o fogo do meu delirio, despedaçal-a n'estes braços convulsos, e cair tambem inanimie. Queria sentir bem junto do peito o contacto gélido de um corpo que eu tantas vezes apertei, de umas faces que eu devorava, quando ella se dava aos caprichos da minha vertigem. Havia n'este amor um pensamento desvairado, um tanto de selvagem, de brutal; impellia-me uma inquietação continua, sentia em mim um como ranger de puas dô remorso, a voz que interroga Caim. Fugia, não queria consolações. Eu ia sentar-me tambem na rocha escarpada, a vêr o mar, procurava a serenidade que me inspirava a contemplação do sepulchro da minha amante. Vinha visita-l-o, á busca d'esse allivio de que fala o poeta do Oriente.

«Haviam decorrido já tres dias, não se vira mais o corpo de Branca; o mar queria-o para si, mas eu tinha uma vontade de ferro, absoluta, o desespero

de torna-la a ver linda, rôxa, núa, desfigurada. Era o mais que podia soffrer. Ía a maré na vasante, era no fim da tarde, as ondas gemiam brandamente no areal deserto, as virações da noite sopravam frias, humidas das bandas do poente. Quando descí da rocha alcantilada, encontrei inesperadamente o corpo de Branca deitado na area. Era uma creança descuidada, adormecida; a onda que a tinha despedido para namorar-lhe a alvura do seu corpo, viera deposital-a na praia. Ía a precipitar-me sobre ella, unil-a a mim no frenesim d'essa loucura. Tive medo! recuei sem encaral-a. Temia profanal-a com a vista, estava núa, estendida ao longo, com os olhos no céo, como pedindo á noite que viesse recatal-a no seu manto de sombras. Quando tornei junto d'ella com o lençol para a envolver, senti uma ancia do passamento, a lucidez de quem entrevê a eternidade: conheci que o cadaver de Branca se voltara sobre o peito, furtando á vista hallucinada o verticello pudibundo da flôr que eu fizera pender sobre o caule e cahir emmurchecida.»

Não tive coragem para lhe pedir que continuasse.

A ESTRELLA D'ALVA

(CONTO MARITIMO DO SEculo XVI)

N'isto andava tudo, que se não poderiam pôr os olhos em parte onde se não vissem rostos cobertos de tristes lagrimas, e de uma amarelidão, e trespassamento da manifesta dôr, e sobejo receio que a chegada da morte causava, ouvindo-se tambem de quando em quando algumas palavras lastimosas, signal certo da lembrança, que ainda n'aquelle derradeiro ponto não faltava dos orphãos, e pequenos filhos das amadas e pobres mulheres, dos velhos e saudosos paes que cá deixavam, etc.

Hist. tragico-maritima, t. 1, p. 53.

O sol esmaltava as côres limpidas do horisonte com uns cambiantes de purpura e de azul, cujo cariz incompleto e vago reflecte a melancolia suave em que a alma se concentra n'essa hora fugitiva da tarde. O horisonte fechava-se lentamente, como o véo de um templo que se corre. As virações travéssas da noite volitavam, encrespando a face tremula das aguas, que lhes respondiam ás caricias inquietas, confidenciando com um murmurio sonoro e confuso. O galeão soberbo da India singrava ufano, levando em prôa a terra querida da patria ;

levado nas azas das monções propicias, a vela branca desfraldada aos ventos, tinha o garbo da garça altaneira, que se libra vaidosa por sobre as ondas, que ella vae roçando de leve. A flamula ondulante, hasteada no tope do mastro de mezena, serpeava nos ares, como um adeus silencioso ás ribas odoríferas do Oriente, a despedida ao paiz dos sonhos e das maravilhas. A natureza como que se absorvera nos encantos d'esta hora; havia um segredo intimo em cada toada perdida d'este concerto do declinar do dia.

Longo tempo um mancebo encostado á amurada do navio, com os olhos fitos na corrente das aguas, permanecêra absorto n'um scismar incessante, como quem atava na mente as apparencias de um sonho mentido, como quem procurava alentar a ultima esperanza, que se prende á vida, e que é como a hera das ruinas. Conhecia-se-lhe na respiração comprimida no peito, que offegava de cansaço, o esforço acintoso com que procurava afastar da lembrança um presentimento funesto.

A pallidez reincta nas faces cavadas pelas insomnias longas e afflictivas, era a expressão dos pensamentos tenebrosos, confusos, incoherentes, que vinham povoar-lhe a anciedade das suas vigílias.

Quem o visse sentiria uma dôr egual áquella, uma vontade irresistivel de entornar-lhe em sua alma o balsamo das consolações, com a prodigalidade do amor com que a filha desenvolta de Magdala vinha derramar aos pés do Divino Mestre os perfumes inebriantes da sua urna de alabastro.

Quem o visse na mudez expressiva d'aquelle desalento, no desamparo e soledade de todas as alegrias da vida, sentia-se levado para elle, como por um condão fascinador, que ás vezes possuem certos olhares, que ninguem pôde fitar, e de que se tem medo. A brisa fresca da noite, que soprava do poente, como trazendo-lhe o presagio do ocaso de suas esperanças, vinha beber a lagrima timida e ingenua que tremeluzia viva na pupilla scintilante.

A este tempo appareceû sobre o convez do galeão alteroso um outro vulto, todo armado contra a rajada asperrima da noite, que se ia cerrando :

— Ainda qui, Fernão Ximenez? embebido n'esse vago scismar em que o passado se te afigura doloroso e feio? Para que foges de teu irmão? Bem vê's que eu procuro distrair-te d'essa agonia lenta, que te vae minando a essencia debil da vida, d'esse espasmo da atonia, que produz em ti a mudez do sepulchro. O que tens tu em uma vida de creança,

innocente, sempre desprevenida, para que o occultes a teu irmão, ao amigo que soffre com o teu sofrimento, e que exulta com as tuas alegrias? Uma ave, quando é levada para um paiz distante, longe do ninho que lhe ouviu balbuciar os primeiros trinadoes de amor, quando lhe falta a bafagem tepida das auras em que se espanejava contente, desfallece à mingoa, prisioneira, ralada pela saudade pungitiva, que lhe volatilisa o ser. Tu, pêlo contrario, á medida que os aromas quasi imperceptiveis da terra abençoada da patria nos vem dar força para affron-tar as tormentas escuras, as cerrações e os cabos perigosos, perdes o animo ante uma dôr imaginaria, e te deixas apossar de uma ancia, que um instante só de reflexão tranquilisa. Vamos, asserena o teu espirito; seja-te o meu coração o porto almejado onde encontres abrigo. Que receias? temes en-contral-a na volta desposada, nos braços d'outro? Conta-me a verdade toda; amas?

— Se com vinte annos apenas haverá quem não tenha sentido ainda esse desvario divino, que acorda de subito em nós todas as potencias da alma, que rasga brilhante a manhã de um eden terreal, que nos chama á vida, e que a um tempo vibra o estertor e o cicio horrivel dos que se confrangem no

barathro do desespero que elle gera ! Eu amo, sim. É um amor que tem purpureado de risos todas as horas que levo a pensar n'ella. Para mim é o resumo de todas as bellezas do mundo. Onde a vista depára uma apparição grandiosa, deslumbrante, ahí sinto uma reminiscencia d'ella ; ás vezes procuro em vão formar na mente o composto do semblante engraçado, quero tel-a presente pela imaginação á minha idolatria ; mas a phantasia não póde reunir em uma mesma aureola de encantos tudo quanto ha de mais puro no céo e na terra. Eu estou doido. É o frenesim d'este amor que me enlouquece. Eu não a vejo, nem sei mesmo já se existe, mas sinto-a, como a essencia de um licor suavissimo e volatil, que inebria a distancia os sentidos. Ella fluctua-me pairando ante a vista, como um nevoeiro da madrugada, que se esvaece nos ares ao romper da claridade, e de que o sol faz realçar a alvura brilhante. Ella nunca me disse que me amava. Quando só em pensamentos a escuto, a dizer-me segredos intraduziveis, parece-me a bayadera indiana, requebrando-se flascida, com uma morbidez encantadora, a voltear brandamente ás vibrações remotas das gandharvas, instrumentistas do paraizo. Eu vôo na mesma ondulação de harmonia, e

sonho um gozo indefinivel, que me exacerba mais as angustias excruciantes, quando desperto á realidade. Eu não sei mesmo se me ama. Costumado a brincar desde creança com ella, unindo as nossas orações infantis, em noites de tormenta, quando seu pae andava sobre as aguas, esta confiança torna impossivel o mysterio, que alimenta todo o amor.

— « Aldonça! repetiu desapercebidamente Gaspar Ximenez, a mesma, a que me torna aguerrido, audaz para affrontar estas regiões nos términos do mundo, a que jurou um dia ser minha e me prometteu a mão de esposa, que eu beijei e apertei tremulo, convulso!

Fernão Ximenez comprehendeu estas palavras. Foram como um clarão subito, que lampeja e cega. Os olhos arrasaram-se-lhe de agua, sem as lagrimas poderem rebentar. Era incrivel o que se passava na sua alma. A colera, a alegria, a contrariedade das aspirações mais ardentes da vida, o desinteresse sublime de um coração generoso, debantendo-se tudo n'aquella alma deserta de esperanza! Gaspar Ximenez continuou como delirando:

— Amas tambem Aldonça? Como ella é meiga e docil! É a rola innocente do sacrificio. Ella ha de querer a tua felicidade. O que eu disse era uma

duas ondas que rebentaram sobre elle, estremeceu como aluido pelo cavername e costado; o mastro grande, gemendo sobre si, estalou, e sumiu-se na corrente das aguas. Por instantes ninguem respirou. Só o capitão Fernão de Mendonça, conhecendo que o temporal amainara, gritou com intrepidez:

— Salta arriba!

A tempestade amançara consideravelmente; via-se espelhado em todos os semblantes um sorriso de esperança, illuminado ao clarão diaphano do santelmo, que reluzia no tope dos masts.

— Salvè! salvè oh Corpo Santo! — gritaram todos possuidos de um santo regosijo.

— Podemos agora contar com a bonança, — disse a voz animadora do padre capellão, — que o santo fogo de santelmo se nos mostra risonho e mensageiro de paz. Oxalá que sem mais desgraças possamos dizer como o malaventurado soldado das Indias, Luiz de Camões:

Vi nos ceus claramente o lume vivo,
Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.

— Mestre Fernão de Mendonça — interrompeu o gageiro — o galeão tem um enorme rombo na prôa,

e d'aqui a meia hora estaremos todos no fundo, se vos não apraz lançar esta lancha ao mar.— E foi-se cantarolando aquellas trovas do *Auto da barca do inferno* do popular Gil Vicente :

Á barca, á barca, boa gente,
Que queremos dar á vela,
Chegar a ella, chegar a ella.

O tom frio com que dissera tão ruim nova fazia julgal-o filho da rajada, como se cria nas incarnações da mythologia grega. Ouvida a fala do capitão, saltaram todos para o batel. Pouco depois a nau soberba da India começara a afundar-se. Ao vel-a sumir-se, o padre capellão lançou-lhe a benção, e resou uns versiculos da oração dos mortos. A mudez tornava mais sublimes estes instantes. Era como na morte de um heroe, que baqueia ferido no fragor da luta. As lagrimas borbotavam dos olhos dos velhos mareantes ao perderem para sempre aquelle companheiro das refregas. O batel não podia com a tripulação toda ; o mar estava banzeiro e a cada momento entrava pela borda.

Assim foram andando á mercê das correntes, sem lhes transluzir no horisonte escuro um clarão de esperança. O ranger dos remos fazia lembrar de

hora em hora o estertor de uma grande agonia. O mar e a fome geravam n'alma o tédio da vida.

O mar continuava roleiro. A este tempo uma onda encapellada rebentou quasi sobre o batel. Era preciso alijar para alivial-o. O capitão deitou sortes, para ver os que iriam ao mar. Caiu a sorte sobre o intrepido gageiro. Pero Gotterrez, um velho marinheiro, atirou-se de livre vontade. Fernão Ximenez parecia de tal modo embebido na dor funda que alentava n'alma, que não sabia o que se passava em volta de si. A sorte fatidica caira tambem sobre o irmão. Despertou da abstracção dolorosa, ao abraço extremo. Repentinamente comprehendeu tudo com a lucidez de que o espirito se apossa nos momentos solemnes da vida. Deteve-o um instante :

— Uma vez sacrificaste ao meu amor todas as tuas esperanças! É bem que o reconheça; agora estimo a vida só para dal-a por ti.— E desprendeu-se dos braços do irmão, com a resolução do desespero, e sumiu-se na voragem.

Gaspar Ximenez permaneceu attonito, interdito ante o extranho heroismo. O sol ia já alto, o ceu tornava-se limpido e sereno, o horisonte abria-se immenso, como a expansão de um pensamento de

alegria. Depois de haverem remado bastante ainda, descobriram-n'o a distancia seguindo extenuado o batel. A energia sublime do seu heroismo e dedicação commovera todos os corações. Quizeram unanimes recebê-lo, estava já sem forças, quasi immovel. O amor fraternal resplandecera com espanto. Os membros regelados começaram de novo a sentir vida com o calor.

O mar ia amansando progressivamente, e antes do cair da noite viram com pasmo e alegria doida alvejar uma vela. Saudaram-na com a celeuma do regosijo. Quando um dia chegaram a beijar a terra de seus paes, Fernão Ximenez foi professor, cumprir o voto n'um mosteiro, para não tornar o amor do irmão impossivel.



LAVA DE UM CRANEO

Quantas risadas se escutam perdidas no ar, que ás vezes são um punhal invisivel, brandido por mão diabolica, um veneno propinado a occultas, que infunde na vida o desalento, o tédio, a indiferença por todos os grandes sentimentos que nos agitam e nos elevam ! O riso é a expressão mais energica do desespero, quando elle tem um timbre satanico, que gella, e se repercute na alma como o estampido de uma detonação que fulmina ; então, mata como a ponta de um estylete penetrante, embebida no aconito basso, que fere e não deixa ver a cicatriz. Quem não ha soltado uma vez na vida uma d'essas risadas, que não seja uma loucura, uma impiedade, uma mentira, talvez um crime ? Um dia ri tambem d'esse modo ; é o remorso que ainda hoje me punge.

Eu vivia ignorado, obscuro, trabalhando na minha agua-furtada, alimentado pela febre da aspi-

ração, pelo pensamento de longas vigílias; era a contumacia da desesperação que me dava forças, e me fazia caminhar incansavel sem saber para onde. Este vasio da existencia amputava-me para todas as distracções, via em tudo uma futilidade, sentia-me mau, com uma vontade de torturar, de contradizer, de estar sempre em hostilidade com todas as idéas que não fossem as minhas. A dialectica fôra para mim uma arma, que ao passo que a manejava com mais prestesa, me tornava mais intolerante. A solidão dera-me uma susceptibilidade tactil, tornava-me prescrutador, analysta; pretendia ler em todas as physionomias, deprimil-as ante a minha consciencia, como um juiz boçal, que não póde convencer-se de que o reu que interroga esteja innocente. Saía para as ruas, a luz opprimia-me, a multidão atropellava-me, sentia-me olhado, como nos tempos do absolutismo papal aquelle que vergava ao peso do anathema.

Um dia saf para respirar o ar livre de uma bella manhã de verão; uma veia sarcastica, provocadora, não me deixava harmonisar com a serenidade da natureza. Vinha pelo mesmo passeio um sujeito magro, fumando uma ponta de cigarro. A distancia ainda comecei a analysal-o; cada vez que o fitava sen-

tia em mim uma hilaridade irrepressivel; parecia-me uma cara insignificativa. De mais perto representava-me uma encarnação do grotesco, do comico objectivo, como se encontra nas goteiras das cathedraes da idade media. Trazia uma vestimenta velha, esfarrapada, que produzia uma antithese perfeita com a sua idade. Mais ao pé, vi que tinha um lume de vida nos olhos, o movimento, a expressão de uma grande actividade interior. Eu tinha caminhado para elle com um riso mofador, com pretensões a observá-lo, este casquilho em quinta mão, e fui para elle a pretexto de accender um charuto.

Conheci então o valor da phrase com que o povo exprime um desgosto intimo e repentino: caiu-me o coração aos pés. Via n'aquelle fato esfarrapado de escovado, a lucta de uma alma, que arca com a miseria, de um homem, que aspirava á decencia, e que proseguia temeroso, como conhecendo que a vestimenta o degradava e o destituia de importancia, que um descuido qualquer o expunha aos apupos da vadiagem. Assim explicava commigo aquelles ares affectados de elegancia, que despertaram a risada, que resou só dentro em mim. Era tambem creança, tinha uma figura trigueira, uma certa vivacidade de movimentos, uma timidez que se não

accusa e se transforma em reconhecimento á menor consideração.

Pedi-lhe lume com uns ares levissimos de ironia. A affabilidade desarmou-me; o coração doeu-se ao primeiro impulso de sua crueldade. Tinha vontade de confessar-me seu amigo; era-o n'esse instante, com todas as veras d'alma.

Dias e noites a imagem do pobre rapaz a fluctuar-me na mente; eu estava indisposto commigo, procurava ordenar a vida de modo que pudesse alcançar essa virtude sublime da *bondade*, filha quasi sempre da serenidade e da superioridade de espirito. Era ainda cedo para mim. Não tornára mais a vel-o; julguei-o uma apparição diabolica, que viera inverter uma acção innocente da vida em uma preocupação, que me perturbava a tranquillidade.

Uma noite, saía eu do theatro: o frio regelava os membros, a escuridão era profunda como as trevas visiveis de que fala Milton. Esperei á porta que escampasse. Por um acaso feliz deparei a meu lado com o mesmo sujeito que um dia soube inverter-me um riso insignificativo em um remorso. Tinha ainda a mesma compostura, esse apuramento que fazia rir aos que não soubessem penetrar os mysterios dolorosos da sua existencia.

O pobre rapaz, não sei que franqueza leu no meu rosto, que se chegou para mim. Poz-se a commentar o espectáculo ; pouco depois, estiou e partimos juntos. Até aqui nada de interessante.

— Quanto mais estudo (disse-me elle cansado de andar e de falar), tanto mais se me alarga a solidão do espirito; cada dia encontro menos pessoas com quem prive, caminho, e a cada passo ellas me vão ficando mais longe. Quem não entender isto e se revoltar contra a minha friesa, dirá que é orgulho e egoismo até; os que se doerem de mim dirão que é misanthropia. A meditação é como um segredo que pésa quando não ha a quem se conte; mas, se eu encontrasse uma mulher a falar-me de amor, sacrificava-me a ella, para vel-a mais ditosa que a pobre Frederica de Goethe. É a primeira vez que conversamos. O meu amigo deve estranhar esta liberdade; sou assim, amo a franqueza quando não busca rodeios para convencer, e tem a força da expansão sincera, a ingenuidade simples, que não sabe alliar a amisade com as pragmaticas. A franqueza d'este modo admira-se, e eu tanto mais, porque a tenho visto sempre usada como pretexto para dizer insultos impunemente. Acho-me solitario no meio da sociedade, e tenho ainda não sei que ter-

ror de me ver perdido, atropellado entre as massas. Vivo assim desde creança; como creança fui tambem poeta, cantei por que tinha medo, queria distrahir-me. Eu chamo-lhe meu amigo, porque me escuta; era quanto bastava para lhe ser reconhecido. A maior parte das pessoas que me ouvem riem-se de mim. Falo sobre a genese das religiões, a origem dos governos, as relações da arte com a sociedade, todos os grandes problemas que nos agitam; abanam a cabeça e dizem com ar compassivo: « Utopias dos vinte annos ». Outras vezes, descrevo a formação da terra, procuro explicar as evoluções da anthropogonia com a cosmogonia, o aperfeiçoamento dos seres e a sua decadencia pelo grau do calor que a materia conserva e vae irradiando; obedeço á pressão da causalidade que me obriga a explicar a mim mesmo os phenomenos que vejo, e riem-se, perguntam-me onde estudei, que diplomas tenho das academias, e voltam-me as costas ludibriando-me, porque não querem admittir a sciencia sem oraculo, vêem como profanação um leigo explicar o que só está á altura da intelligencia dos doutores. Tenho tido muitos d'estes desgostos na vida. Os homens que têm certa bondade, tambem me dizem que a edade me faz todo idealista, que os annos

me darão um caracter pratico de que careço. As vezes, tendo passado a noite em vigilia a pensar, cheio de frio, com fome, canço-me a falar, para receber, ao cabo de um esforço inaudito, uma gargalhada brutal. Deus sabe quanto custa afazer-me á solidão absoluta. A solidão, é verdade, devasta o espirito, porque obriga a pensar. Serão utopias tudo quanto tenho na cabeça? É uma lei natural. Ha na vida intellectual dois periodos, um de criação, outro de realisação. Hoje concebo um ideal que não posso determinar; porque ha de vir tempo em que saberei sómente dar fórma ao que senti. Convem não rir desapiedadamente de todas as theorias da mente febril da mocidade, porque ao approximar-se a idade esteril da força, quem ha de realisar o que não ideou? Em tudo isto vejo uma força desoladora no homem, que o domina em tudo, e era pela analyse d'ella que podiamos entrar na essencia dos actos de sua vida — é o egoismo. Quando o homem se vê compellido a reconhecer uma superioridade no seu similhante, fórma d'elle um semi-deus, porque, então já não é outro homem que o sobrepuja. Christo é uma idéa transmittida ás gerações, que ellas concretisaram em um nome para comprehendel-a. E depois, porque um homem igual a nós a manifestava,

o egoismo salva-se fazendo-o — filho de Deus. Arranca-se a Illiada das mãos de Homero, porque o orgulho do homem não consente que o homem o exceda. Vico representa a humanidade. Perguntamos, quem inventou a alavanca antes de Archimedes demonstrar a sua lei? quem descobriu o parafuso, a serra, bases de toda a mechanica? O egoismo occultou quanto pôde o segredo; apenas a mythologia responde com uma divindade allegorica, um Saturno, Perdice, Pan e Triptolemo.

O pobre rapaz falava de um modo precipitado, convulso, como se lhe faltasse o ar. A escuridão da noite não deixava lér-lhe no rosto a volubilidade da expressão. De repente, parou á porta de um casebre velho, situado em uma viella estreita e infecta. Pediu-me para subir. Eu não podia resistir-lhe; cada palavra vibrava-me cá dentro como um arranco. Fomos tacteando nas sombras, por um caracol de escadas carcomidas, que nos faltavam aos pés. Ia-se-me esclarecendo o mysterio d'aquella existencia. Por fim chegamos a um quarto pequenino e baixo, com um ar mephitico, saturado de fumo de tabaco. Elle acendeu uma vella de cebo roida dos ratos, que tinha presa no gargallo de uma garrafa; a enxerga com uma manta embrulhada achava-se a lastro. A mi-

seria arripiava-me. O pobre rapaz deitou-se sem forças; vi-lhe então, á luz mortiça, uma pallidez cada-verica. Tive medo do seu silencio. Elle estava envergonhado de tanta indigencia, e procurava rir-se, ridicularisando-a :

— Não extranhe vêr-me n'esta mansarda; ha uma analogia entre ella e a minha cabeça, onde as idéas refervem em tropel confuso, e se encontram e se destroem. Estas teias de aranha são ás vezes a minha distracção nas horas de enfado; divirto-me como o Mascara-de-ferro, como Spinosa, Magliabechi e Silvio Pelico. É em que me pareço com os grandes homens. Deixemos isto, conversemos a serio diante de quem não sabe rir-se de mim. Eu tambem tenho pensado na organisação de uma sociedade perfeita, como Platão e Cicero, Campanella, Thomaz Morus e Fenelon; mas só encontro essa perfeição no momento em que os vinculos do direito que prendem as nossas relações sociaes, e os mysterios e terrores que as religiões incutem, fossem excluidos pelo desenvolvimento completo da idéa do bello; quando deixassemos de praticar uma acção, que vae contra as maximas do direito e da religião, não por ser injusta ou immoral, mas porque repugna ao sentimento do bello. A arte sobre tudo ! é ella

só que nos pôde alcançar conjunctamente a perfeição plastica. Assim a anarchia, a negação absoluta de todo o governo fóra de nós, constitue o ideal do estado; a lei era a consciencia de cada um, a consciencia sempre incorruptivel a todo o interesse egoista. Como chegar um dia a esta perfectibilidade ! Não se vae lá de repente, a natureza não dá saltos. As revoluções pela idéa pôdem tudo; não se confia n'ellas, nem se emprehendem, porque os resultados só os gosa o futuro. É esta sciencia nova da Economia que ha de levar mais longe a humanidade. A idade media, o grande lethargo depois da civilização da Grecia e Roma, foi ampliada pelo christianismo ; é uma impiedade que ninguem talvez acredita. A esmola, a onzena sobre a bemaventurança, era o principio da dependencia e da desigualdade, a aniquilação do trabalho e da actividade ; a reprovação dos juros, o stigma impresso sobre o judeu, elemento industrial na sociedade nascente, eram a inercia do capital e do espirito de empresa. A verdadeira doutrina é um cathecismo popular de economia social. É por esta sciencia que nos ha de vir tudo. O trabalho é o unico titulo da propriedade, a santificação da vida. O trabalho é para mim uma consolação, um orgulho ; sou como Plauto, que

fazi

esc

vav

abs

or

po

ib

de

A

to

su

g

i

g

a

E

J

I

fazia andar um moinho, e nas horas de descanso escrevia as suas comédias ; como Spinoso, que gravava vidros para se alimentar, nas horas em que se absorvia no quietismo do pensamento ; eu toco na orchestra de um theatro ; de dia penso.

E o pobre rapaz parou em meio, de cansado ; depois recommençou, fazendo-me a historia do trabalho :

— O homem ao destacar-se do ultimo élo da cadeia dos seres, sentiu-se forte e senhor da terra. A natureza offerencia-lhe por toda a parte seus peitos uberantes, e este regosijo de harmonia ligava a sua existencia á vida pantheistica do universo. A grandeza do homem n'este cyclo genesiaco, symbolisaram-na os escriptores sagrados no reflexo de graça e de innocencia, que descia das alturas sobre a sua frente ; os escriptores profanos, menos inspirados pelo idealismo espirital, retrataram-na na plastica, nas fórmas gigantes do corpo e na magestade homérica de uma estatura cyclopica. N'este primeiro dia, foi o homem como os anjos, via e falava face a face com a divindade ; n'este primeiro dia foi um gigante da terra, dominava pela força herculea. Ambos os dois mythos tem um fundo de verdade revelada pela inspiração e intuição do passado

aos prophetas da historia. Senhor e rei na criação, o homem deixou-se enleiar no seio voluptuoso da natureza. Admirou e caiu adorando. Nesse instante descobriu a sua nudez, e escondeu-se ; sentiu a fome e a sede e as dores do desterro. O outro mytho, mais violento e terrivel, para filiar d'essa queda o naturalismo e anthropomorphismo, fal-o *mergulhar no bruto*, e o satyro, o minotauro, é o homem a confundir-se na cathogoria inferior da sua ordem. Á queda succedeu a reabilitação, como ao occaso a nova aurora de luz. Era a lei eterna das antitheses. Foi o trabalho o signal da reabilitação, será o caminho para a apotheose. *Sic itur ad astra*. Na mythica do oriente, tenebrosa e profunda, o trabalho é um stigma que pesa sobre o homem, é a dor, a atribulação, é a terra produzindo cardos e espinhos, fecundada pelo suor do seu rosto. É o enigma da vida a ser iniciado pelo soffrimento e o soffrimento a retratar a vida nomada da raça primitiva, na sua passagem através do dezerto. No mytho do occidente é sublime o ideal do trabalho ; o trabalho ahi é a gloria des semi-deuses, é a vida errante mas heroica. Chiron ensina o mysterio da força. Os trabalhos de Hercules, os trabalhos de Theseu, eis outros tantos passos para a elevação do homem,

perdidos hoje completamente nas sombras imprescrutaveis do mytho. Nos trabalhos de Jason e dos Argonautas está symbolisada a inauguração do commercio de toda a Grecia. No oriente, o trabalho é uma fatalidade religiosa, um anathema do primeiro passo do homem. O christianismo, creado no berço de todas as religiões, vindo da Asia, transportou comsigo o mesmo dogma doloroso, mas como expiação. Suavisou o golpe da espada flammejante, que lançou o homem fóra do Eden. Exagerou a culpa para moderar o castigo ; suscitou no interior do homem uma luta, luta escura e tremenda, um *eu* a combater outro *eu*, a carne a revoltar-se contra o espirito, a confusão e o cahos onde havia a ordem e a harmonia, e para este dualismo desesperado apontou como panacêa—o trabalho. D'esta idéa proveiu um diluvio de sangue para rehabilitar a raça futura ; foi o sangue dos martyres ; a arca fluctuante a egreja ; o ramo de oliveira, representando a paz universal e a fraternidade a cruz. Só tarde estes symbolos foram comprehendidos ; tinham sido como o enigma da Sphinge, que devorava os que iam passando. O christianismo ao ideal do trabalho ligou a universalidade. Na idade média a ordem social era classificada pela propriedade territorial ; a posse

era a característica do senhor, o trabalho da cultura o ferrete do servo. A idade média é uma antinomia na historia; a influencia manifesta do christianismo é a communa. O abraço dos povos pelo trabalho do commercio e da industria, eis o segredo das riquezas de Pisa, Gand, Veneza, Genova, Bruges e Florença, ao pé da barbarie dos estados feudaes. *Virtus unita fortius agit.* No dia em que o homem descobriu a alavanca, o parafuso, a força da agua, foram outras tantas fadigas de que aliviou seus hombros, sobrecarregando-as na natureza. Hoje o trabalho não é o sello da culpa como na antiguidade biblica, não é o signal da escravidão como na idade média, nem o tributo dos parias como concebia Aristoteles: hoje é o symbolo da dignidade do homem. São as machinas que vão conseguindo pouco a pouco esta realza do homem sobre o universo. O hymno do trabalho eleva-se por toda a parte, e as strophes perpetuam-se ao estrepito das grandes descubertas de Galvani, Fulton, Watt, Pascal. Pelas machinas ganha o homem tempo á custa da força, mas força dispendida pela natureza. Virá uma epoca em que elle se liberte do trabalho material; abre-se então outro horisonte mais vasto — o trabalho da intelligencia. Prometheu ergue-se

dos rochedos caucasicos, não para roubar o fogo celeste, porque é Deus, mas para atear aquelle que occultou longo tempo no peito. O homem desprender-se-ha da animalidade para absorver-se no anjo. Esta theoria explica já a prodigiosa actividade e precocidade intellectual d'este seculo. »

A voz foi-se-lhe enfraquecendo até que se calou ; estava macilento, tiritando de frio ; a vista com um brilho phosphorecente, felino. Depois de alguns instantes de silencio, disse-me com um modo secco, que não comprehendi logo :

— O suco gastrico é bastante corrosivo e dilacera-me as fibras do estomago.

Conheci que era a fome que lhe dava esse aspecto, essa consumpção em que o via prostrar-se. Disse-lhe que esperasse um instante, e sai á pressa para comprar em uma espelunca uma posta de peixe frito. Quando voltei, a luz bruxuleava quasi a extinguir-se ; o pobre rapaz estava voltado para a parede. Sacudi-o. Estava frio, com a rigidez cadaverica.

20



BEIJOS POR FACADAS

(CONTO DE UMA SERENADA EM HESPAHHA)

I

A guitarra

Corria lenta e socegada a noite. Ha n'estas vozes indefiniveis das horas mortas a suspensão de um segredo, que se não articula; o silencio remoto parece escutar as musicas de dentro, que se espraiam na alma, como os sons eólios que a brisa entorna da escarpa.

O céu estava profundo e puro, recamado de estrellas, brilhando silenciosas, absortas nas côres cambiantes de sua luz, com que confidenciam e exprimem entre si as harmonias das espheras. Cada traço radiante que se projecta nos ares lá vae perder-se n'um fasciculo mais intenso, pensamento de amor, que vòa a despertar e embalar um sonho ditoso, que não finda.

Os ventos sopravam macios, remurmurejando na folhagem verde; a veia crystalina e sinuosa do Manzanares derramava seus aljofres, onde se reflectiam as graças e a alegria das myriades d'astros que bordavam a cupula do empyreo.

Soaram vagorosamente, como as palavras de uma sentença tremenda, onze horas na torre do Escorial. A vibração argentina do sino, ondulando na calada da noite, fazia escoar-se pelo corpo um estremecimento gelido, como o pingo d'agua que se infiltra das stalactites e cae, de quando em quando, no pavimento petrificado de uma gruta escura e sem fim.

E a noite proseguia lenta e socegada. Pouco a pouco, uma viração travessa, vinda dos valles longiquos, dispersou nos céos uma nuvem espessa, que se havia levantado do mar. Assomou um leve resplendor, um clarão incerto na cima dos montes; depois, os arvoredos deixaram jorrar por entre as ramas entrançadas um alvor suave. Era a lua que se alevantava serena do topo das serranias, ostia branca erguida na reconcentração intima dos mundos. Á luz diaphana e branda, que devaneios principiaidos e interrompidos no vago das aspirações que não tem realidade! que confissões vehementes, que palavras sentidas, que protestos fogosos, apaixonados,

gerados pelo influxo da saudade e da melancholia!

À luz tranquilla do astro dos namorados, meditava distrahida em seu balcão, virgem, enleada nos caprichosos desejos que tumultuavam em seu coração infantil. Quinze annos! a efflorescencia da vida no seu viço exuberante; as alegrias perennes, sem motivo, um transporte a cada sensação que se ignora e que o acaso revela! Quinze annos! e o peito a palpitar apressado a cada presentimento de ventura.

Estava em seu balcão a donzella timida; as tranças soltas, espalhadas pelos hombros, eram os jorros de uma catadupa que se despenha; respirava anciada, como quem acabára de brincar e sente na fadiga, que a prostra, a tentação de se precipitar novamente na vertigem da coréa que passa ligeira como um volteio de fadas n'um areal deserto.

A lua illuminava-lhe o semblante com a magestade com que se reflecte n'uma janella gothica. Parecia adormecida, creança, embalada pela toada das harpas dos seraphins, que a vinham abrigar do rocio da noite debaixo da sombra de suas azas brancas. O vento levava-lhe as roupagens longas, que fluctuavam como uma nuvem rescendente que a envolvesse.

Ella não estava adormecida, scismava. Que mys-

terios intraduziveis d'amor não lhe viria descobrir esta hora! A natureza, mais velha e experiente, vinha ensinar sua irmãsinha, mostrar-lhe os philtros que um sorriso esconde, a fascinação de uns olhos humidos de volupia. Sentiria ella as primeiras notas do amor, pulsando levemente dentro do peito?

O sitio, a hora, a mudez confidente da noite tepida e sombria, tornavam propicias as palavras timidias, balbuciadas tremendo, com um langor communicativo.

A este tempo a lua brilhava esplendida de encantos pela amplidão celeste. A donzella cada vez apparecia mais radiante de graça, o luar tornava-a mais bella, como n'uma transfiguração repentina.

Será uma realidade a existencia d'este typo divino? Será uma criação apenas, uma visão chimerica da mente do poeta? Um sonho que a arte sabe encarnar e insufflar-lhe o sentimento de Rosina, quando espera anciosa detrás do cortinado alvejante Almaviva, a identificação de um ser n'outro ser? Não. Como uma filha, a mais linda das filhas d'Eva, irmã das que foram amadas pelos anjos que se esqueceram do céu, ella tambem sente e ama. É Marcella, Marcella, o sol da velhice do grande poeta da Hespanha Lope de Vega.

Cançado de triumphos, de glorias e pesares, o cantor de *Dorothea* ama-a, como um viandante do dezerto, que ama a brisa fresca da collina que lhe vem alentar os pulmões exhaustos. Coração immenso de um pae, que se enlouquece de alegria ao vêr perpetuar-se-lhe no mundo a intelligencia, os sentimentos, que o animaram e lhe trouxeram soffrimentos e glorias, n'aquella que o abraça como uma vergonhea airosa á sombra de roble secular.

Marcella é o seu pensamento predilecto das horas pacificas da existencia, a que ha de herdar-lhe o manto propheticico com que o pae penetrava os mundos da poesia. Poeta, enleva-se diante da sua obra, a sua Galathea, onde vive uma alma afinada pelas mesmas harmonias; ama-a, com que ternura! *É mas galan que padre.*

Marcella estava distraída ao luar no balcão; era na rua dos *Frances*; estava deserta e escura pela sombra. Começou então a sentir-se um som incompleto, como o gemido de um queixume que expira; depois, mão ignota a dedilhar vehemente, com força, nas cordas de uma guitarra. As auras levavam as harmonias, ais de um peito que gemia de amor em segredo, e que ia dictando ao instrumento sonoro as palavras, que não podia proferir. O silencio da

noite destacava as notas delirantes, como o azul a um carbunculo que scintila.

A innocente creança despertou do scismar aërio em que permanecêra absorvida ; comprehendeu a linguagem suprema do sentimento, era a primeira confissão d'amor que escutava na vida. Receiou correr o cortinado. Era a innocencia na sua timidez. A curiosidade, o orgulho de creança a impellia ; começava a sentir-se bella, formosa. Debruçou-se desprevenida ao baleão, mirou, prescrutou nas sombras. A guitarra fascinadora emmudecêra.

Depois, ella viu dois vultos aproximarem-se, traçarem as capas, desembainhando as espadas reluzentes. A mudez tornava assombroso o recontro. Os ferros cruzaram-se faiscando, eram os rivaes, que se encontravam ali, levados pelo mesmo amor e pelo mesmo odio, a grande contrariedade d'este sonho da vida. Não se ouvia um gemido ; os botes eram a fundo. Uma espada tiniu no chão partida ; o outro galanteador, generoso, deixou a sua de mão e sacou um punhal do cinto. Era um duello a todo o transe, questão de vida ou de morte. Marcella nada discriminou nas sombras ; sentia apenas o fragor de uma luta batalhada. O outro rival alçou o punhal tambem ; arrojaram-se aos braços um do ou-

tro, espumando de raiva, cozeram-se de facadas desapiedadamente, até que, escoados em sangue, cairam desfallecidos.

O vento da noite refrescava; a lua mostrou-se no seu esplendor e deixou ver o campo do torneio. Marcella recolheu-se aterrada para o seu aposento; orou a noite toda ante o retabulo de Santa Maria d'Atocha, promettendo fechar para sempre o seu coração ao amor do mundo.

II

La blanca palomica

Depois dos inesperados transe e provações, a que ás vezes a alma resiste para novos desastres, Lope de Vega fugiu ás tempestades da vida, envolvendo-se no burel de uma ordem penitente, unindo a contricção e a poesia no mysticismo radiante das effusões lyricas com que desabafava nas horas contemplativas. Quando o espirito solitario descia á terra e se deixava tocar pela dor, tinha então o encanto da sua prole, dos filhos que estremecia. Como se não lembrava elle, com que pesar e saudade indelevel, do seu pequenino Carlos, còr de

lirio e de rosa, quando vinha acariciar-lhe a alma, com umas palavras de ternura infantil, quando o via pular de contente ao vir do dia, como uma antilope nos prados, quando os seus vagidos eram um gorgueio entrecortado que lhe pareciam um vaticinio encantador ! Pobre creança, acabavas, ainda coberto do orvalho matinal, de te expandires á bafagem perfumada da nova aurora, quando, lirio fanado pela geada, desapareceste na terra para seres transplantado no céu.

O poeta buscava uma consolação na poesia ; era ella que o cercava de uma aureola de felicidade. Distraía-se cuidando do seu pequeno horto. Era a imaginação que o revestia, aquelle exiguo canteiro, ornado apenas de duas arvores, dez florinhas, uma laranjeira e uma roseira, onde casualmente cantavam os rouxinoes, e onde dois cantaros de agua formavam a fonte, que gemia e adormecia seus pesares. Contenta-se de pouco a natureza ; elle não trocava este canto da terra nem pelo monte Hybla, nem pelo valle fertilissimo de Tempe, nem pelas Hesperides, nem pelos jardins suspensos de Semiramis, como elle proprio confessa ; porque a phantasia creadora reveste-o de todas as graças de um paraíso sonhado, mostra-lhe columnas brancas

de marmore com inscripções gloriosas, fontes que jorram e se despenham em borbotões de perolas e de aljofres, lagos profundos e limpidos, sulcados por canoas que desfraldam as vélas como um cysne voluptuoso que deslisa, rodeados de sombras amenas e encantadoras de arvores soberbas, similhando os gigantes da terra, a vinha entrançada aos plantanos, dourada pelo sol de agosto, bustos entre a ramagem espessa, satyros que se adormecem ao som da lymphà fugitiva, nymphas travessas errando na relva macia, que tapeta o recinto... É um sonho de poeta na sua soledade. Que tem que seja uma ficção esta magnifica paizagem? Elle sente as emoções que lhe traz o retiro que fórma, e para onde se refugia.

Seu filho, levado pelos brios cavalheirescos, pelo impulso dos quatorze annos, deixou-o para seguir a expedição contra os hollandezes e os turcos. Uma catastrophe desastrosa veio roubar-lhe mais esta esperanza; a nau em que partira havia-se soçobrado.

Restava-lhe só junto de si Marcella, para lhe amenisar as horas lentas e enfastiadas da velhice. O pae offerecia-lhe seus livros, dedicava-lh'os, pedia-lhe que os corrigisse; ella reunia ás graças do corpo, a harmonia da plastica com um sentimento delicado,

uma penetração viva e lucida. O poeta recebera todas as consolações do céu n'aquella filha ; era a sua criação mais perfeita, a admiração dos poetas do seu tempo, era o seu orgulho.

Marcella começou a apparecer triste ; tinha na face a pallidez da planta que esmorece. Nem uma palavra só de queixume ; a mesma abstracção sempre ! Os labios pareciam emmudecidos pelo sello do mysterio. Cercava-lhe os olhos languidos um disco roxo de maceração, ennublava-lhe o semblante a preocupação de uma dôr, que não sabia confessar. Quando Lope a chamou para de junto a si, e a estreitou nos braços beijando aquella flor da mocidade que o Senhor fizera brotar de suas ruinas, sentiu uma dilaceração interior, ao ver uma lagrima pura, candida, ingenua, resvalar-lhe na face em que a dôr empanava o viço infantil :

— Oh minha filha ! quem pudera adivinhar o segredo de tua angustia, e inverter os pensamentos afflictivos de magoa n'um extasis perenne de felicidade. Marcella, Marcella ! Eu dizia-te um dia, lembra-te ainda ? era n'aquelle livro, que o presentimento me fez intitular *Remedio na desdita* : « Deus te proteja, e te faça ditosa, posto que teus dotes o não consintam, principalmente se fôres herdeira do

meu destino. » A corôa de gloria que me cinge sangra-me na fronte com dolorosos espinhos ; o que a poesia me ha ditado tenho-o soffrido primeiro. Tu, alma da minha alma, vás pisando a mesma via dolorosa. Ergue-te d'essa prostração do desalento em que te deixas cair ! Conta-me o que assim vem perturbar teus pensamentos tranquillos, roubar-me as tuas caricias que me fazem rejuvenescer ? Eu não sei como amparal-a, perguntar-lhe, sem que esta planta mimosa languesça como a sensitiva. Menina, moça, ignorando a vida, acordaria ella senhora ? Leval-a-hia o amor em sonhos ao seu mundo de aspirações infindas ? Ella inclina-se sobre meu hombro e chora. Como posso eu consolal-a, dar-lhe as esperanças que não tenho e que de ha muito me desampararam ? Marcella ! Ergue a tua cabeça loira, deixa-me ver-te, beijar-te, enxugar as tuas lagrimas, filha. Dize-me o que te afflige tanto. Pobre creança, ella cada vez me estreita mais a si.

— Oh meu pae ! eu não sei o que me faz tão cedo aborrecer as galas, as seducções do mundo, e me mostra a vida como um dezerto invio, intransitavel. A alma sente um vacuo que ninguem póde encher. É o christianismo que me faz germinar no espirito este sentimento vago, uma sêde d'esse goso sem

limites da visão beatifica, uma aspiração, um desejo ardente de regressar á eterna patria, de me confundir nos córos archangelicos, ao som do trissagio perenne. A natureza por mais esplendida e vecejante, as flores de aromas mais exquisitos, o céu mais admiravelmente cravejado de estrellas, o azul, o espaço aberto, causam-me o desgosto que havia sentir Moysés do alto da montanha vendo ao longe a terrà promettida e sem poder local-a. Quanto mais me sinto enleada n'este encanto divino da contemplação interior, torna-se-me mais intenso o desejo de abandonar o desterro d'este valle de lagrimas, quebrar os vinculos de carne, e acordar no empyreo. Este corpo que me dêste é a prisão em que a alma suspira e aneia por soltar-se; ella é a escrava da Escriptura que vaga á mingua de uma gôta de agua no dezerto; ella tem diante de si um abysmo, que precisa transpor sem o fitar. Eu senti em sonho este hymeneu recondito e incomprehensivel do amor divino. O amado erra pelas brenhas, chamando a esposa perdida. Eu não me posso elevar até Deus, o *Deus absconditus*, pela intelligencia, como os doutores; deixae que a alma vulgar e humilde, desconhecendo essa vereda intrincada, caminhe conduzida pela intensidade do seu desejo á fonte.

suprema do bem. Eu quero professar em um mosteiro, seguir a regra da penitencia austera, voltar para a arca santa, como a pomba do diluvio. Quero envolver-me no burel, mergulhar-me na escuridão de uma cella, e scismar embalada nas musicas do extasis.

— Marcella, para que vás tornar assim a minha solidão mais dolorosa? Teu irmão, perdi-o ainda tão creança! Eras só tu que me restavas no mundo! Sem ti, de que serve a vida que levo, devorada pelas recordações do passado. Eu perdi uma esposa, que asserenara em meu coração as tempestades do amor. Tinha em ti meu unico refrigerio, e desamparas-me quando me vejo mais só! Pobre filha! Terá ella vergonha do mundo? do seu nascimento illegitimo? Que provação tão dura e repentina me estava reservada em castigo de uma mocidade turbulenta! Vae, filha, corre aos braços do divino esposo: elle só pôde dar-te a grinalda immarcessivel, servir-te com uma legião de anjos. És o ultimo ramo virente que o destino arranca de um tronco carcomido pelos annos. Vae, vae. — E apertou-a nos braços a chorar como uma creança.

Tempo depois, a engraçada filha do maior e mais fecundo poeta de Hespanha entrou para o convento

das Carmelitas descalças em Madrid. Lope de Vega descreve esse abandono do mundo com expressões sentidissimas :

« Marcella, o primeiro pensamento do meu amor paternal, cuidava em casar-se, e uma noite me disse o nome d'aquelle que desejava para esposo.

« E eu que sabia quanto é prudente deixar amadurecer um tal pensamento, porque ha decisões que provém de causas accidentaes, fiz minhas excusas, esperando sempre não contrariar seus desejos, se elles se fundassem na verdade de sua alma. Mas vendo cada dia este desejo a augmentar-se, determinei-me dar-lhe este esposo, que sollicitava seu amor com tanto amor. Este esposo é bello, é rico, é sabio, e de uma extração illustre, e seu pae é nada menos do que todo poderoso. Eu juro que por parte de sua mãe é de sangue real, e que ella é tão boa, que não ha attractivos, nem virtudes que não possua. É uma mãe tão cheia de graça, que pelas suas mãos Deus a dispensa ao mundo. Ella é juntamente rosa e lirio, cypreste e palmeira.»

A igreja estava ornada como o thalamo de um noivado. Então, o poeta viu sua filha n'esse dia com uma graça, uma belleza, uma perfeição inexcusavel, que a alegria fazia realçar sobre os dons da

natureza, que o contentamento animava de vivacidade e elegancia. O esposo recebia-a nos seus braços carinhosos. O amor divino transfigura-se sempre na infancia. Myriades de luzes, damascos e brocados enfeitavam o aposento nupcial.

« Marcella — continua o poeta — as faces coloridas como duas rosas, e os labios como banhados por um sorriso honesto, fitou-me: o ultimo adeus que separava duas existencias.

« Sua alma trasbordava de felicidade com esta vocação; e por um ultimo adeus de seu corpo, ella se voltou a tudo que o mundo chama festas e prazeres.

« Depois offerecendo ao joven esposo sua casta grinalda de virgem, ella estreitou-o a si, cobrindo de beijos seus olhos de esmeralda.

« O céu fechou a porta ao meu coração cheio de amor paternal; arrebatava-me a melhor parte da minha alma; e eu era o unico a lamentar n'esta multidão de espectadores. Tornámos á egreja, a desposada deixara seus habitos de festa, os enfeites, para envolver-se no burel grosseiro. Suas tranças foram cortadas, porque, como as outras virgens que povoavam o côro, ella não devia ter para ser bella, mais do que a sua belleza. »

Sente-se n'estas palavras do poeta a dôr do co-

ração de um pae, a quem todo o sentimento e uncção religiosa não podem consolar. Verga diante d'essa agonia, resigna-se. Passado o anno do noviciado ainda o coração virgem de Marcella palpitava com o amor divino. Pronunciou os votos, e professou.

« Ella dormia sobre a palha fria e dura, e andava descalça; o corpo andava occulto em uma vestimenta humilde; só os olhos eram a expressão de sua alma. Oh bemaventurado desengano das coisas da terra! exclama o poeta na solidão do seu amor. Esta virgem tão bella, tão casta, tão pura, consagrou a Deus os seus dezeseite annos! »

Estes desgostos da vida foram-o levando á sepultura. Lope de Vega succumbiu no auge da admiração. O seu funeral foi brilhantissimo, como o de Miguel Angelo. Marcella, a intelligente filha do poeta, pediu para o cortejo passar pelo convento das Trinitarias descalças. No momento em que o prestito parou diante do mosteiro, viu-se apparecer por entre as grades avaras um semblante marcado por uma dôr lenta. Era Marcella chorando a morte do pae, pungida pelo abandono em que o tinha deixado. Instantes depois, sumiu-se na escuridão da cella, e ninguem soube o que a levava a abandonar seu pae n'aquella velhice.

87

A OGIVA SOMBRIA

Sem duvida, no tempo da mais bella flôr da architectura gothica, quando foi construida a cathedral de Colonia, ligava-se uma grande importancia a estes numeros symbolicos, porque a concepção ainda confusa das idéas racionaes, contenta-se facilmente com estes signaes exteriores.

HEGEL — *Esthetica.*

A cathedral ! a criação suprema da idade média, em que a arte, pelo sentimento, em uma strophe de pedra, sabe concentrar o espirito radiante do christianismo, pela força audaciosa do symbolo ! Ella representa a aspiração incessante da alma que se eleva para o céu ; é ella como a esposa dos cantares, que espera em silencio a visita do amado, e se veste de suas galas e realça de encantos. A curva suave da *ogiva* imita uns párpados languidos, uma pupilla scismadora, enleuada n'aquelle extasis sensual do amor divino, que Theresa de Jesus sentia

nos seus delirios mysticos; as *flexas* atrevidas, atiradas para os ares, a linha a infinitivar-se, a perder-se no espaço, as *agulhas* bordadas, rendadas, são os cabellos dispersos, fluctuantes da donzelinha, que se assenta cansada de errar pelas bre-nhas e em volta da cabana dos pastores á busca do amado. A *cupula* altiva, representando aquelle momento em que a alma se desprende dos limos terrenos e se absorve toda na mystica unitiva, é o collo, que o poeta dos cantares comparava á torre de marfim que olha para o occidente, e cuja magestade é semelhante á da lua que se alevanta. Miguel Angelo chama tambem a uma igreja, nas effusões do seu pantheismo artistico, *mia sposa*.

Cada monumento antigo é como uma fronte veneranda, enrugada pelos seculos, animada por uma expressão profunda. Essa expressão é a linguagem dos évos, creada pelo espirito que não póde contemplar um factó, acreditar na sua existencia independentemente de uma idéa, de umã razão de ser que procura achar n'elle. É a fatalidade do enigma da sphinge. As cathedraes gothicas reúnem quasi sempre a legenda pia, com a legenda grotesca e diabolica; ellas são como a incerteza da alma que paira duvidosa entre a possessão e o extasis. Umas

vezes, são os anjos que vem de noite trazer de longe grandes molles para a edificação da fabrica, que lavram a pedra, que alevantam o mosteiro. É a inspiração do anonymo nas grandes obras. Às vezes, é o diabo, que com a mira em dilatar o seu imperio faz tudo, e transporta pará a construcção as melhores peças que rouba d'outros monumentos, como uma columna do templo de Diana em Epheso para o templo de S. Zenão em Verona. A alma do architecto está retratada na sua concepção; receiando de suas forças para realizar o ideal sublime dos sentimentos do christianismo nos blocos de marmore para que cria uma fórmula, não teme evocar a potencia das trevas. Nas ogivas escuras, soturnas das cathedraes gothicas, nos arabescos extravagantes das janellas esguias, nos monstros boqui-abertos que servem de goteiras, nos masthodontes informes dos pedestaes, reflecte-se esta aliança do mysticismo goetico com o mysticismo divino. Muitas vezes a cathedral tem o mysterio de um symbolo que se mobilisa para seguir os sentimentos da humanidade; com as invasões e descobrimentos maritimos ella toma a fórmula de um navio voltado para o oriente, d'onde lhe vem a luz; tambem imita uma cruz estendida ao longo, como

na nossa maravilha de architectura a Batalha, o poema da crença e do heroismo de um seculo.

Estamos em plena idade média. A noite era caliginosa e tetrica; o coriscar frequente dos relampagos, o rimbombo soturno dos trovões repercutindo-se distante, e o restrugir medonho da floresta, completavam as harmonias intraduziveis da tempestade. A alma, diante d'este espectaculo estupendo da natureza, sentia uma pressão que a fazia concentrar-se possuida do sentimento do infinito, a que os homens que tudo indagam e submettem ás formulas metaphysicas chamam — o *sublime*.

Via-se atravez da escuridade absoluta das horas mortas um clarão incerto, como de uma alampada veladora. Seria algum discipulo de Flamel ou de Lullo absorvido pelos mysterios da alchimia, submettendo a materia, interrogando este Proteo eterno, que, a cada pergunta, ostenta uma fôrma diversa, e responde de mil modos differentes, sem que cheguem a surprehender-lhe o segredo de sua simplicidade? Seria um monge solitario enlevado na paz ignota da vigilia, procurando, no silencio da noite, elevar-se pelo coração até Deus? A luz jorrava da janella do aposento humilde e sombrio. Dentro, sentia-se o respirar cansado de um peito oppresso; a

alampada espalhava em tórno uma penumbra onde fluctuavam as visagens caprichosas de uma mente tresvaliada, e vinha reflectir-se pallida, descorada sobre o rosto macilento, em que os gestos davam uma expressão incomprehensivel como os pensamentos que o agitavam. Via-se n'aquelle rosto impressa a anciedade dos que penetram pela intuição a verdade de um problema insolúvel, e uma distracção leve lhe fez esquecer. Sobre uma mesa estavam pergaminhos extensos, desenrolados, cobertos de linhas cabalisticas, com que se evocam os espiritos nocturnos, compassos e astrolabios, espheras e mappas.

Era allí que morava mestre Gerardo, o architecto da cathedral de Colonia. Estava contemplando o traçado da sua obra; a physionomia animava-se-lhe de quando em quando com uma luz, um resplendor vivo de transfiguração, como n'um extasis em que o ideal se deixava tocar, determinar em uma fórma só concebida pela mente do homem. Os cabellos andavam-lhe revoltos, espalhados sobre a fronte, como nas convulsões de uma sibylla quando entrevê o futuro, e sente o influxo vertiginoso que lhe dicta o vaticinio. Depois, uma sombra espessa, como de um desgosto repentino, veio offuscar-lhe a sereni-

dade que se lhe espelhára na fronte, em que os annos redobravam a magestade. N'isto, levou a mão á cabeça, como para suster o peso de uma idéa que lhe occorrêra:

— A arte! a arte! é ella que me vem descobrir estas linhas que eu traço no marmore, e que hão de ser a admiração dos seculos. Ella vem-me ensinar este segredo do ornato, a variedade disposta de modo, que leva o espirito á unidade do pensamento. A arte é uma religião que inspira tambem uma fé viva, ardente, intensa, e dá forças para affrontar a duvida, que cerca e punge o espirito creador. Um dia duvidaram de mim, não imaginavam que eu podesse levantar essa molle de pedras, uma cathedral representando o vôo mystico da alma! Riram-se do plano da minha obra! Eu tenho pensado dias e noites, como na virgem eleita dos sonhos da mocidade. A cathedral! ella apparece-me na phantasia, illuminada por um sol brilhante, trsbordando de musicas e harmonias suaves, perfumada de incenso, revestida de purpura, recamada de oiro, como a noiva que se veste para entrar no aposento do real esposo. Cada pedra que se vae dispondo, cada arco, cada pilastra erguida, é a ponta de um véo que se alevanta e me deixa vêl-a, sonhal-a, idealisal-a sobre essa

realidade incompleta. É como a terra que vai aparecendo vagarosamente ao nauta cansado das tormentas, á medida que se esvaece o nevoeiro da madrugada. A cathedral! a cathedral! eu scismo e estremeço diante d'ella, quando a contemplo; sinto o delirio do artista grego apaixonado pela verdade que ia descobrindo o seu escôpro. Ella parece-me uma fada escondida, e que a arte me descobre o segredo para quebrar-lhe o encantamento, e mostrar-lhe a activa, bella, radiante elevando-se para o alto n'uma ascensão divina. Eu queria vê-la suspensa nos ares, servindo-lhe as nuvens e os cumulos alvacentos de pedestal! Agora já me não inspira terror o desdem dos meus inimigos; descobri a ultima strophe do poema da minha vida, hei de confundil-os, fazel-os curvar-se adorando-a: é o zimborio, a cupula arrojada ás alturas, semelhante ao vôo extatico da alma até á absorpção em Deus.

Havia n'estas palavras a vibração frenetica do delirio; mestre Gerardo de Colonia ficou silencioso como na prostração dos fortes impulsos que lhe dêra a alegria. Os olhos brilhavam humedecidos, scintilantes, exprimindo o regosijo intimo da contemplação da sua alma. E tornou a inclinar-se sobre a folha de pergaminho, a recompor na mente

as linhas que allí traçara n'um momento de inspiração. Depois, accometido por um novo accesso de enthusiasmo, arremessou de si o traçado; os olhos flammejaram coruscantes, parecia que estava doido :

— Eu quero mostrar assim, que essas confrarias dos obreiros constructores de Strasbourg, de Vienna, de Zurich e de Magdebourg não podem disputar a proeminencia a Colonia. Todos os obreiros e artifices da Baixa-Allemanha hão de reconhecer em mim a supremacia do chefe. Que importa que Strasbourg queira ser a séde da grande mestria? De que vale a homenagem prestada pelas confraternidades maçônicas da Alta-Allemanha, de uma parte de França, da Hesse, da Suabia, de Thuringe, da Franconia e da Baviera? O zimbório da cathedral ha de erguer-se bem alto para a admiração de todos.

E calou-se de repente, como envergonhando-se diante de si mesmo, de se haver deixado possuir d'aquella vaidade. Depois continuou com dôr :

— Quantos monumentos estupendos, quantos obeliscos gigantes, que assombram as edades, e que mostram o poder creador do homem, competindo com as creações de Deus, quantas maravilhas espalhadas pela superficie da terra, e que o architecto não quiz que se soubesse o seu nome, com uma abne-

gação sublime da gloria do mundo ! Eu, que ainda não completei a minha obra, que a tenho ainda na cabeça, nem sei mesmo se chegarei a realizar este sonho, se terei a força de Athlante para suster nos ares a cupula audaciosa, eu, mesquinho, ufano-me, ensoberbeço-me ! O genio não tem consciencia de si, não conhece o poder magico de que dispõe, por isso não se infatua. O que é a gloria do mundo ante a gloria celeste ! Illusão que nunca chega a ter um momento só de realidade ; é uma nuvem tenuissima que tolda o azul diaphano do empyreo. Para a alma do que pressente os encantos do céu, a gloria do mundo é uma tentação dolorosa ; um martyrio incessante ; porque então para ella a vida é como a luz vivida da alampada, que se consome no silencio da noite diante da imagem veneranda ; assim, a alma procura envolver-se no olvido, no esquecimento de si para resplandecer mais pura.

Os legendarios estão cheios d'estas lutas violentas com os sentimentos mais profundos do coração do homem. Um dia Rubens estremeceu attonito diante de um quadro escondido na penumbra de um côro em uma egreja hespanhola, o quadro era um mysterio quasi impossivel de ser traduzido, divulgado pelas côres sobre a tella. Era a morte do justo. A

expressão morbida do rosto macilento, uma auréola divina diffundindo-se em roda, a alma anciosa pelo jubilo do céo a exhalar-se docemente, como o ultimo raio do sol da tarde, e por sobre a cabeça os anjos debruçando-se das alturas a contemplarem o monge na hora do passamento ! Era uma transfiguração sublime, a idéa mais bella, a que resume todo o christianismo, revelada pela arte. Quando o grande pintor voltou a si d'aquelle extasis imprevisto, sentiu-se pequeno ao pé de uma criação tão perfeita. Perguntou ao monge que o conduzia, que pincel realisára tamanha obra, para confessar-se seu discipulo, e proclamal-o á admiração do mundo. O monge sentiu um estremecimento convulsivo e respondeu-lhe apenas: — « Não é já do mundo ! » e quando elle voltou á sua cella juntou os pinceis, a palheta e lançou-os na corrente de um ribeiro que deslisava manso á faldá da janella ; e para esconder as lagrimas que ainda uma vez lhe escaudaram as faces retinctas na palidez da penitencia, foi procurar conforto na oração fervorosa. Como não teria tambem esta energia para luctar comsigo aquelle que escreveu na mudez da cella um livro de resignação e consolo, a *Imitação de Christo* e que abnegou d'essa gloria para não tornal-o uma mentira !

Mestre Gerardo de Colonia ficára absorvido em uma meditação profunda. A tempestade continuava solenne e grandiosa na mudez da noite. Sentiu um leve rumor no aposento, que a contenção de espirito em que estava mal deixou perceber. Prestou ouvidos. Batiam á porta.

— Quem será? assim tão fóra d'horas! — e correu os ferrolhos. Entrou uma figura alta, embuçada em um gabinardo longo, o rosto assombreado pelas abas de um largo chapeirão. — Quem sois? — disse-lhe o architecto, preocupado ainda na sua abstracção.

— Sou um irmão da confraria dos obreiros constructores de Strasbourg; — tornou o desconhecido com uma voz soturna.

— Entrae.

Sentaram-se, contemplando-se um instante silenciosos.

— A que vindes?

— O que me traz? — redarguiu o desconhecido com um tom de ironia acerba, — deves sabel-o melhor do que ninguem. Confias no zimbório da cathedral de Colonia, para queres assim submitter á tua supremacia a mestria central de Strasbourg. É impossivel e chimerica essa tua loucura. As gran-

des lojas querem todas a independencia. Demais o zimbório, a obra que é o teu orgulho, não está prompta e talvez nunca a possas levar ao cabo.

Mestre Gerardo ficou espantado, hirto de raiva diante da audacia do desconhecido. Depois voltou-lhe com uma severidade forçada que lhe abafava a voz:

— Ainda sou architecto! e o zimbório ha de ser o primeiro a saudar no alto os alvares do sol quando se alevanta. Juro pela minha alma.

— Aposto em como te enganas!

— Aposto em como te hei de confundir, e a todas as mestrias rebeldes da Allemanha! — insistiu o architecto.

— Pois bem! Eu comecei ha dias a obra do aqueducto de Treves, e espero ainda vel-o acabado antes de teres prompta a cathedral. Se assim não for, no dia em que deres por acabada a tua obra, despenho-me do aqueducto. Tu precipitas-te tambem dos corucheus da cathedral se eu vier reclamar primeiro? Aceitas a aposta?

— Aceito.

— Juras?

— Juro.

A este instante ouviu se longe o canto do gallo. O interlocutor mysterioso desapareceu subita-

mente ás primeiras notas do nuncio da alborada. Foi então que o architecto reconheceu o — diabo ; não quiz acreditar na realidade d'aquelle pesadello. O canto do gallo é celebrado nos hymnos da egreja, principalmente nos de Santo Ambrosio. *Gallo canente vigilemus omnes*. Elle symbolisa a voz interior que desperta a alma do somno da tentação ; foi o canto do gallo que despertou tambem a Pedro no atrio do pretorio, quando renegou o mestre. No mysticismo goetico elle representa uma parte importante. A imaginação exaltada pelos sonhos da noite não podia deixar de o revestir de mysterio. Já a Grecia lhe havia formado o mytho : é o castigo de Alectrião. A sombra que reclama de Hamlet uma vingança, o côro das feiticeiras de Macbeth, desaparecem com a magia do canto.

Um dia o architecto subira á cathedral ; estava prestes a terminar-se a cupula. A alegria hallucinava-o. Apareceu-lhe então uma cabeça disforme, rindo, confrangendo-se em esgares satanicos por entre as sombras profundas de uma ogiva. Disse-lhe que estava prompto o aqueducto de Treves. Mestre Gerardo empallideceu e voltou o rosto á pressa ! Aquella nova aterrava-o. Baixou os olhos como para suspender uma vertigem instantanea, fatalmente o

relance mediu a altura da cathedral ; o angulo visual dilatou-se de modo que lhe produziu a attracção do abysmo. Resistiu de balde, vacillou um instante e despenhou-se por fim. Disseram que fôra a alegria de vêr a sua obra, que lhe causara o desvario que o precipitou.

Assim conseguiu estabelecer o seu predomínio a mestria central de Strasbourg.

771

AS AGUIAS DO NORTE

(CONTO POLACO)

Harpa sacrosanta, orvalhada pelas lagrimas dos videntes, que repousavam sobre ti as frentes encanecidas, banhadas no pranto do captiveiro, quando á tarde abandonada na solidão do exilio, á beira da torrente, a aragem vespertina vinha gemer em tuas cordas, o cantico remoto era como o anseio de um coração oppresso, ai, que se perde confundido com o rojar das cadêias.

Inclina-te agora em meus braços, e vibra-me um canto de desespero, insoffrido, eterno, para acordar a turba, que dorme sob o peso das algemas.

O vento liyre saberá levar a toada longinqua, para achar ecco no peito dos desgraçados. Patria! patria! és a tunica inconsutil sobre que rodam os dados do infortunio.

Polonia! tu és o peito exangue, ferido pela lança do incredulo. Podesse o teu sangue dar a vista ao que te fere com mão obstinada. Ao menos, que o teu ultimo arranco afaste para bem longe o bando dos abutres selvagens que pairam sobre ti, Prometheu, vencido em terra, mas, que ainda nas convulsões da agonia mostra a animação do fogo divino da liberdade.

Oh! mas de que vale ao poeta desterrado contemplar a ruina da patria! Para que ha de elle pedir á sua harpa um canto de angustia e saudade, se aquelles que o escutam e se sentem fortes para lutar, com um esforço sobre humano, são depois martyres do seu enthusiasmo?

Que tristeza profunda o lembrar-me que o meu poema a *Tentação*, exaltando os estudantes da Lithuania para sacudirem os tyrannos, fez com que os oppressores arrojassem para os steppes e minas da Siberia a flôr da mocidade da Polonia! Pobre Karl; ainda tenho aqui a carta em que elle me conta os trabalhos da jornada para o desterro:

103

*De um estudante da Lithuania ao poeta
anonymo da Polonia*

« Em todos os tempos a poesia tem sido a expressão dos sentimentos profundos da humanidade; chora com suas dores, e é ella que vae ao sepulchro das nações proferir o *surge et ambula* à raça suplantada pela pressão dos despotas. Desde os prophetas de Israel, e Tyrtêu e Callino até Roger de l'Isle, Kerner e Poetefi, a poesia tem dirigido as revoluções; é como a columna de fogo que leva à terra promettida atravez dos errores do dezerto.

Nós eramos creanças, animados dos sentimentos mais puros, que a edade não deixa contaminar; choravamos de magoa e despeito, com vergonha de vermos envilecida, sob o jugo obscurante dos czares, esta pobre patria esmagada por um colosso de inercia e barbaria. Um dia appareceu-nos um poema extranho, novo, um grito ancioso em que se exhalava uma alma. Pareceu-nos a voz da Polonia que nos chamava em seu desalento; sentimo-nos fortes no primeiro impulso.

Estudavamos em Lithuania ; uma noite reunimo-nos para lê-lo. Brilhava em cada rosto um lampejo de colera e esperança. Cada strophe era um sobresalto, a anciedade do sacrificio. Eramos como aquelles crentes dos primeiros seculos do christianismo, tinhamos a sêde do martyrio. A noite da conjuração era tempestuosa como os pensamentos que nos agitavam. Jurámos alli, com as mãos sobre as estancias mysteriosas que nos vieram despertar do lethargo da oppressão, abnegar do amor, da familia, da vida, tudo por esta desgraçada Polonia. A alampada solitaria que alumiaava o aposento deixava uma penumbra phantastica e terrivel, como em um tribunal whemico ; os olhos coruscavam com um brilho de alegrias sanguinarias. O enthusiasmo precipitava-nos. Sentiamos forças de Athlante, uma audacia e tenacidade para a lucta ; mas, via-se ao mesmo tempo em cada rosto a sombra, não sei de que presentimento funesto, de uma aspiração irrealisavel. Seria uma desgraça imminente ?

Quando nos abraçámos como irmãos na mesma crença, para os transes mais dolorosos, correram as lagrimas, ferventes, como nos momentos rapidos de uma despedida para sempre. Havia um silencio augusto. Parecia que o ceu e a terra escuta-

vam o nosso juramento; que a patria agrilboada interrompera os lamentos para escutar a voz consoladora de seus filhos, que esperavam o dia da redempção.

Foi então que ella appareceu, Hedwige, a mulher que eu amava, o cabello destrançado pelo vento da noite, cançada, offegando, sem côres, enfiada de sus-to. Julguei-a uma apparição angelica, que baixava para trazer-nos a palma do martyrio, a annunciar os transes d'este horto em que estavamos recor-dando as agonias da Polonia. Como ella estava bella, radiante; era uma prophetisa, altiva como Débora quando proclamava ás gentes a lei, á som-bra das palmeiras entre Rama e Bethel, sobre as fronteiras de Benjamim e Ephraim. Ficámos sus-pensos, esperando o hymno que havia romper dos labios sellados por um mysterio profundo. Como deixou ella a casa de seus paes, nas sombras da noite medonha? Como soube onde estavamos, quem a trouxe aqui? Fôra o amor, esta illuminação da segunda vista. Hedwige proferiu, depois de alguns instantes de repouso, com a voz entrecortada e tre-mula:

— Ainda é tempo! Os soldados russos vem em busca de nós; sabem da conjuração, e perse-

guem nos. Eu não aconselho uma fuga ignominiosa ; poupemo-nos para a hora suprema do resgate.

Depois ella veio para mim e abraçou-me. Ia começar a falar, quando se sentiu na rua o estrepito de armas, e vozeria de uma soldadesca brutal e desenfreada. Não me custava a vida ; mas tel-a a meu lado, alli ! vêl-a sujeita á irrisão e malvadez dos que vinham para prender-nos ! Pobre Hedwige ; ella abraçou-me e sorriu-se :

— Tens medo ? vejo-te tão pallido ! Recõias que eu não tenha coragem para corresponder á tua bravura ? Eu sou mulher, é verdade. Era ao suspiro de uma mulher que a liberdade romana acordava sempre. Lucrecia e Virginia ensinaram-me também a ser forte um dia. Karl ! eu sinto que n'este instante nos une um amor mais alto e desinteressado, que nada tem das paixões terrenas. Dá-me o abraço que ha de fundir, n'uma só, as nossas almas para sempre. Agora já te posso dizer como Arria, se te visse esmorecer no perigo, o que ella disse levando o punhal ao peito : *Pætus, non dolet !*

O tumulto, o som confuso das armas, o tropear dos soldados, não me deixaram ouvil-a mais. Entraram na sala sombria, como uma onda turbulenta

que irrompe os diques e se precipita como um vortice fremente. As armaduras reluziam, e nos causavam a vertigem do terror. Um frio lethal se escoou por mim; lembrou-me lutar para defendel-a.

Reinava um silencio de morte. Já sabiamos a sorte que nos esperava. Depois vieram lançar-nos as cadeias pesadas, as gargalheiras infamantes da escravidão, ultrajando com risos aquelle sentimento puro, que nos dava constancia para o martyrio. Era impossivel resistir; todo o esforço seria inutil. Dei-xei tambem algemarem-me. Um olhar firme de Hedwige inspirou-me uma resignação indizivel. Não sei que apparencia divina, que irradiação sublime, etherea, envolvera o rosto da minha amante, que os soldados não se atreviam a aproximar-se. Seria o terror, que fazia cair em terra, fulminados, os que tocavam na arca sacrosanta? Na serenidade alternativa que ella mostrava n'esse instante, conheci-lhe uma resolução extrema; Hedwige queria tambem ser prisioneira, para soffrer commigo as dores do desterro. Ella lançou mão do poema que estava sobre a mesa, e começou a proferir algumas das strophes mais arrebatadas, com uma voz prophetica, no tom mysterioso de uma sybilla. A magia

d'aquella voz sentida prendia; ficaram immoveis, quedos, escutando-a :

Fragmentos de uma elegia polaca

— « E lentamente, mui lentamente, por detraz do Homem Deus, avança deslumbrante de belleza e sem vestigios de morte a minha dilecta Polonia. — Ella pára sobre os umbraes da Sião promettida a todos os povos, e — d'estas alturas sagradas sua voz retumba, dirigindo-se ás nações reunidas muito longe, lá em baixo, nos términos do espaço.

« A mim, a mim, oh vós; raças fraternas ! A ultima lucta do ultimo combate terminou, — os embustes das traições e das mentiras terrestres estão destruidos. — Subi commigo para o reino da paz. » — E o côro das nações lhe responde : « Benção e gloria a ti, oh Polonia ! porque ainda que tenhamos todas soffrido — tu supportaste mais tormentos que nenhuma de nós. — Pela enormidade das injustiças accumuladas sobre ti, conservavas constantemente o inimigo debaixo do raio de Deus ! — No transe do martyrio, tiravas de teu coração uma vida mais energica que a dos teus oppressores, — e pelo

teu sacrificio nos salvaste. — Benção e gloria a ti, oh Polonia!

Oh! quantas vezes [por uma noite sombria do outono, a voz de minha mãe ou de algum antepassado sae do tumulo, e chega até mim para me falar do futuro. — E eis que a este ruido mysterioso, visões estranhas me apparecem. — O canto de triumpho soltando-se do peito de milhões de homens, resoa em derredor. — Os vencedores passam em phalanges innumeraveis, — eu vejo as brancas, resplandecentes figuras das irmãs e dos irmãos libertados da escravidão; — a centelha da immortalidade faisca de todas as fronte. — Mesmo sem azas, elles vegam no ar, como se fossem alados; sem corôas brilham como se fossem coroados. — E eu mesmo prosigo no meio de todos, e me sinto em uma especie de ceu desconhecido, antecipado.

E, quem sabe? talvez que a prophecia dos meus sonhos se realisasse já sobre o tumulo da Polonia! E não havia senão eu, eu cadaver, que faltava entre os resuscitados! Oh, através d'estas grades e d'estes muros que me fecham como as taboas de um feretro, o meu espirito se illumina e se expande ao longe, transpondo o tempo e o espaço! — Sim, eu o vejo: além, por toda a parte myriades de es-

trellas e flores ;— o mundo regenerado celebra suas nupcias com a joven liberdade ! — Na aresta dos Alpes, no cimo dos Carpathos, o ceu resplandece com os raios da mesma aurora, — e todos os povos unidos, confundidos, parecem formar um só oceano, por sobre o qual é levado o espirito de Deus ¹.

Á medida que ia proseguindo no canto, Hedwige, como a sulamite dos cantares, comparada á torre que olha para o occidente, parecia suspensa ; o semblante com a graça diaphana de um seraphim. Naquelle elevação surprehendente, a commoção embaraçou-lhe a voz ; não pôde falar ; ficou hirta, livida, como na concentração violenta do extasis. Era o genio da Polonia incarnado em uma mulher que soffria. Hedwige ficou silenciosa ; nem um queixume, uma lagrima sequer, quando lhe roxearam os pulsos. Quando tornou a si, e conheceu que ia compartilhar commigo a mesma sorte, sorriu-se, com a expressão divina da alegria dolorosa e da resignação.

Dias depois leram-nos a sentença. Doze annos de desterro e trabalhos na Siberia. Hedwige escutou impassivel. Custava-me tanto vel-a soffrer em

¹ Strophes XIX, XX, XXI do poema *O Ultimo*, do conde Sigismund Krasinski.

silencio; ella fazia um esforço inaudito para não vergar com as dores excessivas; não queria redobrar o meu soffrimento. Oh meu poeta! foi então que me convenci de que o homem é o lobo do homem; peor ainda que o lobo cervical, porque espia os segredos da nossa alma, e antes que nos inflijam as sevicias do corpo, torturam-nos o espirito, insultando os sentimentos mais recatados e santos que nos dão coragem nos desalentos da vida.

Partimos todos na carroça dos desterrados, um *kibitka* peor que o tormento inventado para matar o integerrimo Atilio. As rajadas do inverno eram cortantes, e tiravam-nos todo o vigor para avançar; depois, vieram amontoando-se os gelos, e nos obrigaram a proseguir a pé; a desolação dos steppes, por onde passavamos, despertava-nos não sei que *sympathia*, talvez porque eram uma similhança visivel do abandono e ruinas em que estavam nossas almas.

Hedwige, delicada e fragil, não podia caminhar mais, via-a desmaiar pouco a pouco; a lividez do sepulchro no semblante desbotado! Parecia-me a flor mimosa, emmurchecida com as geadas da noite. As pancadas do *knout*, um latego formado de tiras de

coiro cru e rosetas de ferro, com que a verberavam para adiantar caminho, esgotaram-lhe as forças. Eu não sei que haja palavras humanas para exprimir a dor e a raiva que senti n'esse instante, porque o coração do homem nunca soffreu tanto; para descobrir uma expressão para o infinito da angustia. Hedwige nem se atrevia a olhar para mim; depois vi-a cair transida de frio e cansaço; esgotára o ultimo esforço. Quizeram deixal-a sepultada entre o gelo. A noite vinha a fechar-se asperrima, atroz; eu não podia sequer lembrar-me que o corpo da minha amante ia ser em breve pasto dos abutres. Estava já tambem sem forças. Pedi para leval-a aos meus hombros.

Era a loucura e egoismo do amor, que fazia com que a conduzisse, para sentir ainda agonias mais violentas que a morte.

— «Oh! antes me deixasses sepultada na solidão dos steppes, exposta ás aves nocturnas, do que vermo-nos agora separados para sempre! » — Disse-me ella a abraçar-me phrenetica, louca, quando nos separaram, mal que chegámos ás minas da Siberia.

Os meus companheiros do infortunio não os tornei mais a ver: Hedwige foi condemnada ao traba-

lho das minas de mercurio, muito longe. Não soube mais d'ella. A mim, enfiaram-me um capote de feltro e desceram-me por uma corda pelas gargantas da terra, por um boqueirão escuro; á mediã que ia baixando, ia sentindo vozes confusas, ruido de enxadas. Então, vi na obscuridade profunda a luz baça e mortiça das lampadas de segurança, e uma multidão de homens escaveirados, magros; era uma cidade de mumias. Era aquella a minha habitação para doze annos de existencia. Admirava-me de ver alli creanças; filhos dos desgraçados obreiros, rachiticos, enfezados, não conheciam a luz do mundo, a vida resumia-se no trabalho insano. As dores que supportava haviam-me embotado o sentimento, tinha a impassibilidade do idiotismo, a muidez do assombro. Ás vezes uma lembrança longiqua de Hedwige e de minha mãe, a quem não pude dizer ao menos o extremo adeus, me davam a consciencia de que ainda vivia; mas não podia alliviar-me com as lagrimas.

Os que me viam nunca se atreveram a perguntar o meu crime. Não sei que esperança me prendia á vida, para que me não despedaçasse contra as rochas, que ia arrancando. Estava já acostumado á obscuridade. Um dia começou a lembrança de Hed-

wige a occupar-me a imaginação. Seria uma saudade viva? algum presentimento? Lembrar-se-hia ella tambem de mim n'esse instante? Era impossivel tornal-a a ver. Julgava-a já morta, creança e debil como era. Sem Hedwige, para que queria eu a vida? Oh! se a visse ainda uma vez, morreria contente, resignado, perdoando tudo quanto os que se dizem meus semelhantes me fizeram soffrer.

Era uma loucura esta idéa. E continuavamos silenciosos a romper a mina lobrega e funda. Começámos a sentir um écco surdo; eram os trabalhadores de outras minas, que se encontravam. Continuei a trabalhar com mais afan, na direcção d'onde vinham os sons abafados.

Encontrámo-nos dias depois. Que alegrias, que abraços intimos entre aquelles socios da desgraça. Se estivesse ali Hedwige! Que fatalidade! o meu desejo era o presentimento. « Já te esqueceste de mim? » Senti um abraço sem vigor; fitei nas sombras o vulto, que me falava e me estreitava a si. Era ella, livida, desconhecida, com a magreza da consumpção; o mercurio penetrára-lhe a parte esponjosa dos ossos. Tive horror do ente que amava, era só a paixão que me prendia a ella.

— • Lembras-te das palavras de Simeão quando

no templo viu o Messias em seus braços? Hoje digo-te o mesmo, Karl; já posso morrer.»

E eu continuei a viver para ver prolongados a miseria e os flagícios incríveis, que me cercavam. Já não tinha o amor, que alimentava as horas da minha solidão. Hedwige tinha-me expirado nos braços; soltara a alma candida, acrysolada nas tribulações, no ultimo beijo, que recebeu de mim. D'ahi por diante a vida pareceu-me mais impossivel de supportar; eu não vivia, vegetava como o lichen no fundo de uma caverna escura. A imbecilidade proveniente da atonia e dos pesares indescritiveis prolongaram-me a existencia.

Lembrava-me minha mãe. Se a tornaria á ver ainda! Estaria ella já no sepulchro, ralada com a saudade da ausencia, cansada de esperar a volta do captiveiro? Sem successos, nem distracções, que me preoccupassem a vida, cada momento parecia-me um seculo de desesperação. Estes doze annos foram uma outra existencia. Quando voltei á patria julguei um renascimento; mas tornava a apparecer á luz do mundo para mais provações e dores, porque minha mãe estava morta; a patria, o que ainda me fazia palpitar o coração com vida, vejo-a esquecida, inerte sob o jugo prepotente da Russia. Hoje

escrevo-lhe, meu poeta, porque é a unica pessoa, que me resta no mundo, e só me prende á vida o juramento, que fiz de immolal-a no altar da patria.

— *Karl.* »

O poeta anonymo da Polonia produziu com os seus pœmas o mesmo que Mickiewich, o author do *Banquete de Walenrood*. Só depois de morto é que se soube o seu nome, era o conde Sigismundo de Krasinski. A liberdade da Polonia fôra o seu ideal, a unica inspiração; é ella sempre que transluz nas maravilhas com que enriqueceu a litteratura polaca, nos *Psalmos do Futuro*, no *Iridion*, na *Comedia Infernal* e na *Tentação*, a que anda ligado este facto que narrámos.

O RELOGIO DE STRASBURGO

(CONTO DE 1352)

A idade média está completamente caracterizada nas suas legendas; porque se não ha de por ellas recompôr a historia, animal-a com essas côres vivas, dar-lhe movimento. A mais extensa, a que absorveu todas as imaginações rudes e creadoras, foi a legenda do Diabo, reprodução do dualismo antigo, que apparece fatalmente no periodo instinctivo da genése religiosa. D'esta idealisação do mal provem, na arte, a realisação anonyma do grotesco, muitos dos velhos fabularios, e na ascese divina, a tentação de que estão cheios Ribadaneyras e Bollandistas.

A sciencia, nos primeiros seculos da egreja, foi despresada, amaldiçoada como inutil e perigosa, porque tornava o espirito rebelde, orgulhoso; a alma

perdia com ella a simplicidade, que a elevava até Deus. A observação das leis phisicas do mundo era uma impiedade; Bacon e Sylvestre II são olhados como feiticeiros. É um martyrio interminavel o desenvolvimento da razão. Foi um dos algozes S. Paulo: «Eu destruirei a sabedoria dos sabios e rejeitarei a sciencia dos eruditos. O que é feito dos sabios? O que é feito d'estes espiritos curiosos das sciencias do seculo? Não os ha convencido Deus da loucura das sciencias d'este mundo?» A igreja não se contentou com a acrimonia da invectiva, quiz encarnar este verbo do obscurantismo. As lutas e as agônias que se seguiram estão perpetuadas em um sem numero de legendas.

Em pleno seculo XIV. O sol brilhante, em um céu sereno e limpido de um dia de alegria, derramava-se em torrentes sobre a cathedral de Strasburgo. Voltada para o oriente, segundo o rigor do symbolismo antigo, recebia a luz do alto, como um cenaculo em que as linguas de fogo vinham revelar os mysterios da vida e a serenidade, que ella havia de infundir aos tristes que se acolhessem, corridos das tempestades do mundo, na tranquillidade do seu recinto. A luz reflectia-se deslumbrante das vidraças, que ostentavam um rosicler das côres

mais caprichosas e vivas; cada pedra, cada angulo, cada saliencia destacava-se mostrando os rendados e labores exquisitos; a torre parecia então mais alta, não topetava com as nuvens, perdia-se na profundesa do espaço azulado e puro. Era um bello dia de primavera.

Diante da cathedral magestosa foram-se agrupando pouco e pouco alguns vultos ociosos; e, attrahida *na razão directa das massas*, instantes depois a multidão fluctuava impaciente, como quem espera um prodigio annunciado, *exempligratia*, um eclipse. Não era nenhum eclipse, nem tampouco a passagem de um cometa, que então fazia tremer os pontifices e os reis. Não era mesmo procissão esplendida, que o povo e os amadores de tertulias estavam esperando com ancia. O que seria então?

Uma figura estranha, embuçada em um tabardo escuro, chapéo emplumado ao uso da côrte, vinha montado, a passapello, em um cavallo fouveiro; custava-lhe a romper por entre a turba apinhada; estrangeiro ali, não-quiz atropellar ninguem, e resolveu esperar que o concurso fosse diminuindo.

—O que está toda esta gente aqui a fazer, em um dia de trabalho?— perguntou o desconhecido para um rapaz, que parecia esconder-se entre o

vulgo, com um ar de tristeza e de uma dôr indizível.—Ha alguma procissão ou festa de jubileo? Ainda as portas da cathedral estão fechadas.

—É certo que vindes de bém longe—volveu-lhe vivamente o pobre rapaz—pois que ainda vos não chegou a fama do grande relógio de Strasburgo. É uma maravilha da Allemanha. Não vêdes aquella estatuasinha da Virgem? Diante d'ella, vem ao bater do meio dia os trez Reis Magos com seus presentes, e o gallo automato, que lá está, sacode as asas logo que o sol toca o zenith.

O cavalleiro não teve tempo para comprehender o que ouviu, porque um sussurro immenso, repentino, burburinhou por toda a praça. O carrilhão de Strasburgo dava meio dia. Ficaram boquiabertos, attentos esperando o apparecimento dos Reis Magos. Sentiu-se primeiro o ruido estrepitoso de umas asas pesadas, depois o clangor de uma voz énea, soturna. O cavalleiro estava pasmado com o que via. A fama do relógio de Strasburgo correra as partidas do mundo. Os palacios, os mosteiros, os castellos desejavam uma maravilha equal. Ignorava-se o nome do artista. O cabido da cathedral ufanava-se com tamanho e tão singular artefacto.

—Oh! dize-me — acudiu o cavalleiro, saindo do

espasmo da admiração. — dize-me quem fez esta obra prodigiosa, que é a inveja de todas as cidades do mundo! Porque se não falava no nome d'elle? Onde está o artista? Menho de França para vel-o.

— Perguntaes, nobre cavalleiro, como se su podesse violar tal segredo! Mal sabbis que as vossas palayras abordara na minha alma uma dôr profunda como um ecco no'm pãmo aziago! Quem fez o relógio, perguntaes vós, a gloria tentá-me, precipita-me, impelle-me a arriscar a vida! Foi meu pae! — E as lagrimas de alegria e pesar foram-lhe arrasando os olhos, até que rompeu em um choro insoffrido de creança. O cavalleiro aprou-se e estreitou-o nos braços.

— É a saudade de teu pae, que te lava o rosto com esse pranto de ingenuidade e amor? Não soube a morte respeitar tão preclaro engenho? E eu que vinha da parte de Carlos v, da França, para visitá-lo e falar-lhe!

— Elle ainda vive, senhor. Mas que vida! Oh! antes a morte o tivesse envolvido nas suas trevas geladas, antes houvesse nascido sem aquella luz do talento, que é sempre a predestinação do martyrio.

A praça estava já deserta, e os dois partiram enleados n'esta conversação. Chegaram á officina do

relojeiro. Era um velho; as cans alvissimas formavam-lhe um diadema venerando; tinha o rosto escondido entre as mãos, como quem se abysmára n'uma abstracção intensa, ou n'uma grande e intrahavel agonia. O estrangeiro permaneceu hirto sob a soleira da porta; não se atrevia a interromper os processos mysteriosos d'aquella mente prescrutadora. A creança aproximou-se com familiaridade, e segredou-lhe longamente umas palavras mal articuladas e confusas. O velho ergueu então a fronte banhada em uma alegria suave e voltou-se para a porta:

— Buscam-me da parte de el-rei Carlos v de França?— perguntou elle com um ar affavel e indicando um assento ao desconhecido.

— Em verdade, el-rei me envia aqui.

— E o que pretende de mim, que nada posso, el-rei, que tudo manda?

— Conhecendo a vossa boa fama, vendo que enriqueceste a Allemanha com essa maravilha do relogio de Strasburgo, elle quer tambem collocar na torre do palacio da Justiça uma machina, que dividindo com justesa as doze horas do dia, ensine a observar a justiça e as leis.

— Como o não serviria eu de boa vontade, se me não houvessem apagado para sempre o lume dos

olhos. Não vêdes estas orbitas vasias? Cegaram-me. Ha já dezeseis annos que vivo mergulhado nestas sombras cerradas, que me antecipam a escuridão tetrica do sepulchro, mas que me prolongam a vida, no abandono da desgraça, para soffrer a cada instante as mais exoruciantes provações. Eu vivo ao desamparo; nem sei já trabalhar. N'esta solidão do espirito, para esquecer o tédio e a desesperação que me pungem, eu invento machinismos complicados, que o meu pobre filho executa. É elle o herdeiro do meu engenho. Cada pancada do relógio no carrilhão da cathedral, é uma palavra de sarcasmo, um insulto vibrado por uma lingua satanica, só entendida por mim. Vou contando as horas na mudez das noites de insomnia, e cada uma me descreve com mais feias côres esta morte onde fui precipitado em vida.

Havia nas palavras do velho um mixto de resignação e dor, uma grandeza, uma santidade admiravel. A fronte, enrugada pelos annos e o estudo, pendia-lhe sobre o peito; o filho ainda imberbe, engraçado, ingenuo, estava de pé a seu lado, mudo, com os olhos no chão.

— Como houve mãos tão barbaras, que ousaram pôr diante do vosso espirito, para sempre, a som-

bra eterna da morte? Foi o acaso? Foi a malvadez que vos despenhou n'essa desgraça? Seria a inveja quem vos supplantou á traição; vendo-se obrigada a admirar os artefactos que não podia exceder? Oh, conta-me. Não! não! tenho horror de ouvir; deve custar-vos muito. El-rei ha de saber-o e acudir-vos:

O velho ergueu lentamente a fronte; poisou as mãos sobre a cabeça loira do filho, brincando distraído com os cabellos longos. Depois de um momento de indecisão, começou:

— O bispo João de Lichtenberg encomendou-me um relógio grande para a torre de Strasburgo. Era preciso que as horas canonicas fossem observadas com escrupulo; as irregularidades na divisão do tempo causavam graves inconvenientes ás rezas e officios divinos do côro. Eu trabalhei dois annos consecutivos; tinha empenhada n'aquella obra a minha fama. Inventei um calendario em que representava as indicações das principaes festas moveis: ao lado puz-lhe um quadro em que estavam escriptas em verso as principaes propriedades dos sete planetas; ao meio colloquei-lhe um astrolabio, onde os ponteiros notavam o movimento do sol e da lua, as horas e os quartos. Ao alto estava uma estatua da Virgem, ante a qual se inclinavam, ao ar do meio

dia, as figuras dos tres Reis Magos. Ficaram espantados com a maravilha da obra; souu por toda a parte a fama d'elle. O povo agglomerava-se na praça para ver. O cabido receiou que os outros mosteiros ou as côrtes da Europa quizessem ter um monumento igual. Como impedil-o? Uma noite, estava eu descançando do trabalho assiduo, improbo que levava, quando me bateram á porta. Vieram dizer-me que o relógio estava parado. Levantei-me á pressa, atterrado, confuso, e dirigi-me para a torre. Quando ia subindo, e já a uma altura vertiginosa, apagaratn-se de repente os archotes; os que me acompanhavam, lançaram mão de mim para me precipitar; as unhas prendiam-me ás fendas da cantaria, com a tenacidade do amor á vida. Por fim, zangados, agarraram-me, arrancaram-me os olhos. Aos meus gritos, os malvados respondiam que me desse por feliz em não ser queimado vivo na praça publica, exposto á irrisão da plebe, por feiticeiro; que eu tinha pacto com Satanaz, que o evocava com linhas cabalisticas, com que formava as rodas dentadas.

O pobre velho permaneceu um instante silencioso reflectindo no assombro d'aquella noite infernal; depois, mudando de conversa, o embaixador pediu-

lhe para levar o filho, que havia de fazer por certo o relógio para o palácio da Justiça. Não faltaram negações e hesitações. O velho conhecia o talento do filho, e temia um igual desastre. O cavalleiro jurou protegê-lo com a vida, e trazê-lo incolume a casa de seu pae, logo que tivesse findado o trabalho.

O relógio foi posto na torre do palácio da Justiça, e, elle que aconselhava a observancia da justiça e das leis, foi o que, dois seculos mais tarde, deu o signal para a carnificina de S. Bartholomeu.

Quando o filho do relojoeiro de Strasburgo voltou á patria, ainda o pobre velho vivia. Estava no meio da sua desgraça, possuido de uma alegria infinita. Na solidão do espirito em que ficara, procurou constantemente vingar-se. Vingou-se afinal. Um dia conseguiu aproximar-se do relógio, e tocou em uma roda de tal forma, que não tornou mais a regular, apesar de todos os esforços; em 1574, intentou restaurar-o Dasypodius, e em 1669, em 1732, até que cessou de trabalhar em 1789. O desgraçado levava esta unica consolação do mundo. A mesma legenda se conta dos relógios de Nuremberg, de Auxere e Lyon, em que as versões parecem filhas da comprehensão de uma mesma verdade.

UM ERRO NO KALENDARIO

EPISODIO DA HISTORIA DA INQUISIÇÃO EM HESPANHA

I

Quem o visse sentia-se atrahido para elle por uma fatalidade irresistivel. O olhar encovado e cintilante tinha a fascinação da onça refalsada. A estamemba monastica da humildade era uma arma de que se servia. A côr sombria do remorso, que o ralava interiormente, sabia invertel-a tão bem na maceração da penitencia, que assim facil lhe era devassar todas as consciencias, e submettel-as ao seu capricho, tyrannisal-as, alimentando sempre uma infinidade de terrores futilissimos, com que as trazia suspensas. Cabisbaixo, meditando continuamente um longo plano de vingança, de uma sevicia obscura e mesquinha, os que o viam achavam n'aquella gravidade satanica do monge um ar contemplativo de compunção piedosa.

O frade fez-se Director espiritual.

De uma extracção illustre, rico, herdeiro de um grande nome, porque desprezaria as pompas do mundo, os amores do seculo, as glorias? Acordar-lhe-hiam os annos todos esses sentimentos a um tempo na alma, e o horror do impossivel tornal-o-hia hypocrita, apagando-lhe a esperanza com o sopro do cynismo? Elle amára a filha de um velho fidalgo de Hespanha, que desejava tambem realisar essa alliança dos seus pergaminhos com as grossas sommas de enamorado de Hernanda; a madrilená engraçada, de ingenua desenvoltura. Hernanda, na morbidez voluptuosa de sua natureza oriental, nunca mais sorriu, nunca mais deixou ver aquella alegria impaciente que a animava, logo que soube a resolução da familia. Detestava o galanteador, aborrecia-o de morte, resistindo sempre ás instancias e ameaças do pae, que procurava sacrificar-a aos interesses do seu braço d'armas.

Hernanda tinha um amor de infancia, puro, recondito; como um raio de luz que nos fecunda ao desabroçar da vida, aquella affinidade precoce e ignorada de todos, fôra uma intuição do sentimento. Amaram-se longo tempo sem saber o que era amor. Quando um dia acordaram á luz sentiram necessi-

dade um do outro; a apiedade de uma mesma aspiração identificou as suas almas para sempre. Cedo o noivo proposto soube da existência de um rival obscuro. Procurou-o, fartejou-o na sombra, lançou-lhe o reptio. Encontraram-se; Ambos corajosos e fortes bateram-se; destemidos em um duello a todo o transe.

Logo que Hernandá soube da morte do seu amor primeiro, jurou um odio eterno ao assassino. O velho fidalgo não comprehendia estas coizas; ameaçou-a com o convento. A idéa da clausura, em vez de amedrontal-a, sorriu-lhe; era um refugio, o unico que lhe restava no mundo, depois da perda a esperança que resume todas as que se podem ter na vida: Professou.

O galanteador assistiu impassivel na egreja, para ouvil-a pronunciar os votos. Havia n'aquella coragem uma alegria selvagem, egoista, por ver que a mulher que elle amava debalde, não havia pertencer a mais ninguem. Depois de satisfeito este instincto, lembrando-se de que fôra ludibriado, despresado, passou-lhe pela cabeça uma idéa atroz de vingança. Queria salvar o seu orgulho ferido. Lembrou-se tambem de abandonar o mundo, esconder-se debaixo da cugula monastica. Para os que o conhe-

ciam, foi um rasgo heroico de resignação ; para elle era um meio de poder ver de mais perto Hernanda : só assim podia tortural-a, vir a ser seu Director espiritual.

O socego da solidão deixa apreciar os ruidos mais imperceptiveis ; Hernanda, na mudez da cella, na ausencia completa de interesses que lhe povoassem a existencia, era impressionada profundamente pelos sentimentos mais leves que lhe passavam n'alma como as auras suaves pelas cordas de uma harpa. A imaginação desenvolvera-se a tal ponto, que a fazia soffrer. Foi assim que frei Pedro, o disfarçado monge, veiu a ser seu Director de consciencia. Elle exagerava as doutrinas mysticas do dualismò, o predominio do mal, esta lucta incessante do espirito contra a carne, fortificada pelas mortificações do corpo, pela vigilia, cilicios, jejuns, e orações ferventes. Provocava-a a abstrahir do goso dos sentidos, a contrariar a natureza, abnegar da vida. Apontava-lhe a natureza risonha e luxuriante como uma voluptuosidade, o regosijo e sêde de amor que a harmonia do universo infunde como uma infracção à regra austera da perfectibilidade.

Era preciso a solidão para gosar essa existencia intima, recondita, e arrebatarse até Deus. Com o

silencio imposto, arvorado em preceito, exaltou-lhe a vida interior, e o tumulto de idéas que se succediam, prolongava a excitação cerebral. A vigilia extensa e continua, a maceração e a leitura piedosa foram-lhe desconcertando o systema nervoso. As visões extravagantes cercavam-na; vozes estranhas segredavam-lhe palavras assombrosas, que ella repetia tremendo na penumbra do confessionario.

Foi então que o monge, depois de a ter desprendido pela ascese fervorosa dos limos da terra, lhe começou a falar de amor, o *amor divino*, a anciedade preenchida com o vacuo, a sede mitigada com a calma do dezerto. A imaginação perdida n'esse ideal vago, sem realidade possivel, delirava, revestia a imagem palpavel com todos os encantos de um devaneio sensual, dava-lhe vida, amor, para corresponder ao que tumultuava na sua alma solitaria. Mulher, menos curiosa da razão sufficiente das coisas, sujeita a padecimentos hystericos, enamorava-se da fronte altiva e conjunctamente modesta do Christo, como a representavam os pintores da idade media; esquecia-se da vida exterior, parecia que a alma livre se absorvia na essencia da divindade. Era este amor, inspirado pelas imagens dos templos, tão desvairado como a paixão do artista grego pela estatua

eburnea que palpitava debaixo do escôpro. Santa Rosa de Lima amava uma imagem da Virgem que tinha nos braços o *bambino*. Ozana de Mantua, diante de uma imagem linda, caía em extasis. Estas imagens de Jesus, radiantes de candura e fascinação, bellas, fallavam aos sentidos ; é por isso que o amor divino tem na sua vehemencia e transporte um character sensual, como o exprimiu o solitario da Ombria nos seus cantos a Santa Clara, S. João da Cruz e Santa Thereza de Jesus, Madame Chantal e S. Francisco de Sales, Fenelon e Madame Guyon.

O Director espirital da desditosa Hernanda, descrevendo-lhe o amor divino, exempto da zelotypia das paixões do mundo, não tendo a alma candida de nenhum d'esses apaixonados e santos poetas, presentira, dois seculos antes, a theoria ascetica de de Molinos. Tinha em vista matar o peccado pelo peccado. Era impossivel já. Hernanda pairava em espirito pelo empyreo, sua alma pura, abysmara-se na immensidade de todo o amor. O extasis em Hernanda, originado pelo fervor piedoso, era o entorpecimento dos sentidos, um scismar indolente á cadencia dos inefaveis concertos das cytharas dos cherubins.

Então o Director de consciencia descobriu uma

nova tortura para flagellal-a; tinha um prazer infernal em tornar-lhe lento o sofrimento. Elle mostrava-lhe que era o extasis o mais alto favor do ceu concedido aos seus eleitos, e descobria ao mesmo tempo como isso era para todos os grandes santos uma provação difficil, pelo terror dos *proprios merecimentos*. S. Paulo, o que melhor revelou nos seus escriptos o espirito do christianismo, na epistola segunda aos Corynthios, fala d'este terror.

N'aquella virgindade tímida da alma, o corpo foi-lhe caindo em inanição, tinha uma immobilidade beatifica. Apesar de todos os flagicios e macerações, o rosto conservava ainda a frescura da rosa entreaberta, rociada pelo orvalho matutino. No passamento das virgens, sereno como o declinar de uma tarde de primavera, Jesus visitava as suas desposadas, como referem os legendarios. Hernanda abraçára-se no amor ardente do ceu, o vacuo absorvera-lhe o derradeiro alento; sua alma soltava-se na ancia do infinito. Alta noite, sentiram-se umas harmonias trasbordando em enchentes do orgão do mosteiro; era uma musica indisivel, nunca ouvida na terra. Foram vêr. Ninguem percorria o teclado. Melodias suavissimas e remotas derramavam-se da cella

de Hernãnda. Entraram. Respiravam-se perfumes aérios em torno d'ella. Um sorriso diaphano, angelico, lhe ficára nos labios desbotados, como a ultima vibração de uma harpa que se quebra; parecia a encarnação de um sonho melifluo das harmonias da Palestina.

II

Desde o romper d'alva, que os sinos da cathedral eccoavam estrepitosos n'um dobre funerario; o povo agitava-se inquieto pelas ruas, como na impaciencia de uma grande festa. Era o dia de um *Auto de Fé* em Hespanha, uma solemnidade extraordinaria, com que se celebrava e honrava a coroação dos reis, o nascimento do herdeiro presumptivo, e a sua maioridade; era o grande drama judiciario da velha jurisprudencia theocratica revestido dos horrores do symbolo, mesclado de sangue derramado pelo fanatismo e prepotencia monachal. A procissão vinha colleando ao longe, com uma gravidade funebre, misturada de risos do rapazio que tudo parodia. Por todas as janellas negrejavam cabeças, donzellas engraçadas, contentes, distraidas com a festividade apparatusa. Á frente das confrarias e irmandades,

os carvoeiros traziam a lenha para a fogueira, imitando o passo da Escriptura, em que Isaac caminhava para a montanha do sacrificio. Seguiam-se em filas extensas os frades dominicanos, arvorada na frente a cruz branca, e o balsão inquisitorial de damasco vermelho do duque de Medina Coeli. Os penitenciados vinham vestidos de um modo irrisorio e grotesco, descalços, cobertos de um sumbenito, com um chapéu afunilado, com figuras cabalisticas, diabos e caveiras pintadas.

A multidão pavida e credula, sentia aquella grande contradição do coração humano, apupava os miseraveis que interiormente a commoviam e lhe arrancavam lagrimas de compaixão. Chegados proximo do estrado real, o inquisidor geral veio receber o juramento da extirpação das heresias. Os brandões crepitavam nas mãos dos condemnados; tornavam mais lugubre o momento. Depois viu-se levantar uma figura macilenta, a cabeça encoberta no capuz, cruzadas as mãos sobre o peito em que tinha repousado um crucifixo, o mesmo que um dia apresentára diante dos reis catholicos Fernando e Izabel, dizendo-lhes que — o vendessem por trinta dinheiros, já que se queriam tornar menos rigorosos contra os judeus. Era o prégador frei Pedro. A voz

taurina fazia estremecer as turbas, representando-lhes ao vivo, nos esgares e visagens que fazia, os terrores das penas do inferno. A multidão estava suspensa ante as vociferações do dominicano.

— Sabes, (disse um desconhecido para um cavalleiro ainda novo, que estava attento) não o conheces?

O outro respondeu-lhe em voz baixa, de um modo quasi imperceptivel :

— Ah, és tu, Diego Ortis? Bem o conheço pela fama de seu nome. É Pedro de Arbués.

E não te sentes possuido de raiva ao pronunciar esse nome de um hypocrita e assassino?

— Assassino?

— Sim! Bem o devêras saber, porque é a ti a quem compete a vingança. Elle pertendeu por todos os meios desposar Hernanda, tua irmã. Lembras-te? Era rico, e teu pae desejava com todas as veras d'alma este enlace. A infeliz menina resistiu sempre, até que se viu obrigada a professar em um mosteiro, abandonada da familia. Não é verdade isto? Ferido no orgulho, elle metteu-se a padre, disfarçou-se debaixo da cugula monastica e fez-se seu Director espiritual. Matou-a lentamente com jejuns e macerações, com a lembrança continua

da tentação e da condemnação eterna. Pobre Hernanda! o mundo disse que morrera como uma santa; Deus sabe que desesperos profundos lhe abalaram a vida, e quantas vezes, no intimo da alma oppressa, não amaldiçoou a hora do seu nascimento!

— E como sabes isso?

— Como o sei? Eu digo-te só que a vingança não dorme. Tambem tenho um legado de sangue a cumprir. Era meu irmão o apaixonado, o eleito de Hernanda. Se ha nada mais santo do que um amor que nos acompanha desde a infancia. Alonso Ortis, doestado pelo rival audacioso, bateu-se generosamente e caiu ferido, morto à traição. Já comprehendes tudo.

— Inferno! Para que me disseste essas coisas aqui, entre esta gente? Sinto a convulsão da raiva que prostra, a sêde de sangue que me atira para elle. Hernanda! a desgraçada, a silenciosa, a timida, que tudo soffreu e nunca soube queixar-se! Eu quero trocar todas as tuas dores por um prazer egoista de vingança. Fala-me Diego Ortis; o que queres de mim?

— Quero prudencia! Eu tenho esperado dia e noite, por toda a parte, e nunca o tenho encontrado! nunca

esta mão deixou de repousar sobre o punhal, e ainda me parece que não é chegado o momento.

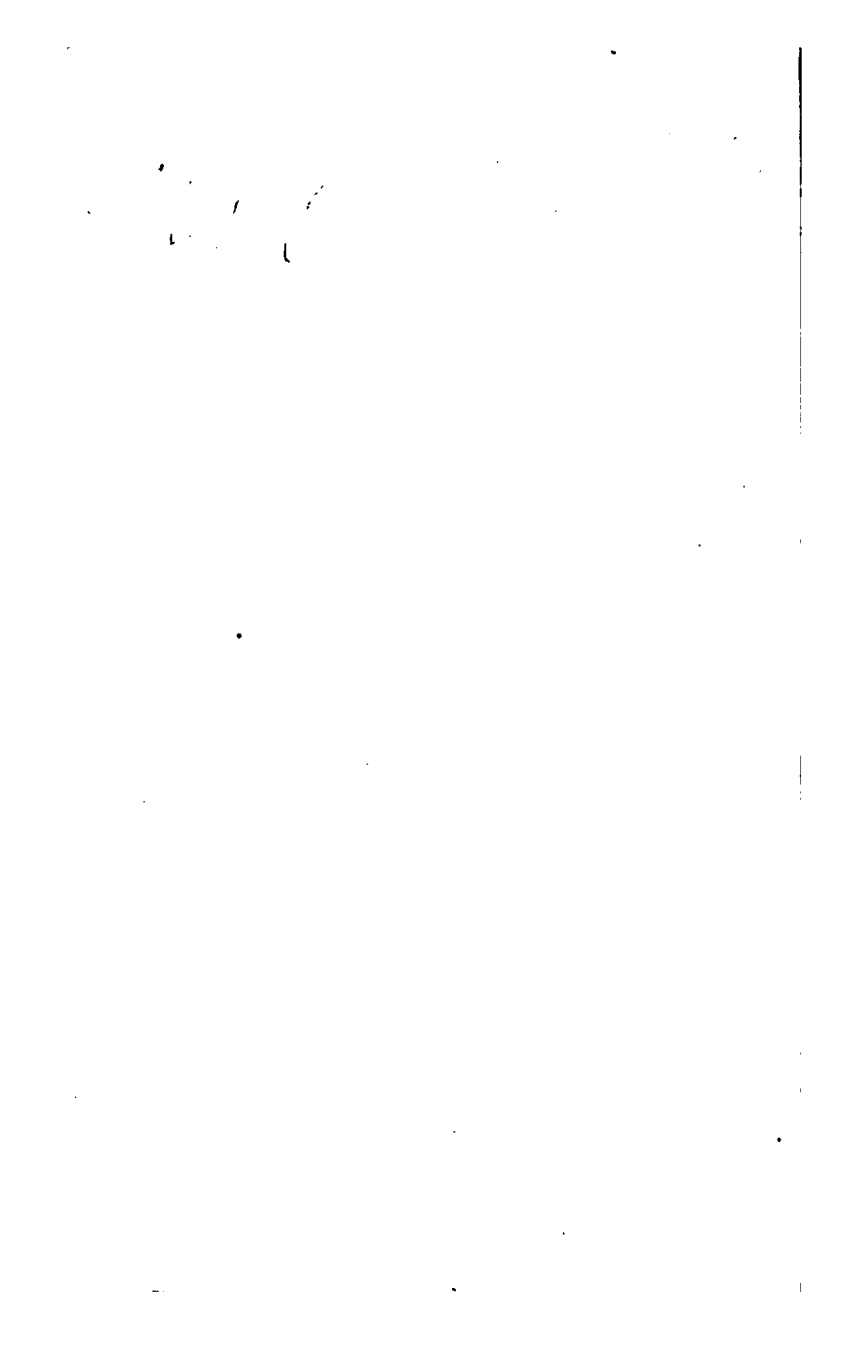
A este tempo o padre estava na peroração do discurso; a turba batia nas faces, consternada, por terra. Os dois vultos permaneciam de pé, insensíveis. O Prégador desceu do pulpito e vinha acercando-se d'elles com um olhar ameaçador, para reprehendel-os de tamanha irreverencia. O joven fidalgo precipitou os planos de vingança, e arremetteu com o punhal no ar: apesar do impeto com que foi brandido resvalou sobre o habito que encobria debaixo uma armadura cerrada.

Ergueu-se um sussurro repentino. Era impossivel a salvação; com a ancia do desespero Diego Ortis descarregou-lhe promptamente sobre o craneo tonsurado a sua espada de cavalleiro. O povo alarmou-se e ia a precipitar-se sobre os facinoras; recuou de horror diante da impassibilidade dos dois. A estatura corpulenta do padre tomar as proporções de um Goliath, derrubado, banhado de sangue negro, a massa encephalica derramando-se pelas suturas fracturadas do craneo. Fazia horror.

N'aquelle mesmo dia os dois assassinos foram penitenciados; interrompeu-se a missa, e a procissão proseguiu levando-os para o *Quemadero*, onde, com

os demais, foram devorados pelas chammãs. Seguiram-se as pesquisas, as vexações e os sequestros; com seus processos tenebrosos a inquisição lançou a réde por sobre muitas familias. A Hespanha era, como se disse, uma grande fogueira. Mas como ha uma antithese fatal na natureza humana, manifestada muitas vezes, a cada instante da vida, na transição instantanea do sublime ao ridiculo, Roma parodiou tambem esta scena sanguinolenta do drama tetrico de Torquemada na farça jocosa da canonisação do frade prégador, que ainda hoje se adora nos altares e de quem resa a folhinha com o nome de S. Pedro de Arbués.

Ora pro nobis.





A ADEGA DE FUNCK

CONTO TIRADO DAS NOTAS DE HOFFMANN

A ironia, quando não é despertada pela lucta incessante de contrariedades imprevistas, que cercam o espirito de duvidas e desesperos, e o deixam na prostração da indifferença e do cynismo, é uma doença, uma febre lenta, que vae devorando a existencia, depois de a ter despido de todas as alegrias. O riso com que ella se traduz, que é a expressão que mais de prompto lhe acode no accesso do phrenesim suscitado pela vista repentina d'um contraste, para quem o comprehende, é uma visagem infernal, um esgar que gela, um arremedilho de cadaver sacudido por uma pilha galvanica.

A gargalhada é tambem a linguagem das grandes agonias; é esta polaridade mysteriosa da nossa natureza dupla, constituida já em aphorismo: os ex-

tremos tozãam-se. A ironia, filha do mesmo principio supremo, é a impressão abrupta de uma idéa infinita que se compara com outra finita, cuja disparidade intuitiva desperta em nós todas os cambiantes do sentimento comico. A primeira manifestação do comico na vida foi por certo o *grotesco*; Susarion e Thespis caracterisavam os seus personagens com borras de vinho. Elle apparece-nos no mundo moderno como uma arma da burguezia contra a pressão do clero e as extorsões dos senhores feudaes, na *Festa do Burro*, nos *serviços*, nos *fabliaux*, nos baixos relevos e goteiras das cathedraes. O pico, a agudeza do pensamento estão completamente materializados na imagem; eis o comico pela sua face visivel.

O *humour* é um grau mais elevado; no contraste que se funda na antithese da acção e o pensamento, a fôrma não corresponde, contraria mesmo a expressão da idéa, d'onde resulta uma monotonia triste; o esforço do que procura alegrar-se infunde nos que o contemplam uma melancholia indefinida, como na *Viagem* de Sterne.

A ironia é a impossibilidade de conciliar os elementos da antithese, ou o contraste que gera todo o sentimento comico: o desespero de Hamlet pro-

pondo ao seu espirito o problema insolúvel e eterno:

To be or not to be that this the question.

A imaginação d'Hoffmann similha um kaleidoscopo onde estes trez cambiantes do sentimento se reflectem, confundem, se cruzam em direcções infinitas, formando um espectro a que chamamos o *phantastico*. A ironia, o humorismo e o grotesco succedem-se, como phases da sua inspiração. Quando elle sente estas inversões do systema nervoso, annuncio da *tabes dorsalis* que progride de um modo irremissivel, o pensamento então dá fórma a todas as vertigens; a dôr torna a creação pessoal, caprichosa; os retratos que elle faz são quasi sempre caricaturas, a incarnação de um riso de desespero. As bebidas e o seu cachimbo de Kumer vem distrair-o da consumpção que elle observa a cada instante em si. O fumo que se ennovella em fórmas extravagantes no ar, e se dissipa como uma chimera fugitiva, representa-lhe os typos que reproduz nos seus contos. Ao fogão, na concentração intima da familia, o cachimbo povoa-lhe o aposento de sylphos e gnomons, que embalam a phantasia en-

levada em sonhos incríveis, com musicas estranhas que o deliciam no egoismo do soffrimento que o corrôe. Elle tem uma afeição particular ás pessoas espirituosas, porque lhes suppõe talvez a veia sarcastica proveniente de algum estado morbido. Quando se retrata caricaturisa-se.

Muitas vezes acceta-se uma creação comica, ri-mo-nos, sem saber que a inspiração que a produziu foi a doença que arrebatou Molière, o desalento de Gil Vicente, a resignação de Scarron. Por que não havia Hoffmann distrair-se com o vinho, afogar n'elle a preocupação do mal irremediavel, que lhe atacava a espinha dorsal?

O seu editor Funck, homem estimavel de caracter, a quem a especulação não poz em guerra com os que têm a infelicidade de precisar escrever, convidou-o para passar alguns dias na sua residencia em Bamberg. Funck tinha uma magnifica adega e lembrava-se perfeitamente d'aquellas expressões de Hoffmann: « Fala-se muito do entusiasmo que procuram os artistas no uso das bebidas fortes; citam-se musicos, poetas que não podem trabalhar senão assim; *eu não sei*, mas é certo que com esta feliz disposição, direi, quasi sob a constellação favoravel, em que se está quando o espirito passa da

concepção á realisação, as bebidas espirituosas acceleram a torrente das idéas. »

Funck tinha o mais excellente de todos os vinhos, como lhe chamava Hoffmann, o Porto, que no seu nome traz o segredo da sua força. O escriptor original era esperado com anciedade em Bamberg. Chegou em uma tarde fria. O ceu estava escuro, carregado de nuvens; relampejava a espaços, como o preludio de uma grande trovoadá nocturna. Quando a natureza é triste sentimos uma vontade de nos reconcentrarmos; o lar domestico é a grande poesia do norte. Um dos maiores castigos no antigo direito germanico era a pena severa expressa n'aquella formula romana *interdictio tecti*; o banido é comparado ao lobo solitario; a casa era arrasada, tapado o poço, extincto para sempre o fogo do lar.

Hoffmann esquecia todas as dores ao abraçar aquelle amigo; com toda a liberdade de uma confiança intima sentou-se logo ao piano. O phrenesim da inspiração fazia-o percorrer desesperadamente o teclado. Era a sua ultima composição, meio improvisada com o jubilo que sentia. Começou um canto com uma voz desentoadá, que fazia arripiar os nervos; parecia que estava em delirio. N'isto um trovão rebentou com um estampido soturno.

—A natureza, disse elle para Funck, escarnece-se de mim, parodia-me a voz roufenha. Ha bastantes dias que tenho sentido humor para o romantico religioso. *Jovis omnia plena!* Hoje, não sei se é o excesso da alegria, predomina em mim uma exaltação humoristica levada até á idéa da aberração.

Funck continuava silencioso. Hoffmann permaneceu alheiado alguns instantes, como levado por uma serie de deducções, que absorvem fatalmente toda a contenção do espirito. Estava a diagnosticar-se; a prolongada doença dera-lhe um certo conhecimento do seu estado. Depois proseguiu:

—É notavel! Que diversidade de sensações agora! Disposições humoristicas colericas, com um humor musical exaltado, e sentimento de um bem estar com indiferença. Como conciliar tudo isto? O *systema nervoso* inverte-se-me de dia para dia.

Restrugia um aguaceiro espesso. Ha no cair da agua uma magia, que adormece.

—Vamos, disse Funck, interrompendo aquella reflexão penosa, eu tenho um excellente remedio. Vejo-te tiritar com frio, de um modo que me tira a satisfação do agasalho que presto a um amigo: O seio de Abrahão deve estar com uma temperatura suave; refugiemo-nos lá.

— Como isso era bom! mas infelizmente as azas da poesia não nos desprendem da terra; a realidade é peor do que o sol para as azas de Icaro; ella toca-nos o corpo com mais aspereza do que o velho Satan quando experimentava o desgraçado da terra de Hus. Agora acho-me divorciado com a poesia, com a musica, com a pintura; são as tres furias que sob uma apparencia seductora surgiram das sombras do paganismo para attribularem-me o espirito.

— E por que não havemos refugiar-nos; em uma tarde d'estas, no seio de Abrahão?— disse Funck procurando interromper a corrente das idéas afflictivas.— Não é tão difficil como pensas. Nem são precisas azas para ir lá. Para descermos basta obedecer á lei eterna da gravidade, que sobre nós péss. Não sabias ainda que a gravidade é o nosso peccado original?

Hofmann sorriu-se; o seu amigo tomou um tom humoristico para se adequar ao character d'elle n'esse dia.

— Apesar da facilidade que apresentas ainda não resolvi o poblema. Como havemos ir procurar conforto ao seio de Abrahão?

— Segue-me.

Funck caminhava adiante com um ar victorioso. Hoffmann sorria-se, com um modo duvidoso, para que o riso o defendesse do logro que esperava. Desceram uma escadaria escura; uns ferrolhos pesados gemeram, como se abaixasse uma ponte levadiça. Entraram. Era um subterraneo fundo, allumiado por um lampadario de bronze. Depois de affeito á sombra, Hoffmann pôde discriminar grandes toneis dispostos, como uma longa fila de cachapiansudos conegos.

Era a adega do seu amigo Funck. De facto havia alli uma temperatura tepida, de fermentação. Nenhum olhar importuno através da abobada calada.

— Se os velhos patriarchas, principalmente nosso pae Noé, não trocariam de boa vontade a tua adega pelo seio de Abrahão! — Hoffmann estava animado de uma alegria indisivel; era um homem dos extremos; a sensibilidade excessiva deixava-lhe apreciar os mais desaperecebidos contrastes, era por isto que elle tinha mais do que ninguem o *genus irritabile vatum*.

Mal acabava de proferir aquellas palavras, quando se atirou de um salto, com uma loucura de criança, e se escanchou em um tonel.

Funck seguiu o exemplo.

— A vida é um grande mar, que está em convulsões intermináveis; felizes os que ao caírem na voragem encontram d'estes delphins, que os tomam sobre si e os levavam, cantando, a porto seguro.

— Foste feliz na imagem, principalmente, porque o vinho desperta-me o humor erotico-musical, e os delphins, se dermos credito a antigos fabuladores, eram levados pela magia da musica. — E começou a cantar alguns trechos da sua opera a *Odina*, que só interrompeu para levar á bocca o sifão de lata que estava mergulhado na pipa. Hoffmann tocava a realidade dos seus contos.

— Este não dá pelos calcanhares do teu dilecto Porto? — accudiu Funck; o vinho de Nuits é dos melhores de Bourgonha, e, graças ao céu, podemos nadar em mar de rosas.

A noite corria tempestuosa e tetrica: os trovões rebentavam com uma detonação tremenda. Nos ares, coriscou um relampago repentino e veio illuminar com um clarão pallido o rosto dos dois amigos, que tocavam n'este momento os copos espumantes. Era um quadro com toda a verdade e simplicidade de Teniers, como o proprio Funck, em uma nota de uma edição do seu amigo, confessa com aquella ingenuidade allemã.

Deixa tambem fazer-te uma revelação tremenda:
enveneni-te.

Hoffmann não pôde tirar do conto a moralidade
que se espera, e caiu, esquecido do mundo, entre os
toneis do seu amigo.

153

REVELAÇÃO DE UM CARACTER

Como eu, elle tambem vivia ignorado, mas ocioso, distraido, fumando sempre, debruçado de uma janella que deitava sobre o mar. Passava horas esquecidas assim, a contemplar as ondas no seu eterno refluxo, imagem dos pensamentos reconditos, das aspirações impossiveis, que tempestuavam na solidão de sua alma. Muitas vezes me disse elle, quando a indiscrição da amisade o ia interromper do quietismo contemplativo que o absorvia, e lhe perguntava que idéas mysteriosas o afastavam para tão longe da realidade e da vida :

— Se fosse possivel exprimir, stenographar na palavra tudo o que se revolve na mente, o homem mais sabio pareceria um tolo ; se fossem coérciveis todos os sentimentos, que passam e se succedem no coração, o homem mais santo e simples apparecer-nos-hia com a hediondez da infamia.

E continuava, embebido n'um scismar indefinivel, extranho a tudo que se passava em volta d'elle, como na reconcentração de um grande desgosto. Outras vezes mostrava uma alegria irrepressivel, impaciente, louca, sem motivo, mas cada fiso era o preludio de imprecações e ironias pungentes, que vibrava dos labios acerados: o enunciado breve e incisivo d'uma grande verdade, mas triste, horrenda, incrivel, e infelizmente verdadeira, que a sua lucidez de doente descobria. Não sei qual o torturára primeiro, se a duvida ou o sarcasmo. Elle submettia á analyse fria os sentimentos mais puros e intimos, volatilisava-os pelos processos de uma dialectica irretorquivel, e por fim o ultimo canon de sua logica era uma gargalhada irritante que fazia gelar de medo. Elle mesmo se doía de sua crueldade, era o primeiro a accusar-se e a procurar corrigir-se. As linhas de sua physionomia davam-lhe ao semblante uma fôrma angulosa, de energia; o olhar incerto não repousava, como quem observa nas sombras de um abysmo insondavel, nunca o fitava, temendo talvez que lhe surprehendessem na expressão fugitiva que o animava o ridiculo, que sabia admiravelmente descobrir.

Deixei de procural-o longo tempo; repugnava-me

aquelle caracter incomprehensivel; para monomaniaco era insupportavel, para excentricidade despresivel. As contradicções tornavam-no absurdo. Custava-me vel-o na consumpção d'esse abandono, creança e foragido do mundo, sem ter a commoção dos grandes sentimentos que nos prendem á vida, e que são o conforto nas horas vagarosas do desalento. De uma vez encontrei-o a ler com uma voracidade, como a de Isafas, ao revolver as paginas dos arcanos imperscrutaveis. Procurei vér se a sua imaginação viva o tornava illuminado, se era a consciencia da segunda vista, da percepção immediata que o tornava ocioso e inerte :

— O que lés? Que livro é esse que um dia te prendeu a attenção inconciliavel?

— Uma terrivel obra prima, uma perigosissima e espantosa maravilha d'arte! É um romance de Diderot, que contém em si o germen de uma revolução moral, o *Neveu de Rameau*. Nunca leste? É impossivel observar mais profundamente o coração do homem, isolar-lhe os sentimentos e reproduzil-os em uma creação mais brilhante. Somos todos como elle. *Rameau* é a grande contradicção da nossa natureza, com a differença que obra segundo essa força, não se contrafaz pelas conveniencias da

sociedade, obedece-lhe fatalmente, e é por isso que horrorisa; as maximas do cynismo mais revoltante e abjecto, as doutrinas mais subversivas de toda a ordem, vêm-lhe no dialogo animado, seguidas de sentimentos purissimos, intenções boas e justas, de um modo abrupto, que espanta. Os seus paradoxos são os da humanidade, com a differença que a educação os abafa no intimo de nossa consciencia, e elle, o parasita, o musico, o bandido, o desgraçado *Rameau*, tem a infelicidade de pensar alto; deixa ver, através da sua ingenuidade, todas as paixões despertadas por desenfreados instinctos, que existem egualmente em nós, mas que os refreamos e os detestamos, como se fossem a degradação nos outros. Este livro é a synthese da philosophia do seculo xviii; ella avançou principios de uma verdade inconcussa, de rasão profunda, a rasão universal, de todos os tempos, mas que foram combatidos e ainda hoje não são completamente admissiveis, por esta maldicta necessidade de transigirmos com as conveniencias.

Esquecera-se n'aquelle dia do habitual silencio; falava com uma verbosidade febril; observações penetrantissimas, rasgos de uma intuição pasmosa lampejavam brilhantes, no decurso da conversação.

Expressando-se sempre com difficuldade; então, jorravam-lhe as palavras facéis e promptas, com uma nitidez que acompanhava as mais delicadas analyses.

A este tempo, assomou a uma janella fronteira ao seu quarto uma visinha, que vivia honestamente na desgraça, irmã d'aquella flor de Magdala, calcada aos pés pelos que não comprehenderam o impulso dos sentimentos que a transviaram. A pobre trabalhava e distraia-se a vêr os que passavam; cantava e ria esquecida do seu opprobrio. Estava vestida com uma côr triste, que lhe realçava a expressão dolorosa. Elle viu-a; cumprimentou-a com um sorriso leve, que traduzia um epigramma, que ella comprehendeu. Depois voltou-se para dentro :

— Ha uma afinidade intima entre a mulher e as côres; a escolha, a preferencia, a seducção por uma, é a linguagem de um sentimento recondito, que resôa dentro em si, e que ella não sabe exprimir, é o symbolo na sua fórmula mais poetica e simples. A mulher é sempre uma creança, chora e ri ao mesmo tempo; como sente mais do que pensa, quer mais do que pôde. A grande contradicção que faz com que realise as nossas aspirações vagas e ideaes! Como uma creancinha que tem sede,

Afferem-lhes as acções pelos factos vulgares, de todos os dias, e a disparidade faz com que se lhes chame um desgraçado, um extravagante, um doido.

— Revoltas-te contra o senso commum?

— Revolto-me contra toda a generalidade, que procura absorver o individuo, assimila-o, confunde-o. Quero que a individualidade se constitua e imprima o seu character, de modo que o tempo e o espaço atestem a passagem do grande homem.

— Revoltas-te contra a natureza?

— O que é a natureza diante da obra d'arte? Um verbo insignificativo, que apresenta todas as formas de que o bello pode revestir-se, o archetypo material que só se espiritualisa no typo, que é um facto da consciencia humana. Quando na imitação do archetypo a verdade é tão exacta, que o typo se confunde com elle, o sentimento que então desperta é incompleto, porque não deixou perceber que a determinação do facto presidiu uma consciencia. O bello é uma criação toda subjectiva; é despertada pela natureza, mas não existe lá; escolhemos as imagens em que melhor a podemos manifestar nas suas multiplices e variadas realisações, as characteristics que a traduzem fóra de nós. O bello é absoluto. Não existe o feio, que é apenas uma hypothese negativa

em que se funda a syñthese das realizações artísticas; o bello! o ponto onde convergem todas as evoluções da forma, incluídas na polaridade do bonito e do feio, e gravitando em volta d'esse principio unico, eterno; é o ideal que as faz tender para elle. O bonito e o feio são as duas relações que nos levam á comprehensão da idéa do bello. O bonito desperta nos esse sentimento espontaneo por inspiração intuitiva; o feio leva ao mesmo resultado pela reflexão. O *Sapo*, de Victor Hugo, asqueroso, repellente, depois de idealizado, é profundamente bello. Quando se espiritualisa a imagem, e é esta a missão da arte, o espirito ha de amar a sua criação. O estatuario delira com o amor de Galathea. Não posso deixar de obedecer a esta fatalidade do meu caracter; deixo-me arrastar pela contradição. O bello tem algum tanto de convencional; assim admiramos uma illuminura da idade media, os arabescos de uma janella gothica. O que parece convenção não é mais do que a reflexão, que nos faz descobrir n'aquillo que contemplamos um progresso do espirito, e nos mostra a tendencia da natureza a ser espiritualizada. Pelo sentimento do bello se obtem o desenvolvimento e elevação que podem prestar-nos na vida a religião e o direito; o verdadeiro e o justo não são mais

do que as manifestações do bello no mundo moral. Ha só uma religião, é a da arte!

O pantheismo é a suprema criação poetica, a identificação dos sentimentos do bello e do verdadeiro. Mesmo o direito primitivo teve um character pantheista; a natureza é animada, é testemunha na accusação, é pura como no ordalio, firma o contrato, submete-se tambem á penalidade, tem personalidade; os animaes compareciam tambem em juizo. A arte sobre tudo! ella suppre a sciencia e a observação, pela intuição viva; a realidade é contingente, variavel; o ideal, a criação pura do homem, é intangivel, eterno, emquanto a obra de Deus se converte em pó. Sacrifiquemos-lhe tudo na vida.

— Mesmo o amor?

— O amor? Rio-me da tua credulidade. Ainda fazes uma religião d'esse sentimento egoista, que procuras elevar acima da animalidade. Querem afferrir as affinidades electivas pelo que vêem nas paixões descriptas pelos poetas. O amor como o imaginas, só existe nas obras d'arte; fóra de lá é uma falsificação, uma loucura, um impossivel. Eu explico o egoismo olympico de Goethe, recusando o beijo de Frederica, a dedicação symbolisada no que a mulher tem de mais apaixonado e expressivo. Pede

ao amor a paixão, como pedes á natureza a paixão; depois de te possuíres de todos esses sentimentos, eleva-te acima da passividade pela reflexão fria, calculada, e terás a consciencia das fórmulas com que has de fazer sentir os outros, dominá-los, possuir os segredos de suas emoções, e és grande! Não fale mais n'isto; só fica bem na bocca de Dyonima.

E começou a assoviar uma aria caprichosa, passeiando vagarosamente; depois voltou-se para mim:

— Ha ainda que descobrir na musica; falta-lhe realisar o principio da ironia, como ha em todas as fórmulas particulares da arte. A poesia tem a satyra; a pintura a caricatura e o grotesco; só a musica precisa attingir a antithese do pathetico. O pathetico e a ironia são os dois polos de toda a evolução esthetica. Todas as creações na arte saem d'estas duas paixões oppostas. Uma é o natural, a outra é o não natural como natural; uma sustenta o sublime, a outra o ridiculo. Ao pathetico eleva-se todo o que soffre; só o riso é a força das grandes individualidades. Ri-te de tudo; o riso denota sempre uma superioridade.

Não o comprehendia; o seu riso pungente de ironia desarmava-me. O genio é uma doença, uma

disformidade; o que nos outros me parecia egoismo, n'elle não sabia como chamar-lhe. Para elle a gratidão era a justificação do servilismo; o sentimento religioso uma tradição da ignorancia primitiva; o amor de mãe uma impertinencia, que só se dá entre os animaes da classe dos mamiferos, pela conversão do habito em instincto. Explicava tudo assim. Parecia uma alma devastada por longas abstracções, que andava errante no mundo, à busca de uma formula impossivel. A analyse continua dava-lhe uma certa malvadez, tornava-o intractavel.

O character faz-se. Quaes seriam as circumstancias que o transformaram até áquelle ponto? Indagava-o como um problema interessante. Fui por deducções pequeninas. Muitas vezes me falava elle da harmonia plastica das fórmias. Contou-me uma historia original: uma menina engraçada, cuja belleza realçava com uns dentes alvissimos de jaspe; a vaidade de mostral-os tornara-a jovial. Infelizmente tropeçou em uma escada e quebrou um dente. Perdeu o seu melhor encanto. D'ahi em diante, procurando encobrir esse defeito, tornou-se taciturna, melancholica, aprehensiva, até que se foi definhando e morreu de desgosto. Contava-me isto como uma grande verdade, como doutrina que professava.

Admirava o costume de Sparta, que mandava despenhar de uma rocha as creanças disformes. Pobre rapaz! Como uma circumstancia pequenissima lhe influiu no caracter e na existencia. Elle era aleijado de um pé, como Byron, e era este o seu desgosto intimo, que o trazia solitario e o tornava aggressivo, porque se via amarrado a um ridiculo.

1/16/6

167

O SONHO DA ESMERALDA

« Oh! meu amigo, oh! meu poeta, tu não sabes o que é um rapaz que sae aos vinte annos da sua agua furtada, sem conhecer o mundo, ignorando a vida, tendo vivido alimentado por sonhos impossiveis, rico de todas as leituras, levado por ambições altivas, que o fazem grande, sentindo muito, amando tudo, e que o acaso atira ao meio de uma cidade opulenta, onde ninguem se conhece, onde todos se igualam e atropellam! Foi quando comprehendí aquelle tercetto de Dante, de uma profundesa nocturna, que me abysmava, cada vez que o repetia na mente:

No meio do caminho d'esta vida
Dei por mim na amplidão de selva escura,
Pois que a vereda certa era perdida.

Não sabes como o ruido de uma cidade immensa,
o dedalo das ruas, a estranheza e indiferença dos

que passavam, me tornava solitario no meio das multidões. Tantas vozes perdidas no ar, e nenhuma para mim! Tantos olhares distrahidos, e eu confundindo-me desapercibido! Tantos braços cahidos com desdem, e sem nenhum me estreitar a si. Parecia-me o tumulto como um naufragio em que a ancia do salvamento nos torna egoistas, insensiveis para as agonias dos outros.

Todas as aspirações que me fizeram deixar o retiro benigno onde me voaram os primeiros annos, mostrando-me o mundo como uma grande festa, que me despertaram o desejo de ser tambem um dia conviva, iam-se apagando, abandonavam-me como no encontro fortuito de um desconhecido. Sentia-me pequeno, incapaz de lutar, de me impôr á admiração dos outros.

O que teria sido de mim nas horas monotonas do desalento, nos longos dias do desamparo, se não fôra a poesia! Até então tinha ella sido um folguedo, um brinco infantil, innocente, um vagido timido e suave da alma, que anceava a luz, como uma borboleta prateada antes de romper a chrysalida nocturna. Sem ter quem me falasse, pedi á poesia os seus antigos carinhos, um alento de esperanças, um orvalho para refrescar a aridez do dezerto em que

me via. Ella, a irmã dos tristes, a alma dos que soffrem, como veiu terna, espontanea, compassiva para consolar-me! Cantava, como uma creança, quando tem medo e procura esvaecer os vultos caprichosos que lhe voejam na phantasia. Foi a poesia tambem que salvou o desgraçado Jacopone, quando, abalado pelos desastres da vida, errando pelas ruas desvairado e doido, apupado da plebe, perseguido, veiu bater ás portas de um mosteiro, d'onde egualmente o repelliam. Foi ella que lhe deu a paz da cella e a serenidade da contemplação.

Oh santa e divina poesia! bem hajam os que choraram por que te descobriram e trouxeram á vida, como uma perola nunca vista trazida do fundo do oceano. Bem hajam os que ainda choram, por que te guardam em si, como uma vestal sollicita ateando continuamente a labareda do altar. Bem hajam os que hão de vir para soffrerem, por que nos comprehenderão sentindo-se aliviados.

Andava pela cidade sem destino, vagabundo; eu mesmo ia comprar o alimento para o dia, e enojava-me esta guerra mesquinha e vil do pequeno commercio para os que chegam incautos, inexperientes. Os fundos, e bem poucos que eram, iam-se reduzindo de dia para dia; estava quasi sem di-

o estudó e a paixão debatiam-se, arcavam, procuravam mutuamente supplantar-se. Eu tinha acabado de ler a *Notre Dame de Paris*, e achava em mim não sei que analogias sinistras com Claudio Frollo. A *Notre Dame* de Victor Hugo é a rosa emmurcheada, que rejuvenesce ao sol do mysticismo, é a *Turris eburnea* por quem o poeta se apaixona no sublime delirio da arte. Claudio Frollo ! o desgraçado arcediago deixou tambem correr tranquilla a mocidade no retiro do estudo ; depois a *Esmeralda* enfeitiça-o, dançando, no volteio vertiginoso das praças. São duas paixões que se combatem. Qual d'ellas triumphará ? A fatalidade do impossivel ?

Eu não conhecia o labyrintho de ruas da cidade populosa e immensa. Ia em busca d'ella sem saber para onde. Encontrava-a quasi sempre, por uma coincidencia fatal. De uma vez, lembra-me ainda, foi quando a vi mais bella do que nunca, mesmo do que todas as mulheres. Estava confundida entre a multidão, que a abafava na sua onda ; mas para mim realçava tanto com um carbunculo que reflecte em si a luz de todos os cirios. Via-lhe na expressão languida e curiosa a alma de todas as almas dos que a cercavam. O povo amontoara-se para ver subir aos ares um bafão. Era um dia de

alegria e de festa; quando a descobri estava com os olhos erguidos para o ceu. Oh! se ella soffresse, se implorasse a Deus uma consolação, não estaria mais sublime e radiante. O que a fazia confundir o azul dos seus olhos, com a limpidez do firmamento era a curiosidade de creança. E contemplava o balão que subia, alheia á vozeria da gentilha. Desejaria elevar-se tambem ás alturas, e então estava scismando no devaneio d'esse desejo? Quem sabe os caprichos que passam pela alma de uma mulher? Quem pôde contar todas as ondas que faz uma brisa perpassando levemente á flor das aguas? Quem pôde dizer como se formam todas as visiculas da espuma alvejante que se desfaz? Quando baixou os olhos á terra deu com os meus, que a contemplavam, sorriu-se. Oh! como aquelle sorriso me faria esquecer todos os pezares, me daria coragem para todas as luctas, me insuflaria alento para os mais inauditos esforços, se ella se não sorrisse assim para todos.

Para todos! É este egoismo do sentimento que gera os nossos males, e exarceba a mais terrivel das paixões, a mais selvagem e vil, que é só grande pela loucura. Eu tinha ciumes de todos, porque ella sorria prodiga de encantos, tanto para os que

passavam indifferentes, como para o que a contemplava com o desinteresse com que se olha para um marmore antigo ou adorando a sua morbidez de Madona, como para aquelles espiritos baixos e abjectos que a fitavam desassombrados, preocupados de um desejo faminto e estúpido de sensualidade.

Creança e indiscreta, seria a innocencia que a fazia sorrir para todos, como uma borboleta que vôa de flor em flor, ou como uma rosa que embalsama de perfumes todas as virações que passam? Eu não sabia e tinha medo da verdade. O amor triumphava completamente do estudo. A verdade que procurara incansavel no ardor das vigílias, agora já me não mostrava os mesmos encantos. Queria que se escondesse, que se não deixasse tocar por mim, como um arcano divino. Quem podesse viver sempre illudido! Oh! verdade! verdade! para que vens agora, que te não busco, acordar-me tão cedo do sonho doirado?

A multidão dispersou-se ao vir da noite; e fui seguindo para onde ella habitava. Ia perdido a distancia, sem conhecer as ruas; a pequena, distrahida, como por descuido olhava para traz. Depois que soube onde morava, procurava a cada instante vel-a. Havia uma fatalidade que me atirava para

essa mulher. Só, no meio de uma cidade grande, desconhecido, amava a perdição, e sentia-me arrastado, sem ter ao menos um Tiberge que me salvasse, como o amigo do infeliz Des Grieux. O futuro! nem já podia vê-lo, com a vertigem que um olhar fascinador me causava; apagava-se esse ideal que me dera tantas vezes coragem nos transes e prostrações da vida. Ria-me do futuro. E que é o futuro? De que me vale prepará-lo, consumindo a vida, se me foge antes de o gozar? Viver obscuro! embora n'uma mansarda, mas ter um dia, ao menos, a mais pequena realidade de tantos sonhos! Ter que apalpar entre as visões brilhantes, sem corpo, e que nos mentem sempre. Viver obscuro! Que haverá melhor, quando se tem ao lado aquella que se ama e resume todos os encantos e riquezas do mundo na mais pequenina de suas falas?

Sentia-me escorregar lentamente para o precipício; a paixão dava-me uma lucidez com que explicava a loucura e a justificava diante da consciencia que me accusava de instinctos baixos, sem dignidade. Aparecia-me á janella todas as tardes, sentava-se ali e costurava. Tinha um orgulho indissivel ao lembrar-me que, de entre todo aquelle bulicio de gente desconhecida, havia uma mulher

que pensava em mim e me estava esperando. O amor tornava-me tímido; queria falar-lhe e não sabia. Pedi então à poesia que falasse por mim.

Para um amor puro, ethereo, que se esconde e não se atreve a declarar-se, nada o exprime melhor no seu vago do que um soneto. Estudei esta forma, a mais completa das formas lyricas. Elevado como a ode, melifluo e simples como o madrigal, sentencioso como o epigramma, é a synthese de todas as formas do lyricismo. Como o não desenvolveu o genio da Italia, nas suas elevações erotico-mysticas! Nas duas primeiras strophes do soneto, o sentimento revela-se pela imagem, occulta-se sob ella como indefinido, intangivel; o predominio da imagem tem a quadra, forma livre para as representações do mundo exterior. Depois é que o sentimento se mostra no seu esplendor absorvendo em si todas as potencias da alma; é o tercetto que o traduz, numero fatidico, que se imprime mysteriosamente em todos os factos do espirito. Do accordo entre a imagem e o sentimento, provém a diversidade das formas poeticas. Se a imagem se mostra na sua complexidade finita, a poesia tem um character didactico e descriptivo; se o sentimento se sobreeleva á imagem e se manifesta na sua sub-

jectividade, eis o lyrismo puro. É por isso que o soneto é a fórma mais completa do lyrismo. Santificaram-n'o Dante, no retrato do amor ideal, na *Vita Nuova*; Petrarca, exaltando o amor religioso de Laura na solidão de Vaclusa; Miguel Angelo, esse Protheu que encarna todas as fórmas do bello, e Vittoria Colonna, confundenciando ambos com os sonhos da arte, de um modo que ninguem comprehendia o seu platonismo radiante. É tambem nos sonetos religiosos de Lope de Vega, que se conhece a profundidade de sua alma sensivel, e nós de Camões, que se aspira o perfume da saudade de seus amores.

Esquecia-me a discorrer sobre o soneto para evitar o ridiculo de ter assim cantado esse desvario. Eu a via todas as tardes á janella; tinha a seu lado um passarinho, que saltitava, chilreando contente, para quem falava, dizendo o que queria que eu ouvisse. Como não perceberia elle estes segredos d'amor, quando o estava embalando com o seu cantar soffrego, tremente. De uma vez atirei para dentro da janella este soneto que traduzi do hespanhol de Lope de Vega. Não ha expressões humanas que possam dizer mais :

Dava alimento a um passarinho um dia
 Lucinda, e pela estreita portinhola
 Foi-se-lhe a ave das grades da gaiola
 Ao vento livre, onde a cantar vivia.

Entre-rindo, a mãosinha ella estendia
 Para o suster; na dor que a desconsola,
 Diz (pois como a vergonhea se estiola
 Sem luz, sua face a pallidez tingia):

« Onde vás? por que deixas este ninho
 « Que de frouxel teceu a doce amiga,
 « Que a brincar com o teu bico se enamora? »

Ouviu-a enternecido o passarinho,
 Bate as azas para a prisão antiga,
 Que tanto póde uma mulher que chora.

O que haverá na poesia antiga que exceda este primor? Quem soube idealisar assim uma lagrima? Comprehenderia ella a profundidade d'este sentimento? E sorria-se de cada vez que lhe enviava novas confidencias, mas do mesmo modo que sorriá para todos. Para todos! Sempre esta idéa infernal a envenenar-me todas as horas da vida. O poder das lagrimas que lhe descobri, a *fraqueza* que vence todas as forças, não tinha esse mysterio, quando as derramei ao ver-me nú, abandonado pela esperanza fagueira, que fugira como o passarinho de Lucinda. Disseram-me... nem eu sei o que me disseram. Fôra a mãe, a mesma que a susteve nos

joelhos quando a atirou á vida e a amamentou de seu leite, quem a arrojou á perdição. Quem havia de adivinhar que sob um ar de candura, que a cercava de uma auréola divina, vergava uma alma oppressa pelos insultos dos que lhe pagavam! O que é uma cidade grande! Não se devoram com os horrores da anthropophagia, mas a vida vae continuamente alimentando-se da vida. Não sei, não posso contar-te tudo. (1864, julho.) »

Um anno depois encontrámo-nos; o pobre rapaz estava possuido novamente da paixão dos livros. Era uma anciedade de saber, não menos funesta, que o amputava para todos os gosos da vida. Não me atrevia a falar no antigo amor; tinha medo de acordar-lhe as agonias que estariam talvez já adormecidas. De uma vez, estávamos juntos, vi passar a distancia uma rapariga, um typo raphaelico de candura; ia seguida por uma mulher velha e tropega. Era uma antithese que fazia pensar muito. Elle olhou-a e foi acompanhando-a com a vista, com certa anciedade; depois, como refreado pela reflexão, olhou para mim envergonhado, córou e disse, procurando esconder esta impressão repentina:

— É ella.

Não comprehendí immediatamente; fui barbaro, pedindo que me explicasse o mysterio d'essas palavras intercotadas. Elle apenas pôde proferir uma, mas que era o resumo de todas as dores e decepções, da compaixão que ainda sentia, do ideal a que tinha aspirado, da fatalidade a que tinha succumbido. Olhou-a, ella já ia longe; depois que a viu desaparecer, disse, contemplando ainda:

— Uma ruina!

O EVANGELHO DA DESGRAÇA

Era uma creança linda, linda como os amores. Os movimentos impensados da infancia davam-lhe a cada instante uma nova expressão de candura, faziam amal-a, beijal-a. Ella não sabia que estava sósinha no mundo; a pomba não tinha a aza maternal sob que se occultasse, quando viesse o abutre pairando para arrebatá-la. Ria descuidada.

A graça com que saltava! Parecia um pequeno gato quando brinca.

Faltava-lhe pae e mãe que lhe soubessem interpretar todos os requebros, a meiguice das palavras apenas balbuciadas, adivinhar seus medos, aspirar-lhe os risos, unir-se ás suas alegrias, beber-lhe as lagrimas sem motivo.

Era uma florsinha nascida á beira da estrada, exposta aos ventos da noite, ao rigor das calmas, ao tropel dos que passam, banhada de perfume

que ninguem vem respirar, derramados ao capricho das virações. Pobre filha! Como estas plantas que se estiolam e seccam, mal rebenta o gomo que as hade substituir, a mãe morrera ao trazê-la á luz; com ella se foram para a cova todos os carinhos que nos embalam e fazem esquecer as dôres por onde se nos dá a conhecer a vida.

Sem mãe!

Ninguem sabe o que é ver descer a noite negra, e as creanças que brincavam connosco cairem de cansadas em um regaço que acalenta, ouvir as cantigas que as adormecem e lhe afastam o medo; e não saber por que não temos aquillo tambem, não haver quem nos chame, nos fale e nos conte maravilhas, e nos esconda no calor benigno de um seio que bate por nós. A orphandade! E depois quando os primeiros alvares da mocidade começam a doirar-nos a existencia, a acordar a um tempo todos os sentimentos bons e santos, não ter quem nos descubra e faça presentir as sarças que nos podem prender, as torrentes que nos podem levar, os abysmos em que se pôde cair. Uma mãe! Ella nos ensina a amar com o seu amor.

E se o amor inconsiderado da gloria nos arrasta, se a vertigem de alcançal-a dá coragem para nos

affrontar o impossivel, sacrificar a vida por um fumo que o tempo dissipa, feliz de quem tem uma lagrima na vida que nos ensine o que ella vale, para não dal-a por tão pouco.

Mas a pobre creança na sua ignorancia ditosa não sabia d'isto, brincava sósinha, aprendia a ser mãe. Que affagos perdidos com a boneca que embalava ao seio, que beijava, vestia e despia, falando com uma ternura que ella adivinhava, porque nunca no mundo ninguem lh'a havia dado, ensinado.

Aos sete annos perdeu seu pae; era pescador. Elle e a sua barca desappareceram em uma noite de temporal. Costumada a vel-o poucas vezes, a creança não deu pela falta, esqueceu-se de que tinha pae, como se acostumára á falta dos desvellos de sua mãe. O pescador, quando ia para a costa, deixava-a sempre em casa de uma vizinha, com quem distribuia os diminutos ganhos que apurava. Esta vizinha era como todas as pessoas que resam muito com a mira no céu, e de tal fórma se tornam refractarias a todo o sentimento, sem afeição a ninguem, incapazes de uma generosidade, mas para com as creanças, que não comprehendem, mais aterradoras que um mestre de meninos. Quando a vizinha soube da morte do pescador, carpia, de-

plorou, sem saber como subtrahir-se ao encargo da abandonada creança. Se até ali o nimio descuido e desmazello eram providenciaes, porque ao menos não vinham atrophiar os impulsos expansivos da infancia, d'ali em diante a visinha arrogou-se a auctoridade absoluta, expressa n'esta maxima popular — quem dá o pão dá o ensino. Mas a creança tinha um dom que a defendia de todas as atrocidades brutaes da prepotencia irresponsavel, era linda, linda!

Quantas vezes não passou pela cabeça da desalmada visinha amparal-a até á idade em que pudesse auferir um lucro criminoso d'aquella formosura angelica. Belleza funesta que vem accumular a desgraça á indigencia, dar uma côr mais sinistra á miseria. Tinha sete annos apenas! custava tanto esperar. Lembrou-se então a visinha — uma idéa luminosa que a livrou de escrupulos de consciencia e lhe asserenou o animo alvoroçado por uma caridade que a sorte lhe impuzera — a creança tinha ainda um avô do lado materno, feitor de uma rica propriedade. Era a algumas legoas de distancia; em um domingo, depois da missa da madrugada, poz-se a caminho com a pequena e foi entregal-a ao avô.

Nada mais lindo do que a infancia e a velhice quando se amam e se comprehendem; tem ambas

uma frescura juvenil, o frescor dos orvalhos dourados da alvorada e da geada nocturna, a luz e a sombra formando um grande crepusculo em que se scisma senhando alegrias por vir e illusões que não tornam.

Não se descreve a loucura de júbilo que o velho sentiu ao ver a criança, carne da sua carne, uma parte da sua alma, que reflorescia viçosa no engraçado renovo. Ria, chorava no seu transporte, doudo, doudo de contente ao beijal-a. Fitava-a, esquecia-se a ver-se n'aquelle retrato, a menina dos seus olhos, como lhe chamava quando os soluços lhe não embaraçavam a voz.

— Eu não podia morrer, sair d'este mundo, sem te ver, minha filha! Tu bem sabias isto, foram os anjos que t'o disseram, por isso quizeste vir. Trazes-me o dia mais alegre da minha vida. Quando tua mãe nasceu foi n'um dia como este, e eu não me alegrei tanto; não me lembrava que uma filha é o melhor encanto da velhice! Estava longe da minha aldêa, muito longe, andava na guerra havia quasi um anno, e ainda não era bem um que estava casado. Quando voltei já tua avó e tua mãe tinham morrido. Não te importam estas coisas! Tu queres brincar? Vae correr, anda á tua vontade. Como ella

é tão bonita! Eu choro sem saber porquê! Tinha pedido tantas vezes ao pae que a trouxesse cá um dia. Eu não devo deixal-a ir; ella é minha.

Quando o velho soube que a creancinha estava completamente orphã no mundo, deu graças ao céo por lhe haver poupado a vida de tantos riscos que atravessára. Julgava-se o roble secular que protege o arbusto flexivel, quando as rajadas retonçam na floresta. Queria penetrar os designios da providencia, que o destinára no declinar dos annos para a guarda d'este thesouro de candura.

O velho, á noite, sentava-a sobre os joelhos, falava como a uma pessoa desenvolvida, contava-lhe historias do passado, até que a adormecia, e se esquecia vellando ao pé d'ella, horas inteiras. O que lhe não contaria o velho na sua simplicidade de justo? Mutilado como estava das longas batalhas em que entrára, perguntava-lhe a creança a historia de cada cicatriz. Ella nunca vira estas disformidades nas outras pessoas e tinha medo; o velho distraia-se de continuo pintando-lhe os recontros, as contra-minas, as cargas; ás vezes não falava para ella, falava comsigo, vehemente, exaltado, por fim ria-se de si, e acabava por beijal-a muito. Isto repetido quasi sempre ao fim da tarde, quando o sol darde-

java na aresta da montanha, e vinha de longe a toda doerida e solitaria da sineta de uma freguezia proxima.

A apparencia do velho infundia consolação; a falta de dentes dera-lhe uma disposição aos beijos desbotados de modo que parecia ter sempre um riso de mofa, inoffensivo, divertido, communicativo. Sobretudo o que era mais sympathico na sua fealdade eram uns olhos, de pequenos, tão alegres e vivos, que pulavam, como no vigor da idade e das paixões, em umas orbitas encovadas, maceradas pela sehectude. As cicatrizes das ballas e espadagadas, misturando-se com as rugas da velhice, em vez de o tornarem repellente, davam-lhe um aspecto attractante, em que o bom humor que o animava deixava reflectir um fundo de bondade, que tem quasi sempre as pessoas que soffreram bastante.

E como não tinha elle soffrido? Noivo, casado de um anno, viu-se forçado a abandonar seu lar, deixar a roupa de camponeo pela farda apertada, a choça pela caserna, o nome por um numero, o leito fresco, cheiroso com roupas de linho pela tarimba, e sobretudo a vida sanctificada da familia que acabava de formar em roda de si, pela guerra em que se ia confundir.

Fôra no tempo da guerra peninsular. Uma estrella funesta o acompanhou sempre, amparando-lhe a vida para soffrimentos inauditos. Nunca entrou em acção d'onde não voltasse ferido; todos galar-doados sempre, d'elle ninguem se lembrava! A jovialidade dava-lhe forças para resistir á oppressão da injustiça. De uma vez levaram-lhe os dedos quasi todos, porque em uma carga de cavallaria teve de fazer das mãos capacete. Retalhado, calcado aos pés do esquadrão, ainda ali a sorte acintosa o guardou para novas provações. O pobre soldado não sabia queixar-se; por fim como não pudesse dar ao gatilho, passaram-no para a artilheria.

Ahi subiu de ponto a sua infelicidade. Em uma investida a peça que descarregava esteve quasi nas mãos do inimigo; era um magnifico apreza-mento. Exasperado de raiva, encravou-lhe o busil, para não fazer mais fogo. Depois que a levassem os contrarios! Nisto o pelotão foi distraido para outro lado. Julgaram então o misero soldado traidor aos seus, e descarregou-lhe o general um golpe que o estendeu por terra. Em uma nova investida dos contrarios conheceram a prudencia do artilheiro, mas deixaram-no estendido por morto; as carretas passaram por sobre elle e fracturaram-lhe as pernas.

Pediu debalde aos inimigos, que iam de avançada, que o acabassem de matar. Ninguem o ouviu, com o estrepito das descargas e do rodar dos trens, o ruído da cavallaria e o ecco dos clarins. Depois da batalha, quando iam atiral-o á valla, pediu que lhe poupassem a vida. Doerant-se d'elle e levaram-no.

Passados longos annos, depois de percorrer alheias terras e affrontado a fome e a solidão de estrangeiro, pôde voltar á sua aldêa, desacompanhado de felicidade, sem um unico signal de reconhecimento pelos serviços. A esposa que deixára um anno quasi depois de casado, tinha já morrido, deixando uma filhinha na orphandade. Ella mesma fôra crescendo, fizera-se mulher; humilde, havia dias que se casára tambem com um pobre pescador. O velho soldado não quiz ir aguar com a sua presença a sociedade dos dois esposos; restava-lhe um antigo amigo, que ouviu attento as suas calamidades, e o convidou para tomar conta de uma rica herdade que possuia. Ao menos encontrava no fim da vida a suavidade dos campos, e a tranquillidade da solidão.

Quando se tem soffrido muito, cada momento está cheio de saudades da vida, porque o soffrimento é o signal mais certo de que se tem vivido.

Estava pois n'este remanso o velhinho quando no desejo de ver a creança, filha de sua filha, passára annos e annos na doce expectativa. Só quando lh'a trouxeram e a beijou com a lóucura de quem se sente duas vezes pae, é que soube dos novos desastres que o saltaram. Que havia fazer senão resignar-se! Aquella planta debil e mimosa era o que lhe restava na vida; protegia-a com afan, sollicito, esmerado, como um amante, cioso de que um atomo impalpavel de pó a maculasse.

Em todos os momentos, em qualquer parte o velho e a creança agrupavam-se tão bem, que a natureza, por mais bella e surprehendente, era sempre accessoria, o fundo do quadro em que realçavam. N'este idyllo encantador a creança passou a infancia mais descuidada e feliz; a liberdade dos campos, a serenidade do espirito deram-se as mãos no desenvolvimento d'ella.

Estava uma rapariga!

Linda, linda como os amores!

Quem a via esquecia-se a olhar, contemplava.

Era mais um seraphim do que uma creatura.

Os olhos tremeluziam-lhe com um fulgor metálico; pareciam nunca terem sido empanados pelas lagrimas. Cantava a toda a hora como um passari-

nho das balsas ; mas as cantigas que modulava distraida, eram a expressão do segredo mais recondito da sua alma. Lavando na ribeira, ao som da agoa corrente, ouviram-lhe uma vez cantar :

Os meus olhos são dois peixes
Que nadam n'uma alagôa ;
Choram lagrimas de sangue
Por uma certa pessoa.

E quem seria essa pessoa, a primeira que soube arrancar uma lagrima d'estes olhos tão puros e meigos? Maior que todos os poetas, mais do que Deus talvez, quem soube dar fórma ao sentimento d'aquelle coração virginal em uma gota d'agua, uma lagrima caída, irmã gemea das que os anjos andam pelo mundo aparando em suas urnas crystalinas, para as engastarem como estrellas da noite saudosa no vacuo do firmamento. E ella cantava :

O coração e os olhos
São dois amantes leaes,
Quando o coração tem pena,
Logo os olhos dão signaes.

Ella espalhava ao vento os seus pezares, mas ninguem os percebia ; o avô alegrava-se ao vê-la sempre

entrar em casa cantando; mal sabia que a harmonia sonora era o ruído de uma grande tormenta. A pobre criança soffria muito, amava! Ha na vida do coração um momento em que todas as emoções, impulsos e sentimentos se alevantam a um tempo, e vão apoz o primeiro que os acorda. São como os perfumes derrados pela primeira brisa que chega. É como um *estado nascente* da paixão.

Dom Juan sabia por certo este segredo, conhecia o momento em que todas as mulheres se perdem, porque se dão ao primeiro que apparece.

Nem ella conhecia por que amava, nem tamponco o impossivel que se erguia entre o seu amor e o nascimento desigual d'aquelle que a endoudecera com as palavras balbuciadas tremendo. Amava o filho do antigo amigo de seu avô, dono da herdade em que habitava; estúpido, uma d'estas almas boças, nascidas para deturparem tudo, porque não vêem, nem sonham senão o mal, mesmo no instante em que a linguagem mais intima da candura vem affagar-lhes o deserto em que o seu egoismo as esconde. Demais elle tinha esta regularidade de feições, de uma monotonia que enfada, chata, insignificativa, mas que dizia bem com a alma que o animava, incapaz de qualquer acto generoso, de

instinctos vis, mas julgando-se digno de todos os respeitos diante da sociedade. Tanto mais criminoso parecia, quanto era ainda novo, também creança, em quem se espera a ingenuidade dos primeiros annos que tudo perdôa.

Aquelle que a innocente rapariga amava, não pensava senão em perdê-la. Era tão facil! Estava desprevenida, não viu a traição da onça refalsada, onde esperava uma atracção irresistivel! Mal haja quem não fala verdade n'este episodio mais santo e verdadeiro de toda a existencia.

A pobre pequena não sabia estas subtilezas do peccado; foi apoz os seus sentimentos, deixou-se adormecer ao som da voz que a illudia, para acordar com a gargalhada fria e insultante no fundo de um abysmo onde fôra atirada para sempre. A alegria que até ali tivera, e era a sua principal belleza, perdeu-a com a innocencia.

Já não cantava; andava silenciosa, desolada, como na afflicção de uma dôr que se não exprime. A unica pessoa que a amára verdadeiramente no mundo, seu avô, não tinha alma para perguntar-lhe o que a trazia assim oppressa.

Ella envergonhava-se das lagrimas, represava-as, bebia-as! Uma vez, pela volta das trindades, o ve-

lho voltava do trabalho ; pousou a enxada ao canto da choça. Sentaram-se á mesa frugal ; não comiam preocupados por uma angustia que se não atreviam a confessar um ao outro.

A final o avô perguntou-lhe com uma doçura in-excedível :

— O que tens ?

Ella prorompeu n'este instante em uma torrente de lagrimas irreprensiveis ; ia para falar, os soluços intercorriam-lhe a voz ; atirou-se ao pescoço do velhinho, estreitou-o a si, sem poder falar.

Era o maior golpe que o desgraçado soldado experimentava, o ultimo que lhe abalava a vida.

Compreendeu tudo.

Traduziu as meias palavras da queixa dolorida, e soube que o filho do seu protector fôra o seu algoz.

Não podia accusal-o, vingar-se ; era uma horrivel collisão de deveres ! Ficou com a immobilidade do espasmo ; hirto, como Bonifacio viu diante da multidão que ia para despedaçal-o. Sentado á mesa, com a mudez do assombro, assim permaneceu a noite toda, até que ao outro dia deram com elle regelado. cadaver !

195

O desespero das imprecações do desgraçado da terra de Hus, deitado sobre o monturo, coberto de lepra, envergonhando-se da luz, desejando haver tido o sepulchro por berço e por seio que o escondesse a podridão e os vermes da terra, todo este cicio da immensa agonia da alma que se alevanta até Deus e na sua fraqueza lhe exprobra a desigualdade da lucta, é uma das mais completas, a primeira manifestação do poema eterno da dôr.

Acorrentado sobre os fragedos que te serviram de leito, Prometheu vencido, a Força e a Violencia guardaram os sarcasmos para a hora em que as extorsões convulsas não amedrontam os algozes; deixaram-te aos abutres famintos, fustigado dos ventos, mas ao menos o turbilhão erguia o grito da ameaça; o orvalho das noites refrescava-te o ardor da raiva, e o Oceano consolava-te porque te

dizia : Prometheu, mesmo pregado contra essas rochas, sabes falar ainda com liberdade ! Deus banido, os outros deuses feriram-te porque nos alentaste a vida com a esperança ; se é de força o soffrimento cumpra-se a fatalidade ! Elles não conheciam as dôres fundas, que se não vêem, que matam lentamente, as dôres da alma, não as conheciam por isso não as infligiram. As grandes obras de arte, Job e Prometheu, foram os que fizeram sentir no mundo as maiores dôres ; mas a dôr moral, que os deuses antigos desconhecaram, a dôr muda, essa é uma criação do homem, o maior inimigo do homem.



AQUELLA MASCARA

I

— A dôr transforma-te ! Estás desconhecido. Já não tens o entendimento e vivacidade dos dias da tua alegria. Que desastre repentino te deu essa immobilitade do espanto ? Desfolharam-se tão cedo as flores da tua primavera ; estão desbotadas as rosas de tua face, extinto o fogo d'esses olhos, que davam alma a tudo quanto dizias. A tua alma expandia-se, mostrava-se franca, como a verdade ; illuminava-te o rosto, como um sol rutilante na immensidade tranquilla do mar. Eras exaltado, febril no que sentias ; cada palavra tua era o êsto de uma paixão latente. Tinhas o segredo da fascinação, a magnanimidade do heroe, e a impertinencia do ergotista ; eras a um tempo seraphim e demonio, podias transportar ao setimo ceu, ou atirar ao barathro a

mulher que te seguisse. Tinhas a consciencia da força e rias-te de todas as mulheres, não te affligia o amor. Ainda era cedo para pensares n'isso, se é que se pensa quando nos atiramos á luz que nos deslumbra. Comparavas a sociedade a um oceano revolto, e só tinhas em vista levar o teu baixel a porto seguro; a estrella que te guiava, a monção fagueira que desfraldava aos pontos do ceu a tua vella branca que havia de ser, a não ser o amor? O amor era um pequeno movel para ti; a ambição dava-te maiores impulsos, querias ser grande e dominar, absorver os outros. De facto tinhas em ti um poder assimilador, reduziás os outros a ti. No meio dos caprichos da tua individualidade activa, mostravas grandes verdades. Eras todo sensualista, cercavas a vida de prazeres, mas só d'aquelles que te proporcionavam os recursos infinitos da intelligencia. Para ti a arte era mais do que todas as sciencias do mundo, era a synthese suprema das faculdades do homem, porque é pela arte que elle adquire a consciencia de si. A acção justa, não a conheciás pela harmonia dos principios eternos da justiça, era preciso sobretudo que fosse capaz de produzir uma obra d'arte. Todas as tuas posições eram esculpturaes, podiam-se reproduzir no mar-

more; não era a affectação que te levava a esse estudo, eram as tuas idéas da eurythmia, a necessidade de completar as expressões de tua alma no movimento exterior que mais as significasse. Aquelles que não comprehendiam isto, que se riam e violavam os encantos da plastica, chamavas-lhes *Verna*, um nome insultante, com que mostravas a sua incapacidade para sentirem o bello. Dotado d'esta serenidade impassivel que tem o homem verdadeiramente superior, ás vezes não sabia porque deixavas um instante de ser bom; não se te dava de sacrificar os outros com tanto que te engrandesses. Parecia um egoismo revoltante. Tu não professas a egualdade. Os *Verna* existem, para que entulhem a valla em que o heroe poderia cair. Isto é assim. Já vês que te conheço. Para que te escondes agora? Porque me não contas a anciedade de todas as tuas dôres! Eu sou incapaz de te humilhar com a minha compaixão. Se te custa, não me digas tudo, deixa-me adivinhar, presentir o mais; temos em tudo a necessidade do indefinido. As grandes dôres são como as lagrimas; são mais ardentes á medida que se represam.

— Eu tenho vergonha de te não haver descoberto ha mais tempo o labor mysterioso que se tem ope-

rado em minha alma. Amo ! Esta palavra diz tudo. A minha agonia provém do meu orgulho ; é um golpe que doe sempre, eternamente, que me faz ser mau, vingativo, e me dá força para esmagar os outros. Em mim o orgulho é o movel de todos os grandes sentimentos, é elle que me pôde fazer mais do que homem. Tu sabes perfeitamente a minha vida ; tem sido até hoje um combate incessante ; a aura pequena que me cerca, o favor e a consideração que tenho, tem sido uma conquista infatigavel, como aquelles combates sangrentos da velha tactica nas minas e contraminas das fortalezas. Detestei a familia em que nasci porque foi a primeira que me humilhou e me queria egualar. Não imaginas que esforços inauditos para conseguir uma diminuta independencia á custa de um trabalho insano, o trabalho da intelligencia, que ninguem reconhece, que se não paga. Depois, vêr-me envolvido na alta sociedade, ter de competir e de mostrar-me forte, não querer que ninguem adivinhasse a minha indigencia ! Não sabes, o que é voltar alta noite do ruido de uma grande festa e atirar-se um homem cansado a cima de uma enxerga alastrada em mansarda lobrega, depois das mais brilhantes ões, depois de ter aspirado o perfume quasi ce-

lestial da gloria. Quantos n'aquella noite não invejariam a minha transfiguração, sem saber que o Thabor por onde subia era semeado de cardos que me ensanguentavam. De um dia para o outro me vi cercado de gloria; falava-se em mim, queriam vêr-me, estava em moda, era recebido como principe, festejado, seguido. Explicavam a distracção continua que me tornava alheio a este culto perenne, pelo extasi da alma, pela abstracção continua do espirito pairando entre o ceu e a terra. Não era assim. Lembrava-me o passado, a miseria e o abandono do dia de hontem, e doía-me o contraste. A gloria só por si era pouco, não me saciava. Queria bastante gloria, mas para dal-a. Tinha necessidade de encontrar uma pessoa no mundo que vivesse da minha vida. Para amar tinha os typos da minha phantasia; desenhava-os a meu capricho, como queria; puros como Ophelia, dedicados como Griseldis, minhas, minhas como *la Belle au bois dormant*. Mas os dias corviam sem novidade de impressões, e os typos archangelicos que me cercavam, que evocava dos abysmos da imaginação ardente desamparavam-me como as filhas do Rei Lear. Lembras-te do quadro gigante traçado pela audacia de Shakespear, quando o velho pae, com as acns fluctuando

ao vento da tempestade, no inverno, caminha desolado no seu abandono? As filhas da minha imaginação desamparavam-me, e o tédio da alma era o deserto glacial em que me via perdido. Eu sentia em mim bastante fogo, muita vida, para dal-a a quem viesse compassiva e não soubesse mesmo confessar o seu amor. Havia de interpretar cada olhar, como uma aurora que se abre, cada sorriso como uma cataracta de luz que nos envolve e nos confunde no infinito. Creara um longo sonho de amor, bello, bello, quanto sabia que era impossivel soltal-o no mundo. Por fim convenci-me tanto da verdade que o julgava possivel. Conheces estes sonhos dos nevoeiros do norte; quando a ondina se confunde na cerração, e o desejo vehemente de vel-a, de abraçal-a, começa pouco a pouco a dar-lhe fórma, a vestil-a da realidade, até que um dia se sente nos braços d'aquelle que a trouxe um momento á existencia pelo ardor da aspiração? Foi como encontrei a mulher que primeiro me falou de amor. A confiança d'ella fez-me grande. Disse me que não queria a minha gloria; que antes me queria obscuro para ter de amar só a mim. Deixei-me levar por aquellas palavras que eram uma musica celeste; quando já não podia resistir a mim

mesmo, o orgulho atacou-me de frente. Disse-lhe então que era impossível o amor entre nós. Rica, bella, não podia ser amada desinteressadamente, ao menos diante do publico. Tinha vergonha que dissessem que a amava pela fortuna que possuía; esmagava-me esta idéa vil do senso commum. Desde esse instante procurei combater-lhe o sentimento puro que me revelara. Descobri-lhe uma rival, com quem ella, apesar de todos os encantos, não poderia competir, que a deixaria na sombra a estiolar-se, enquanto se aureolava de luz, se dava á adoração de todos; era a Arte, a Arte! Quando lhe descobri esta atrocidade do egoismo, em vez de desmaiar e desfallecer como aquella ingenua e tímida donzella que se prostra ante a magestade olympica de Goethe, repellida pela sua rival a Arte, que a lançou fóra do seu templo, pelo contrario se enlaçou a mim com uma candura infantil, despreocupada, beijou-me em delirio, segredando-me com uma voz que se coava por mim, que me vencia: O que é a Arte sem a realidade! Depois disse-me com a voz languida, frouxa, impensada como a melodia de uma harpa eolia: « Eu bem sei que não tenho uma belleza que deslumbre; nem ella existe senão para exprimir algum sentimento. O que agora se

passa em mim é uma verdade, é por isso que as outras me chamam bella. Se eu tivesse uma correcção de fórmias como um marmore antigo, tinha medo, sabia que não era amada por mim, que me adoravam os contornos da plastica. Gosto mais de ser como sou, posso ser amada com mais verdade. » Sentia-me mais do que Deus; elle nunca teve uma adoração assim; tinha vontade de precipitar o tempo, e chamar-lhe minha. O amor ia crescendo de dia para dia. Diante da mulher que eu sonhara, era preciso mostrar-me grande para merecel-a. « Eu bem sei que a minha familia hade combater o nosso amor; que importa! Tenho medo de não poder lutar. Se me violentarem a casar com outro, tens direito a reclamar quando quizeres o teu amor. » É impossivel! Nunca. Essas palavras na bocca de qualquer eram infames, abjectas; ditas por ti, são uma dôr funda, a abnegação de quem não sabe resistir. Eu pensava em alcançar uma posição social á custa de todos os esforços; depois iria pedir a sua mão de esposa. O successo está em não precipitar o tempo. Confiava na minha vontade inabalavel. Num instante desampararam-me todos os planos de felicidade; vi-me só! Não sei mesmo a quem accuse. Seria por força minha se eu pudesse ser infa-

me. Ninguém mentiu. Perdi-a para sempre; entre nós enganou-se o impossível. Eu nunca duvido do seu amor; mas de que me serve agora, que é já legalmente de outro homem? Não sabia que estava já casada? Não sei como explicar isto! Ella tinha um primo, o unico herdeiro de um titulo, das grandes riquezas de sua familia. Era a unica pessoa que restava, rachytico, infesado, com a doença hereditaria, que foi levando um após um os seus irmãos. Voltara de uma viagem pela Europa; elle mesmo chegara a esquecer-se do praso fatal que lhe estava imposto pela doença. Apaixonou-se pela prima, pediu-a, dizendo que não queria deixar extinguir-se o nome de sua casa. Accederam immediatamente. A victima innocente não pôde resistir a estes combates domesticos, de todos os dias; deixou-se levar, como o cordeiro do sacrificio. Vi-a pela ultima vez no carro com o noivo: senti-me pequeno e envilecido, parece que me enterrava pelo chão. Depois não tive coragem de apparecer. Temia os epigrammas dos outros. O orgulho é o meu maior algoz; devora-me como um cancro. Sinto-me mau, com vontade de esmagar os outros, não comprehendendo a generosidade. Este desgosto fez uma alteração profunda em

minha vida ; nunca mais posso falar verdade, porque me mentiram no momento mais santo da vida. Sinto-me com a imbecilidade do assombro, estou estopido ; sou um involucro vazio, abandonado pela borboleta; como uma concha atirada do fundo do mar immenso a uma praia deserta. Apossa-se de mim um desespero insoffrido ao lembrar-me que ainda sou creança, e que tenho de arrastar uma vida erma de todas as esperanças.

— Eu bem sei que não mentes, que não é imaginaria a tua dôr. Basta olhar para a tua face ; tem empanado o brilho da mocidade ; é como um lago que vae perdendo a limpidez, e que as bafagens mornas evaporam. Eu queria saber consolar-te sem te humilhar. Bem sei que é muito difficil. Não achas a minima distracção onde os outros encerram todos os seus prazeres. Deixa que a tua indiferença te leve. A mulher que amaste é hoje condessa, e abre os seus salões aos amigos que festejam os annos de seu marido. Vem comigo. É um baile de mascaras. Ninguem te pôde descobrir ; eu apresento-te como um amigo intimo. Tu precisas cauterisar essa agonia. Vem vestir-te.

II

Pela volta das onze horas da noite os dois mascarados foram introduzidos na sala do baile. Era mais vivo o estridido das walsas; as côres deslumbrantes, as pedrarias, os reflexos da luz, a confusão e o delirio, os pares enlaçados n'um volteio frenetico, tornavam communicativa, convulsa tamanha alegria. Entraram desapercibidos, sob dominó singelo. Debaixo de uma mascara de setim ninguem sabia que andava escondido um grande desgosto; a mascara servia mais para não deixar ver aos outros aquella tristeza funda que não era para ali. La pelas salões olhando, seguindo, como quem caminha nas trevas. Cada vulto que passava, gracejando, rindo distraido, parecia-lhe uma larva errante n'um páramo deserto. Tanta mulher bella, tantas palavras de amor, vibradas tremendo, e nem uma sombra leve de verdade. Como os homens se alegram quando sabem que estão entre si a mentir!

N'essa noite a condessa estava arrebatadora de encanto; acabara de tirar a mascara n'esse instante, e o calor que lhe afoqueava a face dava-lhe uma côr lasciva, de endoucer; o cançasso, os labios entre

abertos, que estavam como a pedir beijos, tornavam-na languida, voluptuosa como a huri mais ideal dos sonhos do propheta. Caíam-lhe algumas tranças desprendidas no fragor da dança, sobre os hombros alabastrinos, como n'uma travessura, como os cabellos de uma odalisca que se alevanta do banho embalsamado e tepido. Uma das rosas da sua grinalda caiu casualmente no chão. O olhar mais ardente e expressivo de uma mulher, não podia ser tão fatal como a queda d'aquella rosa. A mascara de setim aproximou-se mysteriosamente e ergueu-a do chão. A condessa seguiu-a vagarosamente com a vista, e esperava que a flor lhe fosse restituída. O mascara escondeu-a em si, e confundiu-se nos grupos que se cruzavam. Ninguem deu por isto. Depois a orchestra rompeu com as notas estridentes e repentinas de uma contradança.

— Digna-se V. Ex.^a dar-me a honra de ser meu par? — Disse o mascara de setim aproximando-se levemente da condessa.

— Com tanto que diga para que escondeu a rosa?

— Se escondi a flôr, temia que a calcassem aos pés. Custava-me tanto vêr esmagada a imagem mais triste de minha alma. — Apenas proferidas estas palavras com a voz abafada e tremula, a condessa

ergueu-se de subito, hesitando se deveria ouvir uma confidencia que a compromettia ; o mascara de se-
tim deu-lhe o braço e foi collocar-se ao fundo da
sala diante do seu vis-a-vis, triumphando d'aquella
irresolução.

— E o que pretende fazer d'essa flôr?

— Guardal-a.

— A sua determinação leva-me a perguntar quem
lhe deu direito para tanto ?

— Não devo dizel-o.

— Ordeno !

— Não é justo satisfazer todas as indiscrições,
principalmente quando...

— Complete !

— A ingenuidade de creança...

— Diga tudo.

— É irresponsavel pelo passado.

— Não comprehendo! — Retorquio a condessa fi-
tando a mascara, procurando em vão surprehender
debaixo d'ella quem seria capaz de falar assim. Um
mixto de terror e de curiosidade embaraçava-a, não
sabia o que devia fazer. Depois de alguns instantes
de silencio, disse quasi em lagrimas: — Tenbo medo
de si ! Oh dê-me essa flôr.

— Nunca !

— Exijo! — tornou a condessa com a voz sumida, sentindo-se dominada pela fascinação do desconhecido.

— Aqui está a rosa, — disse o mascarado tirando do seio a flôr quasi murcha. — É impossivel entregal-a. Eu posso exigir mais em paga d'ella. Posso exigir tudo! É uma promessa inviolavel como o juramento. Um dia a mulher que eu amava, no extremo de sua vertigem e loucura por mim, prometeu ir até onde eu estivesse, e ali entregar-se-me, se soubesse que eu tinha a vida contada por instantes, e havia de sair d'este mundo sem abraçal-a ao menos uma só vez como minha. Os desgostos tem-me devorado lentamente a existencia; presinto a cada instante em mim a frieza do sepulchro, e não soube ainda erguer a voz e reclamar a promessa fatal. Nem eu a quero! Bastou-me ouvir-a para anticipar no mundo todas as venturas do empyreo. Deseja a rosa ainda?

— O senhor dilacera-me! — volveu a condessa com a voz dorida, e com uma delicadeza inexcusavel.

— Se a flôr que deixou cair está cheia de espinhos! Não me atrevo a entregal-a. Dou pela rosa a unica idéa que me podia fazer persuadir que ainda

vivo ! É uma troca generosa ! Aceita ? Um dia a mulher que eu amava, conheceu a desigualdade da nossa posição, disse-me, de um modo que só ella saberia dizer sem macular a ingenuidade de sua candura : — « Se me violentarem a casar com outro, tens direito a reclamar quando quizeres o meu amor ! » Seria uma infamia vir lembrar-lhe uma palavra proferida no momento mais exaltado da paixão, para perdê-la por um capricho. Não vale essa promessa. Agora ainda quer a flôr ?

— Oh, não ! não ! — accudiu a condessa represtando as lagrimas que lhe inundavam os olhos scintillantes. — Eu não sei o que quero agora ! Ninguem podia falar-me assim a não ser... Fale-me, eu estou conhecendo esta voz ! É impossivel que não seja ! Não sabe como é horrivel esta incerteza. Não o julgo capaz de atraiçoar-me ! Erga uma ponta da mascara, deixe-me vê-lo, a mim só, e fico descansada.

— Eu não podia atraiçoal-a, nem mentir-lhe. Sou quem imagina ; vim para vê-la pela ultima vez, porque me sinto acabar ; estão contados os dias da minha vida ; passo com as folhas d'este inverno. Bem o conheço e resigno-me. Não pensei que o primeiro amor que se tem na vida poderia ser tão funesto.

— Oh, não fale assim, que me mata ! Eu tenho remorsos de não ter luctado mais tempo ; não tive culpa ; minha familia quiz a minha infelicidade. Eu amo-o porque não sabe accusar-me. Quero vê-lo já que não é possível mais. Tire por um instante a a mascara. É o que ousou pedir-lhe.

— Eu tenho medo de arrancar a mascara ; está pregada com o suor frio que me escorre da fronte. Para que me quer vêr ? Estou tão demudado ! Não sou o mesmo. Deve ter horror de mim, estou quasi esqueleto.

— Por um instante só ! quero vê-lo, afaste um pouco a mascara. — N'este instante a condessa voltou a face de aterrada. Contemplou de relance os estragos que uma dôr lenta fizera sobre as faces tão animadas que primeiro reflectiram os seus primeiros rubores. Fez um esforço inaudito para suster-se; o mascara de setim deu-lhe novamente o braço e foi sental-a no mesmo logar onde tinha caído a rosa da grinalda; depois segredou-lhe umas palavras de abnegação e bondade :

— Esta rosa é a primeira que hade refflorir sobre o meu sepulchro. — E saiu ; a noite ia remota ; os alvares da madrugada luctavam com as luzes baças das salas, o acordar da natureza com o ruido ver-

tiginoso da festa; o tédio e o cansaço traziam a desanimação, como acaba sempre o baile mais esplendido.

III

Apezar da impertinencia de rachytico e da estupidez vinculada na sua descendencia, o conde tratava perfeitamente sua mulher. A causa d'este respeito provinha da desigualdade, da força de intelligencia, da graça com que ella se tornava interessante para todos. Admiravam-n'a, e esta veneração reflectia-se um pouco sobre o marido. O conde sentia que sua mulher lhe dava a importancia que não tinha por si, e respeitava-a tambem.

A alegria com que ella andava! Sentia-se mãe, tinha vontade de amar. Dera-lhe Deus um filho, uma alma por o seu amor. Parecia-lhe que ao beijal-o, ao tel-o sobre os joelhos, se esqueceria de tudo, de um passado feliz, de uma união forçada, do vasio da existencia, mesmo d'aquella noite ligeira, em que contemplou as ruinas que fizera, e que lhe deixou recordações pungentes, infinitas. Depois, a lembrança do passado amor, o primeiro, o puro, o intimo, vinha unir-se a esta idéa risonha de ser mãe, que a fazia esquecer-se de tudo! Pobre

✓
PF
SS

1

.

1111 1 1 110



Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: **AUG 2002**

PreservationTechnologies

A WORLD LEADER IN PAPER PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111



